



A eletricidade chega à cidade:  
Inovação técnica e a vida urbana em Natal (1911-1940)

ALENUSKA KELLY GUIMARÃES ANDRADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA: NATUREZA, RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E  
PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS

A eletricidade chega à cidade:  
Inovação técnica e a vida urbana em Natal (1911-1940)

Alenuska Kelly Guimarães Andrade

Natal, julho de 2009.

ALENUSKA KELLY GUIMARÃES ANDRADE

A eletricidade chega à cidade:  
Inovação técnica e a vida urbana em Natal (1911-1940)

Dissertação apresentada como requisito parcial para qualificação de mestrado no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa I – Natureza e relações econômico-sociais e produção dos espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais e co-orientação do Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

Natal, Julho de 2009.

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Andrade, Alenuska Kelly Guimarães.

A eletricidade chega à cidade: inovação técnica e a vida urbana em Natal (1911-1940) / Alenuska Kelly Guimarães Andrade. – 2009.  
174 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, Natal, 2009.

Orientador: Prof.º Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Co-orientador: Prof.º Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

1. Energia elétrica – Natal (RN) – 1911-1940. 2. Modernização – Natal (RN). 3. Vida urbana. 4. Identidade. I Arrais, Raimundo Pereira Alencar. II. Rocha, Raimundo Nonato Araújo da. III. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. IV. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU *94(813.2)*

ALENUSKA KELLY GUIMARÃES ANDRADE

**A eletricidade chega à cidade:**

Inovação técnica e a vida urbana em Natal (1911-1940)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Gildo Magalhães dos Santos Filho  
(Avaliador externo)

---

Prof. Dr. Hélder do Nascimento Viana  
(Avaliador interno)


---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira  
(Suplente interno)

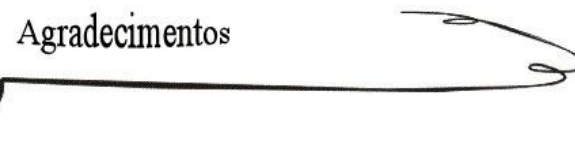
Natal, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

*In memoriam*  
Para minha amada avó Venina  
Mulher guerreira, dona de suas vontades!  
Que passou boa parte da vida  
em sua máquina de costura gasta  
costurando o tecido que somos!

Em retribuição saudosa  
aos dengos e ensinamentos que recebi.



## Agradecimentos



Nessas páginas há muitos arquivos, instituições, professores, amigos e familiares. Há muitas perdas e parafraseando uma querida amiga “há muito crescimento”... Muito trabalho, cansaço, textos, madrugadas e, principalmente, um enorme prazer, uma grande paixão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa de mestrado, sem a qual seria impossível a elaboração dessa dissertação;

Aos responsáveis e os funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Arquivo Público do Estado do RN; na cidade do Rio de Janeiro, ao Centro de Memória de Eletricidade, o Centro Norte rio-grandense e a Biblioteca Nacional;

Ao meu orientador Raimundo Arrais, um amigo que me guiou nessa empreitada, pelo crédito e confiança, pelas palavras acolhedoras em tantos momentos de angústia e dúvida vividos, por tantos momentos felizes compartilhados em conversas, almoços e atividades. Poderia escrever páginas agradecendo a sua participação sensível na construção deste trabalho, na minha formação e na minha vida;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História da UFRN, pelas discussões promovidas nas disciplinas cursadas, muitas das quais aparecem em vários pontos deste trabalho. Em especial, ao professor Durval Muniz, na posição de coordenador sempre disposto a ajudar, e a professora Fátima Lopes, que assumiu a coordenação no último ano, e que se mostrou, também, acessível e atenta as minhas solicitações;

As pessoas que passaram pela secretária do Programa nesse período, em especial a Cétura e a Isabelle. E ainda, a Ivis (Bolsista de Apoio Técnico). Todos sempre me receberam com delicadeza e se mostraram dispostos a ajudar;

Aos professores Helder Viana e Raimundo Nonato, que contribuíram com esse trabalho em várias situações, na banca de qualificação, nas reuniões do grupo de pesquisa, na convivência na sala do grupo. Em especial a Nonato pelo acolhimento como meu co-orientador na reta final deste trabalho;

Aos membros do Grupo de pesquisa “Os Espaços na Modernidade”, dentre os quais, gostaria de destacar a contribuição de alguns amigos: Márcia Marinho, pela atenção em enviar documentos que considerava interessante a esse trabalho, sempre que se deparava com eles em suas pesquisas; a Helicarla Morais, que tanto escutou minhas loucuras e inquietações e com palavras delicadas e reflexivas ajudou-me a pensar várias questões do trabalho; a Renato Marinho, colaborador imprescindível em vários momentos deste trabalho, com correções, traduções, questionamentos e, especialmente, com paciência.

Aos colegas de turma de mestrado, especialmente a três: Tiago “pernambucano” responsável por muitos momentos de descontração, risadas e bobagens; a Tiago “expostos” com quem compartilhei desde a seleção as alegrias dessa etapa; a Neto com quem dividi o estágio docência, a viagem de pesquisa ao Rio de Janeiro, dúvidas e conquistas;

A alguns amigos cujo apoio, a torcida e os incentivos foram fundamentais: Dulciana, Andreia Eustáquio, Lúcia Branco, Anna Karenina e Alexandre, Saimonton, Flávia, Deborah e Silvio;

A minha mãe, com quem discuti inúmeros trechos e idéias, pela compreensão de tantos momentos ausentes, pelos incentivos e cuidados, pela dedicação e amor sem limites.

Ao meu pai Sérgio, pelos cuidados que um pão fresquinho, daquele tipo em se gosta mais, pode representar.

A minha irmã Liliane, presença radiante de alegria sempre do meu lado; e meu sobrinho Victor Hugo, pelos incontáveis momentos de descontração;

Ao meu pai Nominando, pelos ensinamentos e cobranças, pela vibração e torcida, manifestadas com relação aos meus passos na academia;

A minha tia Ana, minha segunda mãe, pela ajuda silenciosa e constante presente em todas as minhas conquistas;

Aos primos, Venícius, Heloisa e Nina, pela companhia e por agüentarem meus momentos mais tensos.

A Abrahão, meu incentivador constante e incansável, pela credibilidade nas minhas possibilidades, pelo apoio... Com todo meu amor!



## Resumo

Nas primeiras décadas do século XX, um grupo de intelectuais brasileiros tomou para si a tarefa de conduzir a nação aos caminhos do progresso, refletindo sobre as transformações das cidades e, muitas vezes, propondo e se colocando à frente das ações e medidas que direcionariam a modernização do país. Neste contexto, a cidade aparecia como sinônimo de progresso em oposição ao campo, dando-se ênfase à construção do Brasil urbano. Em Natal, esse foi um período de sensível modificação no espaço urbano, seguindo os preceitos do higienismo e da estética racionalista, que orientavam as reformas empreendidas em muitas cidades brasileiras. As elites políticas e socioeconômicas da capital do Estado do Rio Grande do Norte desenvolveram o discurso em prol da modernização que objetivava justificar as intervenções na cidade e a introdução da infra-estrutura de serviços urbanos, a exemplo dos serviços de iluminação e transporte, que a partir de 1911 passaram a ser impulsionados por eletricidade. Essa modernização materializa-se por novos equipamentos e serviços, por espaços remodelados de acordo com a racionalidade técnica do urbanista, pela utilização de novas fontes de energia (gás, eletricidade), além do crescimento da população residente nas cidades. Entretanto, não se pode esquecer que a construção da cidade moderna passou tanto pelas mudanças físicas, materiais, quanto pela absorção de valores, símbolos, gestos, vocabulários, objetos, adoção de novos padrões de comportamento e pela formação de novas sensibilidades sobre o espaço urbano e a vida cidadina. Desse modo, os novos padrões tecnológicos, como a eletricidade, possibilitaram mudanças na estrutura material da cidade e na vida urbana em seus mais diversos aspectos. Este trabalho propõe analisar a relação entre energia elétrica e a vida urbana em Natal entre 1911 e 1940, levando-se em conta, para tanto, as ações de intervenção do Estado sobre o espaço urbano e as percepções de intelectuais diante das transformações urbanas que presenciavam. A partir dessa análise, buscou-se especificar os esforços governamentais pela manutenção dos serviços de eletricidade e conservação dos equipamentos urbanos; compreender como a utilização de energia elétrica ajudou a produzir novas situações cotidianas e como foi sentida, traduzida em sentimentos e percepções fundadas na convivência com essa inovação técnica. As elites locais desejavam propagar hábitos considerados modernos, construindo uma identificação com o modo de vida urbano, fortemente inspirado na vida nas cidades Européias e Norte-americanas. A eletricidade possibilitou vivências e sensações que iriam caracterizar o habitante da cidade.

Palavras-chaves: eletricidade, modernização, cidade, identidade, sensibilidade.

## Résumé

Dans les premières décennies du XX<sup>ème</sup> siècle, un groupe d'intellectuels brésiliens a pris pour soi la mission de conduire la nation aux chemins du progrès, en réfléchissant sur les transformations des villes et, souvent, en proposant et en mettant en avant des actions et mesures qui dirigeraient la modernisation du pays. Dans ce contexte, la ville apparaissait comme un synonyme de progrès en opposition à la campagne, en donnant emphase à la construction du Brésil urbain. À Natal, celui-ci a été une période de sensible modification dans l'espace urbain, en suivant les préceptes de l'hygiénisme et de l'esthétique rationaliste, qui ont orienté les réformes entreprises dans beaucoup de villes brésiliennes. Les élites politiques et socioéconomiques de la capitale du Rio Grande do Norte ont développé le discours en faveur de la modernisation qui avait pour objectif de justifier les interventions dans la ville et l'introduction de l'infra-structure de services urbains, par exemple, les services d'illumination et de transport, qui à partir de 1911, ont commencé à être stimulés par l'électricité. Cette modernisation est matérialisée par de nouveaux équipements et services, par des espaces remodelés en accord avec la rationalité technique de l'urbaniste, pour l'utilisation de nouvelles sources d'énergie (gaz, électricité), en plus de la croissance de la population résidente en ville. Cependant, nous ne pouvons pas oublier que la construction de la ville moderne est passée tant par des transformations physiques, matérielles, comme par l'absorption de valeurs, symboles, gestes, vocabulaires, objets, adoptions de nouvelles normes de comportement et par la formation de nouvelles sensibilités sur l'espace urbain et la vie en ville. De cette manière, les nouvelles normes technologiques, comme l'électricité, ont rendu possible des transformations dans la structure matérielle de la ville et en vie urbaine dans ses plus divers aspects. Ce travail propose d'analyser la relation entre énergie électrique et la vie urbaine à Natal entre 1911 et 1940, en prenant en compte, pour cela, les actions d'intervention de l'État sur l'espace urbain et les perceptions d'intellectuels face aux transformations urbaines dont ils étaient les témoins. À partir de cette analyse, nous cherchons à préciser les efforts gouvernementaux pour la manutention des services d'électricité et conservation des équipements urbains ; comprendre comment l'utilisation d'énergie électrique a aidé à produire de nouvelles situations quotidiennes et comment elle a été perçue, traduite en sentiments et perceptions fondées dans la cohabitation avec cette innovation technique. Les élites locales désiraient diffuser des habitudes considérées modernes, en construisant une identification avec la manière de vie urbaine, fortement inspirée dans la vie dans les villes Européennes et Américaines. L'électricité a rendu possible des expériences et sensations qui allaient caractériser l'habitant de la ville.

Mots-clés : électricité, modernisation, ville, identité, sensibilité.

## **Lista de ilustrações**

### **Capítulo 1**

Ilustração 1 – Usina elétrica do Oitizeiro, p. 48

Ilustração 2 – Maquinário da Empresa Força e Luz, p. 49

Ilustração 3 – Capa do contrato com a empresa Tração, Força e Luz Elétrica de Natal, p. 52

Ilustração 4 - Motor e Caldeira da empresa Pará Electric e caldeira a lenha Babcock & Wilcox em construção, p. 63

Ilustração 5 – Mapa distribuindo a atuação da AMFORP, p. 68

Ilustração 6 – Espacialização da linha de bonde, p. 71

### **Capítulo 2**

Ilustração 1 – Avenida Tavares de Lyra, década de 1910, p. 78

Ilustração 2 – Avenida Junqueira Aires, p. 79

Ilustração 3 - Relógio da balaustrada da Avenida Junqueira Aires, p. 80

Ilustração 4 – Praça André de Albuquerque, p. 82

Ilustração 5 – Teatro Carlos Gomes, 1913, p. 83

Ilustração 6 – Avenida Atlântica, (s/d), p. 84

Ilustração 7 – Objetos à mostra nas vitrines do estabelecimento comercial “Pendula Natalense”, p. 113

Ilustração 8 – Anúncio publicitário, p. 114

Ilustração 9 – Casa Rotissere, p. 115

Ilustração 10 – Desenho que acompanhava reclame da Cia. Força e Luz do Nordeste do Brasil, p. 118

Ilustração 11 – Desenho que acompanhava reclame da Cia. Força e Luz do Nordeste do Brasil, p. 119

Ilustração 12 - Reclame de lâmpada Fonte, p. 120

### **Capítulo 3**

Ilustração 1 - Exibição de filme no Cine-Teatro Carlos Gomes, p. 138

## **Lista de quadros**

### **Capítulo I**

Quadro 1 – Comparação da situação dos serviços urbanos no ano de 1912 e 1916, p. 51

Quadro 2 – Custos dos serviços urbanos ao Estado, p.58

## **Lista de siglas**

American & Foreign Power	AMFORP
Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil	CLFNB
Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras	CAEEB
Empresa Tração Força e Luz Elétrica de Natal	E. F. e Luz de Natal

“Um mistério esse negócio de eletricidade.  
Ninguém sabia como era.  
Caso é que funcionava”


Oswald de Andrade

“A luz elétrica do meu tempo  
vinha com a lua cheia”

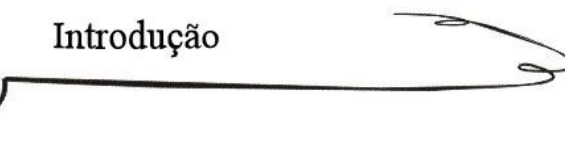
Jorge Fernandes

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16	
 <b>CAPÍTULO I</b>		
<b>A luta administrativa contra as trevas</b> .....	30	
Empresa de melhoramentos de Natal.....	40	
Empresa Tração Força e Luz Elétrica de Natal (E.F e Luz de Natal).....	49	
Repartição de Serviços Urbanos de Natal .....	56	
Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil - CFLNB .....	65	
 <b>CAPÍTULO II</b>		
<b>Identidade urbana: a eletricidade transformando a vida em Natal</b> .....	70	
“A arte de embelezar as cidades”: .....	73	
Eletricidade e construção de novas paisagens urbanas .....	73	
Vivências urbanas .....	83	
Ao “clarear” da noite.....	98	
Novos hábitos/novos objetos .....	105	
 <b>CAPÍTULO III</b>		
<b>Eletricidade e as novas sensibilidades</b> .....	119	
Luzes ofuscantes .....	121	
Personagens técnicos: sensações e apropriações .....	131	
Bondes elétricos: sensibilidades e dinâmica de valores .....	144	
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....		155
<b>FONTES</b> .....		158
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....		167



## Introdução



No mundo contemporâneo a eletricidade tornou-se tão presente que muitas vezes nem a percebemos delineando o nosso cotidiano. A luz acesa, os equipamentos, as informações, tudo ao nosso redor parece girar em torno dessa forma de energia que se tornou banal. Todavia, esse comportamento contemporâneo que tornou “invisível” a eletricidade, tem uma reação bem diferente para aqueles que não a conheciam e ficavam admirados diante das possibilidades que ela criava. Foi essa “naturalidade” dos dias de hoje que me instigou a tentar compreender como as pessoas no início do século XX se comportaram diante de um invento que revolucionava a vida cotidiana.

Meus primeiros passos rumo a essa inquietação começaram ainda na graduação. Na época, participava de pesquisas sobre as transformações urbanas de Natal nas primeiras décadas do século XX, em especial, sobre a construção da rede de saneamento, distribuição de água... Todavia, no contato com as fontes, uma reportagem sobre a inauguração da usina elétrica do Oitizero despertou meu interesse. A partir dela, passei a imaginar quais os impactos da eletricidade na Natal do início do século XX, tema que comecei a desenvolver na monografia de graduação<sup>1</sup>.

Há muitos estudos sobre os impactos de inovações técnicas em várias cidades no mundo. Vale mencionar o trabalho de Mercedes Arroyo sobre a expansão das redes de gás em Barcelona, Madrid e Málaga<sup>2</sup>; de Gerardo Nahn acerca da indústria elétrica Alemã

---

<sup>1</sup> Havia ingressado como bolsista de Apoio Técnico à pesquisa do CNPq no Grupo de Pesquisa História da Cidade e do Urbanismo, coordenado pela professora Dra. Angela Lúcia de Araújo Ferreira, do Departamento de Arquitetura dessa universidade. O Grupo desenvolvia nesse período dois projetos de pesquisas: Do Asseio ao Saneamento: as transformações no espaço urbano da cidade de Natal (1889-1945) e Arquitetura e Urbanismo no Plano geral de Obras - Natal, 1935 a 1939.

<sup>2</sup> ARROYO, Mercedes. Iniciativas empresariales e innovación tecnológica. la industria del gas en la españa del siglo xix. In: *Scripta Nova*: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (11), 2000. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-11.htm>. Acessado em setembro de 2007.



no processo de modernização da Argentina e a transformação de Buenos Aires<sup>3</sup>; de Angel Calvo, que se voltou para o estudo da relação entre mudanças do espaço urbano e a expansão do sistema telefônico em cidades européias<sup>4</sup>; de Giacomo Corna-Pellegrini, o qual analisou a inovação tecnológica como um fator fundamental de diferenciação territorial e transformação social da Ásia Oriental<sup>5</sup>. Entre essas reflexões destacam-se as relações com as transformações no espaço urbano, refletidas no seu crescimento físico e em mudanças sócio-econômicas e culturais.

A eletricidade aparece na historiografia brasileira como um dos fatores determinantes do processo de modernização dos centros urbanos, ocorrido de forma mais intensa entre fins do século XIX e início do século XX. Sua incorporação ao repertório dos temas explorados pela historiografia no país deu-se a partir da década de 1980, num contexto de interesses pela preservação do patrimônio que foi vivenciado pelos pesquisadores dos anos de transição entre o regime militar para o democrático. Essa historiografia buscou redesenhar o perfil das empresas, produzindo uma história empresarial, com o objetivo de analisar as experiências acumuladas pelas empresas que promoveram a eletrificação do país<sup>6</sup>.

As empresas que na década de 1980 monopolizavam o setor elétrico do país realizaram iniciativas de resgate da memória da energia elétrica e de preservação do seu patrimônio. Dentre essas ações, destacou-se o I Seminário Nacional de História e Energia, considerado um marco na pesquisa documental do setor, promovido pela Eletropaulo, em outubro de 1986, com apoio da Eletrobrás.

Nesse contexto, foi criado o Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, que sistematizou e reuniu acervo com documentos-textuais, iconografia, depoimentos, mapas. E

---

<sup>3</sup> NAHM, Gerardo. Las inversiones extranjeras y la transferencia de tecnología entre europa y america latina: el ejemplo de las grandes compañías electricas alemanas en argentina. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788]. Nº 1, 1997. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-1.htm>. Acessado em junho de 2007.

<sup>4</sup> CALVO, Angel. Ciudad e innovación: la formación de los sistemas telefónicos urbanos en europa (1877-1900). In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 52, 1999. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-52.htm>. Acessado em janeiro de 2008.

<sup>5</sup> CORNA-PELLEGRINI, Giacomo. L'innovazione tecnologica come fattore di differenziazione territoriale e di trasformazione sociale. riflessioni generali e il caso dell' asia orientale. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciências Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (2), 2000. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-2.htm>. Acessado em junho de 2008.

<sup>6</sup> Cf.: LAMARÃO, S. T. N. A energia elétrica como campo de pesquisa historiográfica no Brasil. In.: *America Latina em la Historia Económica Boletín de Fuentes*. Cidade do México, n. 8, 1997.

organizou publicações com esforço de síntese, a exemplo do “Panorama do setor de energia elétrica no Brasil”. Destaca-se ainda, o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) criado pela Eletropaulo, para responder pelo acervo herdado da São Paulo *Ligth*, responsável pela publicação do caderno História & Energia. A Cia Energética de São Paulo no início dos anos 1980 organizou o Projeto Memória CESP, para reunir documentos espalhados por várias cidades paulistas, sobretudo o arquivo da S.A Central Elétrica do Rio Claro, uma das mais antigas empresas do setor elétrico em São Paulo. Esse material resultou na publicação em 1986 do primeiro fascículo da série “História da Energia Elétrica em São Paulo” (seguido por mais cinco números). Tais iniciativas concentraram-se, sobretudo, na região sudeste do País.

Estudos na área de história econômica também contribuíram para uma história dessa inovação no país, elaborando uma história dos contratos comerciais, onde a eletricidade aparece como o principal produto, enfatizando as relações entre o desenvolvimento do setor energético e as reformas urbanas, e a expansão do mercado imobiliário<sup>7</sup>.

Nas demais regiões do país, foram realizados nos últimos anos trabalhos no âmbito da pós-graduação. Destacamos a tese de doutoramento de Chélen Lemos sobre o processo de eletrificação na Amazônia, tendo em vista sua articulação com o planejamento territorial, procurando desvendar o papel da energia elétrica nas dinâmicas sócio-espaciais e no desenvolvimento da região<sup>8</sup>.

Gildo Magalhães, no livro *Força e Luz*, analisou as relações entre o consumo de energia elétrica no Brasil durante a República Velha e o projeto de modernização do país, marcado nesse período por propostas de renovação do espaço urbano, para as quais

---

<sup>7</sup> Cf.: IANNONE, Roberto A. *Evolução do Setor Elétrico Paulista*. Tese (Doutorado em História Econômica), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006; WEID, Elisabeth Von Der. *A interferência da eletrificação sobre a cidade*. Rio de Janeiro (1857-1914). In: V Congresso Nacional de História Econômica e VI Conferência Internacional de História de Empresas. Caxambu-MG: ABPHE – Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2003. Disponível em [http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe\\_2003\\_35.pdf](http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_35.pdf), Acessado em 07 de junho de 2009.

<sup>8</sup> LEMOS, Chélen Fischer de. *O Processo Sociotécnico de Eletrificação na Amazônia: articulações e contradições entre Estado, capital e território (1890 a 1990)*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

concorria a introdução da eletricidade, tendo em vista suas aplicações nos serviços urbanos de iluminação e transporte<sup>9</sup>.

Nas primeiras décadas do século XX, um grupo de intelectuais brasileiros tomou para si a tarefa de conduzir a nação aos caminhos do progresso, refletindo sobre as transformações das cidades e, muitas vezes, propondo e se colocando à frente das ações e medidas que direcionariam a modernização do país. Nesse período, os conceitos de nação e progresso emergem de modo forte e orientam as políticas e os processos de modernização. Neste contexto, a cidade aparecia como sinônimo de progresso em oposição ao campo, dando-se ênfase à construção do Brasil urbano. Para Magalhães a chegada da eletricidade ao Brasil é vinculada a esse projeto de modernização.

Essa perspectiva, da relação entre a eletricidade e o processo de modernização do país, marcou as pesquisas sobre as relações entre esse advento técnico e a transformação de práticas cotidianas. A publicação do “A vida cotidiana no Brasil Moderno” pelo Centro de Memória da Eletricidade, segue nesse caminho, demonstrando aspectos de transformação da vida cotidiana urbana, nos espaços público e doméstico, analisados a partir dos possíveis efeitos da utilização de energia elétrica, na construção de práticas e hábitos sociais, até alguns aspectos culturais e mentais. Esse trabalho dá a conotação do quão vasto torna-se o tema sob o panorama de uma história social ou, mesmo, cultural. O texto ressalta a “diversidade de aplicações, (...) com reflexos sobre quase todos os aspectos do seu cotidiano, da vida social à vida doméstica, incluindo segurança, lazer, trabalho, saúde, alimentação, etc.”<sup>10</sup>.

Nosso primeiro problema surgiu da constatação de que a eletricidade adquiriu usos múltiplos, ligou-se a mudanças na economia, na paisagem, na medicina, nos castigos, no entretenimento, no consumo, nos transportes, nas formas de comunicação, nas percepções... Nessa perspectiva, investigar a história da eletricidade esbarrava em assuntos e problemas diversos, que admitem pensar inúmeros aspectos da sociedade.

Assim, considerando o caráter multiforme assumindo por essa inovação, tentamos delimitar nosso estudo, priorizando aspectos que nos ajudassem em nosso

---

<sup>9</sup> MAGALHÃES, Gildo. *Força e luz: eletricidade e modernização na República Velha*. São Paulo: UNESP, 2000.

<sup>10</sup> CENTRO de Memória da Eletricidade no Brasil. *A vida cotidiana no Brasil Moderno: a energia elétrica e a sociedade (1880-1930)*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.

objetivo: compreender a relação entre energia elétrica e vida urbana em Natal, entre os anos de 1911 e 1940. Para tanto, estruturamos o estudo em torno da materialização e gestão dos serviços de geração e distribuição de energia, da consolidação de novas situações cotidianas e do despontar de novas sensibilidades urbanas.

Na leitura de documentos oficiais, como também de revistas, jornais, leis, poemas, contos, contratos, crônicas, queixas, memórias, a entrada da eletricidade foi se revelando em várias esferas da vida, atuando na construção do mundo urbano em Natal. Os limites colocados pelas fontes a que tivemos acesso ajudaram a fixar os elementos que aparecem estruturando nossa análise. Nesse contexto, algumas dessas “entradas” não puderam ser incorporadas ao estudo, dentre as quais ressaltamos a utilização da eletricidade nos procedimentos médicos e no desenvolvimento da rede de telefone.

Nosso trabalho insere-se num conjunto de discussões e propostas realizadas no âmbito do grupo de pesquisa “Os Espaços na Modernidade”, com intuito de pensar as transformações do espaço e a construção dos valores do mundo moderno. Nesse contexto, cabe destacar os estudos de Márcia Marinho, analisando as mudanças nas formas de lazer em Natal na década de 1920; e o projeto de pesquisa “Cidade, técnica e natureza: Natal, 1900-1940” de Raimundo Arrais, que propõem uma investigação de como a natureza foi concebida como obstáculo para o progresso da cidade, de como ela seria dominada pela força da técnica<sup>11</sup>.

O debate sobre a modernidade foi central nos estudos sobre história da cidade no Brasil, muitos dos quais enfatizaram as reformas urbanas empreendidas nos principais centros do país, entre fins do século XIX e início do XX, numa vinculação de anseios de inserção da nação à modernidade ocidental, interagindo das significativas transformações sociais, econômicas e políticas que tomavam proporções mundiais numa velocidade, nunca antes vivenciada.

Estudos de diversas áreas do conhecimento, tais como história, geografia, arquitetura e urbanismo, contribuíram para o entendimento atual do processo de urbanização e da constituição da cidade como uma forma específica de organização social.

---

<sup>11</sup> O Grupo de Pesquisa Os Espaços na Modernidade é coordenado pelo professor Raimundo Arrais, do Departamento de História – UFRN.

Estes estudiosos analisaram, entre outros aspectos, as suas reformas urbanas<sup>12</sup>, suas edificações<sup>13</sup>, as políticas públicas de gestão<sup>14</sup>, a organização dos serviços urbanos<sup>15</sup>, as disputas pelos espaços e exclusão<sup>16</sup> e a vida cotidiana<sup>17</sup>.

Essas análises foram direcionadas, especialmente, para as transformações ocorridas entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Modificações influenciadas, inicialmente, pela atuação de médicos, engenheiros e arquitetos e marcadas pelos princípios higienistas, a expansão da sociedade industrial e a ascensão de novas funções urbanas<sup>18</sup>.

Trabalhos como de Ribeiro e Adauto e de Abreu foram responsáveis por mapear os principais padrões de planejamento urbano utilizados no Brasil, bem como as transferências de correntes de pensamento urbanísticos que influenciaram as reformas e projetos nas cidades, revelando as várias idéias presentes no projeto de modernização nacional, com destaque para a importância das tentativas de higienização das cidades, que permeariam os discursos e justificativas de ações na cidade até meados do século XX<sup>19</sup>.

A modernidade revela-se por um caráter emancipatório. A concepção de reforma global de cidade a partir da racionalização dos espaços, do uso de novas técnicas construtivas e novas fontes de energia teriam o poder de libertar o homem da natureza. Tais transformações foram analisadas por David Harvey como tendo ocorrido em escala mundial e alterado as concepções de tempo/espaço. Esse autor buscou teorizar os efeitos

---

<sup>12</sup> São muitos os estudos que se voltaram para as reformas urbanas e os projetos urbanísticos desenvolvidos nas cidades brasileiras. Conferir, por exemplo: RIBIERO, Luiz César de Q.; PECHMAN, Robert. *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.; LEME, M. C. da S. (coord.). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAU - USP; FUPAM, 1999.

<sup>13</sup> Cf. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999.

<sup>14</sup> A exemplo do trabalho de Raquel Rolnik, que constrói a história da cidade de São Paulo pelos caminhos da legalidade urbana, as leis, decretos e normas que regiram a produção do espaço. Cf. ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*.

<sup>15</sup> Entre outros exemplos: HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: HUCITEC, 1998.; MAGALHÃES, Gildo. *Força e luz: eletricidade e modernização na República Velha*. São Paulo: UNESP, 2000.

<sup>16</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>17</sup> SEVCENKO, Nicolau (org.). *Historia da Vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>18</sup> Cf. SALGUEIRO, Heliana Angotti. *As cidades capitais do século XIX*. São Paulo: EDUSP.

<sup>19</sup> RIBEIRO, Luiz César de Q.; CARDOSO, Adauto L. Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In: RIBIERO, Luiz César de Q.; PECHMAN, Robert. *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 53-78; ABREU, Maurício de A. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: SILVA, José B. da. (Org.) *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997. p.27-52.

das novas experiências do espaço e do tempo sobre a cultura e a política a partir do que ele chamou de compressão espacial, para assim tentar entender o limiar da transição pós-moderna. Para ele, numa perspectiva materialista, as concepções de tempo e de espaço são criadas por práticas e processos materiais que “servem à reprodução da vida social”<sup>20</sup>.

Desse modo, Harvey analisa mudanças de concepção e de representações como responsáveis por conseqüências materiais para a organização da vida. O autor estrutura suas interpretações em quatro aspectos de práticas sociais que fazem parte da construção do mundo moderno: fricção da distância, apropriação do espaço, domínio do espaço e produção do espaço. Práticas que estão relacionadas à aceleração do ritmo de vida e do tempo de acumulação do giro de capital, ao encolhimento do espaço do mundo pelas forças das comunicações – simultaneidade e homogeneização.

O impacto das inovações tecnológicas e efeitos da urbanização da cidade de São Paulo dos anos 1920 foram analisados por Nicolau Sevckenko, tendo em vista a aceleração frenética dos ritmos das atividades cotidianas sob novas condições materiais e sob o vislumbrar de uma paisagem diversa. A partir do exemplo da modernização de São Paulo, o autor reflete acerca das novas experiências do tempo e do espaço urbano na construção da modernidade paulistana, interpretada sob vários aspectos pelas artes, pelos cronistas, pela imprensa, etc. Assim, é observando as relações entre as práticas sociais com as transformações dos espaços da cidade como sendo produtoras de concepções, percepções que Sevckenko observa a modernidade como uma sensibilidade de que o mundo estava em transformação<sup>21</sup>.

Nas capitais brasileiras, no começo do século XX, modernização transformou-se em palavra de ordem<sup>22</sup>. Para outorgar uma atmosfera moderna às cidades era preciso adotar modelos de modernidade que foram anunciados mundialmente desde fins do século XIX. Tais modelos são assinalados, grosso modo, pela expansão urbana, construção de novas paisagens, valorização de uma racionalidade técnica, intensificação de relações sociais, incorporação dos valores do mundo capitalista em ascensão e por mudanças nas

---

<sup>20</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 185-290.

<sup>21</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>22</sup> HERSCHMANN, M.M., PEREIRA, C.A.M. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

formas de sociabilidade. A eletricidade, como nova tecnologia, seria uma das formas de manifestação dessa modernidade.

A sedução pelas inovações técnicas, a transfiguração do homem em máquina, fizeram parte do imaginário do homem moderno em busca de estabilidade em tempos de perdas de referências. A elaboração de um novo imaginário urbano a partir da modernização das cidades foi tema de muitos estudos, a exemplo das pesquisas de Pesavento, que buscou a partir da construção de representações desvendar esse imaginário tendo como exemplos a modernização de cidades como Porto Alegre e Rio de Janeiro.

No Brasil republicano, a Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro, foi submetida a uma grande reforma na administração de Pereira de Passos (1901-1904) e passou por um processo em busca da “cidade ideal” do tipo parisiense. Porto Alegre, após o advento da República, nas palavras de Pesavento, se queria “bela, higiênica e ordenada”, seguindo o exemplo do Rio de Janeiro<sup>23</sup>.

Em Natal, as primeiras décadas do século XX marcam uma intensificação de ações sistematizadas do Estado na produção do espaço urbano. Tais ações, influenciadas por princípios de racionalidade, associados ao higienismo difundido na época, promoveram melhoramentos pontuais e a criação de normas e prescrições legais que visavam modernizar a estrutura física da cidade e ainda incentivar novas práticas, novos usos dos espaços. Raimundo Arrais explica que intervenções públicas na cidade “no século XIX receberam o nome de ‘melhoramentos’, numa alusão otimista à capacidade humana de corrigir os ‘males da natureza’ pelo emprego da técnica”<sup>24</sup>.

Essas intervenções resultaram em melhorias do espaço urbano, em criação de áreas de expansão e em uma constante manifestação dos meios de comunicação e documentos oficiais que evidenciavam o contraste entre a cidade herdada de um período anterior e a tão almejada cidade moderna idealizada pela elite local. Elite que ao longo desse século usou o discurso da modernização como justificativa de ações governamentais. Nesse contexto a cidade recebeu equipamentos urbanos e um conjunto de reformas.

---

<sup>23</sup> PESAVENTO, Sandra J. *Imaginário da cidade: representações do urbano* (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre). 1. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999. v. 1. 393 p.

<sup>24</sup> ARRAIS, R. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRRN, 2007, p. 05. (No prelo).

A modernização desejada foi marcada, entre outros aspectos, pelas obras de aterramento, pela rede de distribuição de água e esgoto, as construções de praças e jardins públicos, o teatro, a chegada do bonde e da energia elétrica, a abertura de clubes, cinemas, cafés e balneários, a construção de estrada para o tráfego de automóveis, melhoramentos no porto, abertura e alargamento de ruas, "aformoseamento" do espaço urbano, construção da ponte sobre o rio Potengi, introdução da cidade na rota da aviação, construção de uma nova sede para o governo em estilo eclético (o ecletismo importado da Europa vai predominar nas novas edificações), elaboração de propostas urbanísticas, chegada da ferrovia<sup>25</sup>.

Planos urbanísticos foram propostos com intuito de racionalizar o espaço e controlar o crescimento da cidade. Engenheiros e arquitetos, como Henrique de Novais<sup>26</sup>, Giacomo Palumbo<sup>27</sup> e o Escritório Saturnino de Brito<sup>28</sup>, realizaram propostas para a capital norte-rio-grandense.

A natureza era um empecilho a este projeto; buscou-se emancipar o homem dominando a natureza. A escuridão era a natureza que precisava ser dominada. Ela resguardava tudo que o homem tinha de natural, seus sonhos, desejos, fantasias e temores noturnos. A luz elétrica venceria a escuridão, demarcando o triunfo dos homens sobre a natureza, o triunfo da ciência e da técnica sobre a escuridão. Refletindo sobre essas mudanças se chega a uma história das sensibilidades, tendo em vista a necessidade de articular as percepções e sensações às mudanças de valores da sociedade.

A eletricidade venceu a escuridão. Essa foi uma das grandes conquistas do homem sobre a natureza. A idéia de progresso civilizatório difundida na transição do século XIX para o XX era baseada na crença de que o avanço da ciência e da tecnologia possibilitaria o triunfo da modernidade. Por isso, este período foi chamado de "A era da ciência" e "dos tempos das certezas", uma vez que a ciência se impunha como forma de

---

<sup>25</sup> Os melhoramentos listados são informações com base em pesquisa realizada no jornal A República, órgão oficial da imprensa da época, disponíveis em arquivos locais como Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e Arquivo Público Estadual.

<sup>26</sup> EDUARDO, Anna Rachel B. *Henrique de Novaes*: um ilustre desconhecido no processo de saneamento das cidades brasileiras no início do século XX. Publicação de Sessão Livre do X Encontro Nacional da Anpur, Belo Horizonte, maio de 2003. p. 15-26.

<sup>27</sup> DANTAS, George. *Natal, "Caes da Europa"*: O Plano de Sistematização no contexto da modernização da cidade (1929-1930). Natal: Depto. de Arquitetura a UFRN, 1998 (Monografia de graduação em Arquitetura e Urbanismo).

<sup>28</sup> DANTAS, Ana Caroline de C. L. *Sanitarismo e Planejamento Urbano*: a trajetória das propostas urbanísticas para Natal entre 1935 e 1969. Natal: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2003 (Dissertação de mestrado).



reduzir as incertezas humanas, e que a “idéia de conflito parecia controlada pela fantasia do progresso, e os novos avanços técnicos traziam a confiança de um domínio absoluto sobre a natureza e os homens”<sup>29</sup>.

O ano de 1911, em Natal, configura-se como um marco preciso de início de um processo sistemático de introdução dos serviços e equipamentos urbanos, baseados na eletricidade. Mas, a compreensão das mudanças suscitadas por esse advento exige uma comparação com a dinâmica urbana existente com as formas de iluminação presentes na cidade antes dessa data, a exemplos dos lampiões.

Neste trabalho, não pretendemos desenvolver uma história do ponto de vista estritamente da evolução da organização dos serviços de eletricidade. Isso pediria outra cronologia fundada estritamente na atuação das empresas que foram responsáveis por esses serviços, sendo necessário que vinculássemos o marco temporal da pesquisa às sucessões dos grupos empresariais ou a uma modificação técnica. Como, por exemplo, a chegada da energia da hidrelétrica de Paulo Afonso em 1962, e, conseqüente criação da Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte – COSERN<sup>30</sup>.

Neste sentido, elegemos como marco final da pesquisa o ano de 1940, imediatamente antes da presença norte-americana na cidade da Natal, durante a II Guerra Mundial, por considerar que esse ano abre um novo momento, marcado por muitas influências externas na vida cotidiana da cidade. Com a Segunda Guerra Mundial e a criação da Base Naval do Refoles em Natal e da Base Área de Parnamirim, fatores externos estimularam mudanças na cidade e no cotidiano de sua população. Esses fatores, possivelmente, despertaram novas formas de viver e de pensar, que caracterizaram essa década como um momento singular da história de Natal. Diante disso, optamos por deixar esse período fora da pesquisa. Desse modo, delimitamos como recorte temporal do trabalho os anos de 1911 a 1940.

A delimitação desse recorte foi um dos problemas metodológicos deste trabalho. Ao definir o objetivo do estudo em torno da relação entre energia elétrica e vida urbana em Natal, considerando que essa inovação favoreceu mudanças físicas e sociais,

---

<sup>29</sup> SCHWARCZ, Lilia M., COSTA, Ângela M. da. *1890-1914: tempo das certezas. Reflexões sobre o Brasil da era da sciencia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>30</sup> RIO GRANDE DO NORTE. 1ª mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Oficial, 1963.

construindo paisagens, incentivando sociabilidades e produzindo sensibilidades sobre o espaço urbano, surgiu a dificuldade de delimitar um ano, um acontecimento, que tivesse promovido a “invisibilidade” dessa inovação.

A eletricidade chegou como símbolo de progresso em consonância com ideais de civilização. A luz elétrica cria beleza onde não existe. Lugares comuns podem torna-se fascinantes à noite, pontilhados por luzes coloridas. Desse modo, a energia elétrica foi destaque nos salões das exposições universais. Nas cidades, ela atestava o moderno, seduzia; as residências em que ela se fazia presente eram tidas como as mais confortáveis, as mais modernas. Assim, tendo em vista a difícil tarefa de demarcar quando esse contexto teria se alterado, e mediante a necessidade metodológica de delimitar o estudo, o fizemos em função de mudanças na dinâmica da cidade, mesmo admitindo não haver uma ligação direta com o objeto de pesquisa proposto.

Em Natal, os anos de 1911 a 1940 marcam uma intensificação de ações sistematizadas do Estado na produção do espaço urbano. A chegada da eletricidade na cidade integra essas ações.

No primeiro capítulo, intitulado “A luta administrativa contra as trevas”, analisamos a trajetória da gestão dos serviços urbanos de eletricidade, no intuito de enfatizar os esforços das elites políticas locais na materialização da infra-estrutura de serviços urbanos da capital do Estado, vinculado ao projeto de modernização da cidade. Para tanto, foi necessário retroceder no recorte temporal, buscar as formas de sociabilidade e o cotidiano que antecedem a chegada de eletricidade, para compreender como as atividades se organizavam sem a presença dos elementos técnicos que analisamos. Observando a dinâmica urbana na presença de sistemas primitivos de iluminação da cidade no século XIX, com o intuito de perceber a aceleração dos ritmos de vida. Nesse processo, acredita-se, que a chegada da eletricidade foi fundamental, tanto para as transformações do espaço, quanto para a disseminação da percepção de novas situações cotidianas e sensibilidades urbanas.

No segundo capítulo, intitulado “Vivências urbanas: a eletricidade transformando a vida urbana”, interrogamos sobre a influência da energia elétrica na consolidação de novos hábitos cotidianos citadinos, com o intuito de entender os vínculos entre eletricidade e a construção de uma urbanidade. Consideramos que as transformações

ocorridas no início do século XX, colaboraram com a construção da cidade moderna, que passou por mudanças físicas, materiais, e absorveu valores, símbolos, gestos, vocabulários, objetos, pela formação de novas sensibilidades e sociabilidades, para a qual a introdução da energia elétrica foi fundamental, permitindo a ampliação das possibilidades de uso do espaço urbano e de ação do indivíduo.

Pensamos, assim, a identidade urbana como “uma construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento, propiciando a coesão social de um grupo, que se identifica, se reconhece e se classifica como iguais ou semelhantes”<sup>31</sup>. Nessa perspectiva, nossa análise voltou-se para os sentimentos e percepções em torno da utilização da eletricidade em diversas esferas da vida nas cidades, impulsionando os sentimentos de identificações com o modo de vida urbano.

A introdução dessa inovação técnica na cidade fomentou percepções, juízos estéticos, novos padrões de conforto, além de uma mudança da noção de tempo criada pela sensação de “pleno dia” no interior dos espaços, tanto na esfera pública quanto na privada. O incremento tecnológico na sociedade possibilitou novas percepções dos homens entre si e com o mundo.

No terceiro capítulo buscamos perceber a construção de novas sensibilidades, tentando percorrer as sensações vinculadas à presença da eletricidade na cidade. Nossas indagações foram estruturadas levando em consideração o cruzamento entre percepções e sentimentos, encantos e/ou hesitações que se apresentam como novas sensibilidades derivadas do relacionamento cada vez mais intenso, ou mesmo mais íntimo, entre o habitante da cidade e a eletricidade, a partir dos inúmeros equipamentos que dependiam dessa fonte de energia.

Desse modo, nosso estudo se propõe a elaboração de uma história social da técnica, ligada a uma história das sensibilidades modernas. Nesse sentido, analisamos os vínculos entre a experiência humana com os sentimentos, paixões, emoções e percepções. Os trabalhos do historiador Alain Corbin, foram fundamentais para nosso entendimento da importância dos sentidos para a história. Em seus estudos sobre as percepções do olfato na cultura ocidental e sobre o sentido da visão nas transformações do relacionamento dos europeus com o mar, o autor buscou realizar uma história do sensível. Identificando a

---

<sup>31</sup> PESAVENTO, Op cit, 2002, p. 157.

“utilização dos sentidos que permitiu construir imagens do outro, dar forma ao imaginário social”<sup>32</sup>. Em nossa investigação esse outro é a técnica, a luz elétrica, os bondes elétricos, a paisagem noturna iluminada por lâmpadas elétricas, as atividades diárias transformadas por inúmeros equipamentos<sup>33</sup>

Com relação às fontes pesquisadas, fizemos uso de periódicos locais (com circulação diária e publicações avulsas) – incluindo o jornal *A Republica*, órgão oficial da imprensa do Estado do Rio Grande do Norte, disponível quase todo período da pesquisa.

A história das empresas foi mapeada por documentos oficiais, como mensagens de governo, resoluções, decretos de lei, relatórios e partes dos termos dos contratos que costumavam ser publicados no jornal *A Republica*. Tais documentos encontram-se espalhados nos arquivos locais e, em alguns casos, em arquivos situados na cidade do Rio de Janeiro. Não se tem conhecimento dos vestígios materiais da antiga usina de eletricidade e todos os serviços que ela agregava, muito menos dos arquivos da empresa. Na atual concessionária dos serviços - COSERN, os documentos mais antigos são relacionados ao início de sua atuação no início dos anos 1960.

Nos jornais tivemos acesso às principais discussões, repercussões e críticas sobre os melhoramentos realizados na cidade. Como, também, nele encontramos as queixas com relação aos serviços urbanos e crônicas sobre a cidade. Desse modo, esses periódicos consolidaram-se como a principal fonte, permitindo contextualizar as transformações envolvidas no projeto de modernização das elites governantes. Tanto as queixas como as crônicas expressam as necessidades dos habitantes da cidade, revelando as sensibilidades da época, tornando-se, assim, um valioso relato do cotidiano da cidade.

No *Diário de Natal*, principal jornal de oposição ao governo, foram escritas muitas críticas e reivindicações com relações a qualidade dos serviços e das obras inseridas no projeto de modernização das elites governantes. No jornal *A Imprensa*, tivemos contato com relatos de acidentes com bonde e de choques elétricos, além de críticas a

---

<sup>32</sup> VIDAL, Laurent. *Alain Corbin - o prazer do historiador*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2005, vol. 25, n. 49, pp. 11-31. ISSN 0102-0188.

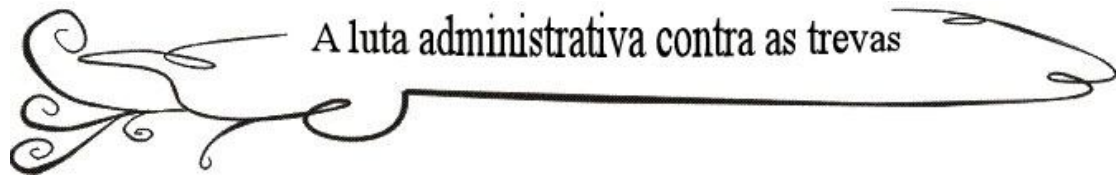
<sup>33</sup> CORBIN, Alain. *Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; CORBIN, Alain. *Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; CORBIN, Alain. *O prazer do historiador*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. Entrevista concedida a Laurent Vidal. 2005, vol. 25, n. 49, pp. 11-31. ISSN 0102-0188.

administração dos serviços urbanos. E no jornal *A ordem*, reivindicações acerca dos serviços urbanos e informes da empresa concessionária.

A revista *Cigarra* apresenta-se com fotografias da cidade, de festas e de momentos de lazer; anúncios de eletrodomésticos e artigos da moda; contos e poemas. A literatura se mostrou como caminho para captar as sensibilidades relativas à cidade moderna. O processo de modernização da cidade e da vida urbana foram inspiradores para a produção literária dos que testemunharam a época e registraram em suas obras as características da vida na cidade de Natal.

Por meio da análise destas fontes e nos valendo das discussões e conceitos desenvolvidos pelos autores aqui referenciados, buscaremos compreender, partindo da perspectiva de uma História social da técnica, como o advento técnico da eletricidade permitiu a construção de uma nova experiência urbana, moderna, na cidade de Natal, entre 1911 e 1940.

## CAPÍTULO I



A luta administrativa contra as trevas

Em fins do século XIX o Brasil era movido à lenha, tanto em atividades de produção como para atender às necessidades domésticas das famílias brasileiras. Warren Dean demonstrou como a floresta foi a principal fonte de energia durante a primeira metade do século XX. A lenha extraída das florestas foi a grande geradora de energia, movendo as indústrias, acionadas por caldeiras nas quais se queimavam lenha, e sendo o combustível dos afazeres doméstico<sup>34</sup>.

A iluminação pública em muitas cidades dependia da labareda dos lampiões de azeite. Nos domicílios, além dos lampiões, as velas de sebo eram as companhias noturnas da intimidade familiar. Entre outros aspectos, a escuridão e a escassez de energia passaram a ser percebidas como testemunhas do atraso das cidades brasileiras.

O quadro de transformações na Europa analisado pela historiografia como a segunda Revolução Industrial, iniciadas por volta de 1870 e caracterizada pela “aplicação das recentes descobertas científicas aos processos produtivos”<sup>35</sup>, impulsionou a utilização de novas fontes de potencial energético – como petróleo e a eletricidade –, promovendo mudanças em vários setores, como a indústria, medicina, farmacologia, higiene e profilaxia. Para alguns autores, a Revolução na Grã-bretanha pode ser sintetizada pelo uso de novas técnicas de geração de energia, a exemplo do uso carvão mineral até o século XIX, e no século XX “a conversão de combustíveis e energia hidráulica em uma nova fonte de energia, a eletricidade”<sup>36</sup>.

Na visão das elites governantes as feições da cidade colonial brasileira precisavam ser demolidas, sendo substituídas por uma atmosfera moderna, tendo em vista a adoção de modelos urbanos que foram anunciados mundialmente desde fins do século XIX. Uma modernização caracterizada, grosso modo, pela expansão urbana, aumento da população residente nas cidades, construção de novas paisagens, valorização de uma racionalidade técnica, intensificação de relações sociais, incorporação dos valores do mundo capitalista em ascensão.

---

<sup>34</sup> DEAN, Warren. A floresta como fonte na urbanização e na industrialização de São Paulo: 1900-1950. *Anais do 1º Seminário Nacional de História da Energia*.

<sup>35</sup> COSTA, Angela M., SCHWARCZ, Lilia M. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 20.

<sup>36</sup> Rosenberg, citado por Leite. In: LEITE, Antonio Dias. *A energia do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 22.

Nesse contexto, muitas cidades passaram por reformas urbanas e receberam inovações técnicas, como a eletricidade, cuja utilização ocorreu primeiramente na iluminação pública e como força motriz da indústria e do sistema de transporte urbano. O pioneirismo deu-se nos serviços da cidade de Campos – Rio de Janeiro, que por iniciativa do município inaugurou em 1883 uma usina térmica de “50 cavalos a vapor” para substituir a utilização do gás da iluminação pública<sup>37</sup>.

O parque elétrico brasileiro começou a ser montado, a exemplo do caminho percorrido em Campos, tendo à frente das primeiras iniciativas as municipalidades ou os Estados. Os debates parlamentares sobre energia elétrica revelam que “em matéria de distribuição [de eletricidade] os municípios foram o verdadeiro poder concedente, dado ao caráter local da implantação do parque elétrico brasileiro”, e, tendo em vista a ausência de uma legislação federal, estadual e municipal para os serviços de eletricidade até o final da primeira República, sua regulamentação foi inspirada em “princípios do direito comum, consolidando um regime de base meramente contratual entre as concessionárias e os poderes concedentes”<sup>38</sup>.

A regulamentação da geração e dos serviços de distribuição de eletricidade foi alvo de discussões no Congresso Nacional, sendo alvos de preocupações a redução ou isenção de impostos de importação sobre matéria prima das usinas e os favores aduaneiros, por vezes presentes nos contratos ou concedidos por leis especiais. A concessão de favores aduaneiros foi descrita como instrumento legal “mais utilizados pelos governos da primeira República para incentivar o desenvolvimento de novas indústrias e os investimentos em transporte, comunicação e suprimento de energia”<sup>39</sup>.

As preocupações dos parlamentares com relação ao suprimento de energia fizeram parte do empenho das elites governantes em combater a deficiência energética do Brasil, que entrou no século XX convivendo com o fantasma do atraso, corporificado, entre outros aspectos, pela presença das trevas associada à falta de iluminação das cidades.

---

<sup>37</sup> LEITE, Antonio Dias. *A energia do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 41.

<sup>38</sup> Centro de Memória da Eletricidade no Brasil. Debates parlamentares sobre energia elétrica na primeira República: o processo legislativo. Rio de Janeiro: 1990. Autor Anor Butler Macil. Aspectos legais da energia elétrica, p.13-17.

<sup>39</sup> Centro de Memória da Eletricidade no Brasil. Debates parlamentares sobre energia elétrica na primeira República: o processo legislativo. Rio de Janeiro: 1990. Autor Anor Butler Macil. Aspectos legais da energia elétrica, p.73.



A falta de iluminação em Natal foi ressaltada por João Carlos Wanderley, quando ocupava o cargo de primeiro vice-presidente da província do Rio Grande do Norte, em 1851. Admirava-se o vice-presidente ser ele o primeiro a mencionar em Relatório o problema da falta de iluminação da capital do Rio Grande do Norte:

*Estranha vos deverá parecer, Senhores, a rubrica d'este artigo, sendo a primeira vêz<sup>40</sup> que Ella se inscreve entre os diversos Relatorios, que vos tem apresentados; e se assim é de presente, pôde não ser o futuro, se attenderdes á necessidade que se resente esta capital, pela falta não digo de uma completa illuminação publica, mais de alguma, **que nos venha tirar das trevas em sempre temos vivido.***

*A vantagem de serem illuminados ao menos oito ou dez pontos da Cidade, salta por tal modo aos olhos de todos, que ocioso será demonstra-la. Tomai em consideração este objecto, e estou certo que proveis de remédio tão urgente precisão, autorisando a Presidencia á compra de lampeões, e estabelecimento d'essa pequena illuminação, já que não permite o estado de nossas finanças te-la maior, e mais completa por agora.<sup>41</sup>*

Essa citação inaugurou o tópico “Iluminação”, que reapareceu nas Mensagens de Governo sucessivas. Os lampiões, os quais já eram mencionados no trecho do relatório citado, como uma “pequena illuminação”, um improvisado frente à falta de recursos do estado em promover um sistema mais eficiente, chegaram a Natal anos depois dessa primeira referência às trevas que assolavam a cidade durante as noites.

De acordo com Cascudo, no período da queixa do vice-presidente, Natal não possuía nenhum tipo de iluminação: a escuridão era interrompida somente nas noites de festas, quando se promovia uma iluminação de alguns pontos da cidade, de modo rudimentar, utilizando-se “uma quenga de coco, casca de laranja, cheia de azeite de carrapato”. Há várias matérias nos jornais locais que confirmam o depoimento do autor,

---

<sup>40</sup> Nas citações que constam neste trabalho foram mantidas a ortografia e a pontuação dos documentos originais, incluindo também os erros tipográficos e de redação, quando não comprometiam a leitura. Esta nota deveria vir no cap. I

<sup>41</sup> RELATÓRIO apresentado á Assembléia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte, pelo exmo. primeiro vice-presidente da província, João Carlos Wanderley, no dia 3 de maio de 1850. Pernambuco, Typ. de M.F. de Faria, 1851. p. 22. [grifo nosso]

mencionando a preocupação em iluminar certas ruas da cidade em noites festivas, como casamentos e festas religiosas<sup>42</sup>.

Começou assim a “luta administrativa contra as trevas” em Natal, manifestada a partir de várias iniciativas governamentais, efetuadas por meio de contratos de concessão dos serviços a pessoas ou a concessionárias privadas, e envolvendo incentivos e empréstimos aos poderes públicos. Em 1851, mesmo ano em que se fez a ressalva no Relatório de governo da necessidade de retirar a cidade das trevas, o presidente da província – por meio da Lei nº 255 – autorizou a compra de quinze lampiões, que foram adquiridos em um número maior alguns anos depois (em outubro de 1859).

A iluminação passou a ser associada à segurança dos habitantes e da propriedade, sendo considerada fundamental a atuação da polícia na prevenção de delitos, muitas vezes acobertados pela escuridão. A associação entre criminalidade e a falta de iluminação foi comum nesse período, tendo esse serviço urbano promovido uma nova forma de vigiar a cidade, combater os medos e perigos que fazem parte do processo de urbanização das cidades e ajudam na construção de um temor das elites e das autoridades com a criminalidade.

Em Relatório de governo, publicado em 1858, o Presidente Antonio Marcellino Nunes Gonçalves, relatou um fato ocorrido com o chefe da sessão da Tesouraria da Fazenda, o Sr. José Gonçalves de Medeiros, o qual foi vítima de espancamento “ocorrido antes das oito horas da noite de 15 de Maio, quando se aproximava á porta da casa de sua residência (...). O autor de tal attentado acobertado com as trevas pode evadir-se sem que fosse reconhecido (...)”<sup>43</sup>.

O crime, não resolvido pela polícia, foi citado no lamento do Presidente com relação à ausência de iluminação na cidade, um aspecto que revelava as condições do atraso da capital. No seu lamento considerava a iluminação como essencial à prevenção de delitos, como condição para o trabalho da polícia na segurança dos habitantes e defesa da propriedade.

---

<sup>42</sup> CASCUDO Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: RN Econômico, 1999. p. 299.

<sup>43</sup> RELATÓRIO apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte pelo excellentissimo presidente, Dr. Antonio Marcellino Nunes Gonçalves. [n.p.] Typ. Liberal Rio Grandense, 1858. p. 10.

*Não procurei desfarçar a surpresa que experimentei com a falta de iluminação nesta Cidade. (...) é me verdade que lamentar-se que a Cidade do Natal, Capital da Provincia que marcha nas vias do progresso, esteja ainda totalmente privada d'aquelle beneficio! Que garantias de segurança individual e de propriedade podem ter os Cidadãos, onde assim falta uma tão indispensável medida de prevenção de delitos? (...) Querendo habilitar-vos para providenciar sobre este objecto, encarreguei o Dr. Chefe de policia que indicasse o numero de lampeões, que devem ser distribuidos pelas ruas e lugares mais convenientes<sup>44</sup>*

Nesse contexto, coube ao chefe da polícia avaliar o número de lampiões necessários à cidade, que sugeriu a aquisição de no mínimo 50 desses equipamentos para iluminar suficientemente a Cidade. No ano seguinte, o de 1859, durante o governo do Presidente José de Oliveira Junqueira, a iluminação pública da capital foi inaugurada com sessenta lampiões de azeite (dez a mais que o número sugerido pelo Chefe da polícia), que haviam servido à antiga iluminação de azeite na cidade do Recife e foram comprados a quantia de 2:400\$000 réis, sendo consertados e assentados pelas ruas dos dois bairros officias, quarenta deles na Cidade Alta e os vinte restantes na Ribeira<sup>45</sup>.

Porém, o número de lampiões instalados, o inconstante foco luminoso que produziam, a distância entre os pontos em que foram dispostos e a irregularidade do serviço ocasionada pelos constantes reparos necessários aos lampiões já gastos, foram motivos citados para acusar como insuficiente a iluminação das noites natalenses, alegando-se, assim, que a cidade continuava às escuras<sup>46</sup>. O Sr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, que assumiu a presidência da província no ano seguinte ao da instalação e funcionamento dos lampiões, mencionou em seu Relatório de Governo a situação em que se encontravam os lampiões velhos e danificados, cuja tarefa de retirar a cidade das trevas não possuíam condições de cumprir:

*Sessenta lampeões, que serviram durante a antiga iluminação de azeite na cidade do Recife, foram comprados (...) carecem constantemente de consertos, e segundo informam o contractante veio um delles com*

---

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> RELATÓRIO com que o Exmo. Sr. Dr. José de Oliveira Junqueira abriu a sessão da Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte em 1860. Pernambuco, Typ. de M.F. de Faria, 1860, p.10.

<sup>46</sup> Cf. POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Annuario do Brasil. 1922

*remendo de papelão tinto de preto. Tem sido necessario soldar frequentemente diversas peças da respectiva ferragens(...).*

*Collocados com a distancia de mais de 500 passos de um a outro, não podem os lampeões illuminar convenientemente uma cidade inteira. Haverá talvez maior vantagem em distribuil-os somente pelas ruas que costumam ser mais transitadas.*

*Pronuncio-me entretanto pelo alvitre de não renovar-se o contracto, cujo prazo te de espirar em 16 de maio próximo vindouro. Se ainda não podemos adoptar melhor systema de illuminação, que o actual, fôra melhor renunciarmos, por enquanto, um melhoramento (...) defeituos<sup>47</sup>.*

Queixas como a proferida pelo Presidente da Província aparecem repetidas vezes em matérias de jornais locais nos primeiros anos do século XX. A maioria delas acompanhadas de pedidos de providências ao governo com relação à iluminação de trechos da cidade que permaneciam sem luz.

*Escrevem-nos: Pedimos a essa illustre redacção para reclamar providencias ao contractante da illuminação publica no sentido de fazer com que os seus empregados não continuem a deixar nas trevas algumas ruas do bairro baixo, como tem acontecido ultimamente<sup>48</sup>.*

Na tentativa de atender a apelos como esses, sucederam-se os esforços em retirar a cidade da escuridão. Em 1883, Francisco de Gouveia Cunha, naquele tempo presidente da província do Rio Grande do Norte, encomendou da Europa cem lampiões a querosene e mais os postes de ferro, que substituiriam os antigos acesos com azeite. A mudança implicou num gasto de 20\$000 contos de réis mensais do Tesouro Provincial. Para o historiador Rocha Pombo “foi este o presidente que poz em melhores condições a illuminação da capital”. Esse presidente, a exemplo de alguns de seus antecessores, teria estranhado a inexistência de illuminação na cidade e em seu Relatório de Governo afirmou que uma capital não podia “viver nas trevas”<sup>49</sup>.

No Brasil, em 1892, com a atuação da empresa *Societé Anonyme du Gaz*, muitas cidades passaram a utilizar lampiões de querosene em substituição aos antigos

---

<sup>47</sup> RELATORIO do Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, presidente da província do Rio Grande do Norte, apresentou á respectiva Assembléia Legislativa Provincial na sessão ordinária de 1861. Ouro Preto, Typ. Provincial, 1862. p. 19

<sup>48</sup> ILLUMINAÇÃO Publica. *A Republica*, 17 de julho de 1901, p. 2.

<sup>49</sup> CASCUDO, Op. Cit., p. 300 e POMBO, Op cit., p. 346.

candeeiros de azeite. Os lampiões de querosene foram recebidos em algumas delas como uma grande novidade<sup>50</sup>. Em Natal, porém, os esforços em iluminar a cidade com o uso do querosene parecem não ter motivado grande entusiasmo. Matéria publicada no jornal *A Republica* citou a chegada das novas luminárias como um desperdício de recursos públicos:

*quem vir os lampeões e postes espalhados pela cidade poderá supor que damo-nos ao luxo das luminárias. Entretanto, a verdade é que o systema de iluminação a kerosene serve apenas para consumir alguns contos de reis, e nada mais, porque, pela sua imperfeição e deficiencia, a cidade vive sempre as escuras*<sup>51</sup>.

Os focos isolados da fosca luz dos lampiões de querosene foram considerados como recursos queimados na escuridão. Os apelos manifestados em Relatórios de Governo e queixas de jornais tratavam da necessária substituição do sistema de iluminação realizado com lampiões de querosene que entraram o século XX, perpetuando a escuridão na cidade de Natal<sup>52</sup>.

Escuridão abrandada apenas nas noites de lua cheia, como nos versos do poeta Jorge Fernandes – “A luz elétrica do meu tempo vinha com a lua cheia”<sup>53</sup>. No tempo dos lampiões o luar foi o companheiro fiel dos seresteiros, homens que faziam da noite o tempo das modinhas e da boemia. Dentre os mais lembrados destaca-se o poeta Lourival Açucena, que com seu violão e voz perambulava pelas ruas da cidade improvisando modinhas nas noites de luar. Essa perambulação noturna fora mencionada por Cascudo como herança do pai, também tocador de violão e seu primeiro mestre, e explicada como uma “fidelidade romântica aos luars faiscantes do Nordeste quando os plenilúnios cobrem de prata viva o silencio da cidade adormecida”<sup>54</sup>.

Natal adormecida na companhia dos lampiões animava-se na presença cintilante da lua cheia. Destarte, a noite de luar de 25 de dezembro de 1868, quando jovens

<sup>50</sup> LEITE, Antonio Dias. *A energia do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 41.

<sup>51</sup> ILLUMINAÇÃO publica. *A Republica*, 20 de abril de 1900, p. 1.

<sup>52</sup> FALLA lida a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte pelo Exmo. Sr. presidente da província, Dr. Antonio Francisco Pereira de Carvalho, no dia 15 de janeiro de 1887, ao instalar-se ela ordinariamente. [Natal] Typ. do "Correio do Natal," 1888, p. 15.

<sup>53</sup> Trecho de poema de Jorge Fernandes citado por Cascudo no livro *História da Cidade do Natal*, 1999, p. 300.

<sup>54</sup> CASCUDO, Luís da C. Acta Diurna - Lourival Açucena. *A Republica*, 12 de jan. de 1939.

natalenses organizaram o primeiro teatro campal realizado na cidade, no sítio do padre *Memeuzinho*, ocasião em que “espalharam lâmpadas de querosene, amarradas às árvores” o evento foi recordado como tendo coberto de “rumor e vida o arrabalde triste”<sup>55</sup>.

Enquanto não chegava a lua cheia, as noites iluminadas parcamente a lampiões deixavam a cidade sem vida, triste, estando entregue à escuridão. Essa imagem da cidade triste repete-se em outra matéria de Cascudo, publicada em 1939, em que faz o relato da primeira Regata de Natal realizada no rio Potengi em 1905, um evento muito comentado nos jornais locais da época, que atraiu uma multidão e foi festejado com Banda de Música, foguetes, bandeiras, gritos, movimento, rumor, alegria. O autor escreveu que quando passara a regata no início da noite “O silêncio caiu sobre o rio. A escuridão envolveu, de veludo e seda, as águas correntes. Natal abriu os olhos vermelhos e tristes dos noventa e seis lampiões de querosene (...)”<sup>56</sup>.

Vermelhos e tristes como proferiu Cascudo, os lampiões motivaram muitas reclamações. De acordo com as queixas, muitos deles se encontravam danificados e, por vezes, ocorria de não serem acesos e ficarem abandonados na escuridão. Matérias de jornais trazem reclamações sobre ocorrência desse tipo: em março de 1903, por exemplo, mais de vinte lampiões deixaram de ser acesos na Rua 21 de julho<sup>57</sup>. No dia 02 de janeiro de 1902 foi a vez dos lampiões das ruas Visconde do Rio Branco, Rua da Palha e da Praça André de Albuquerque, lugares em que os lampiões só foram acesos depois das 9 horas da noite<sup>58</sup>. Outras queixas mencionam que o mesmo abuso ocorria regularmente na Rua José Bonifácio<sup>59</sup>. Além disso, o número de lampiões não atendia às necessidades da cidade, e, de acordo com as queixas publicadas nos jornais locais, a situação agravava-se quando os lampiões eram deixados no esquecimento, situação acentuada nas noites sem luar. Uma matéria publicada no início do século XX, intitulada “Iluminação Pública”, traz um relato da situação da cidade às escuras, especialmente em noite sem lua, quando

---

<sup>55</sup> CASCUDO, Luís da C. Acta Diurna – Um teatro campal em dezembro de 1868, *A Republica*, 29 de nov. de 1939.

<sup>56</sup> CASCUDO, Luís da C. Acta Diurna - A primeira regata em Natal. *A Republica*, 04 de fev. de 1940.

<sup>57</sup> LUZ. *A Republica*, 11 de março de 1903, p. 1

<sup>58</sup> ILLUMINAÇÃO publica. *A Republica*, 03 de janeiro de 1902, p 1.

<sup>59</sup> ILLUMINAÇÃO. *A Republica*, 25 de fevereiro de 1900, p. 2.

*quem quer que perambule pelas nossas ruas, já tão feias pela edificação e pela falta de calçamento, em noites sem lua, verificará a deficiência do que temos n'esse particular [iluminação] e que é representado por alguns merencorios lampeões de petroleo postados a cem kilometros um dos outros. Ruas há que não teem mais de dois, outras que não teem nem um<sup>60</sup>.*

De acordo com a matéria d'A *Republica*, era o momento de pensar em outras possibilidades que já viam sendo utilizada há algum tempo em outras capitais do país, e, ainda que possibilitassem o fornecimento de luz aos particulares. O sistema de iluminação a gás acetileno foi apontado nesse momento como o mais vantajoso:

*as vantagens da iluminação a acetyleno, que hoje está provado ser superior á iluminação a gaz carbono e até a iluminação electrica, não sendo de estranhar que brevemente a Intendencia Municipal abra concorrência para esse importante melhoramento. (...) Com effeito, si o Governo Municipal contractar um serviço de Iluminação Publica, que, alem das ruas, sirva aos domicilios, faz jus á incontestável benemerencia, por que o nosso systema de iluminação particular é deficiente e custoso. Algumas casas estão tentando adquirir gazometros a acetyleno, o que já é um passo adiantado, mas torna-se dispendioso, não só pelo custo elevado dos aparelhos e do combustível, como tambem pelos concertos que necessariamente serão precisos nos encanamentos<sup>61</sup>.*

A matéria acima foi publicada em 1900. Desde então se acumularam reivindicações para a introdução de um novo sistema de iluminação que atendesse também aos domicílios. A afirmação dos desejos em se fazer uso de novas tecnologias expressavam ações e idéias, revelavam propósitos e possíveis formas de uso dos inventos técnicos, ligados naquele momento ao processo de modernização da cidade e à adoção novos de comportamentos, engendrando novas relações sociais.

Tais reivindicações foram transformadas em esforços, a começar pela proposta da intendência municipal da capital ao governo do Estado, à época presidido por Augusto Tavares de Lyra, para contratação de um novo sistema de iluminação pública no trecho

<sup>60</sup> ILLUMINAÇÃO publica. *A Republica*, 20 de abril de 1900, p. 1.

<sup>61</sup> IMPORTANTE Melhoramento. *A Republica*, 12 de abril de 1900, p. 1.

compreendido entre o Quartel do Batalhão de Segurança e a Praça André de Albuquerque. Para tanto, de acordo com os termos do contrato, assinado em 1904:

*I – A Intendencia entregará ao Governo do Estado os postes, lampeões e os combustores actualmente utilizados nas ruas treze de maio, Praça da Republica, Travessa Quintino Bocayuva, Rua Dr. Barata, Praça Augusto Severo, Avenida Junqueira Ayres, Praça Municipal, rua da Conceição, Travessa do Congresso e da Matriz e Praça André de Albuquerque, em numero de quarenta e seis para serem aproveitados na nova iluminação; (...)<sup>62</sup>.*

O Governo contratou uma empresa privada para efetuar os serviços acordados com a Intendência do Município de Natal. No mesmo Relatório de governo, seguiram em anexo os dois contratos, o do Governo do Estado com a Intendência do Município e na seqüência o contrato do Governo com os senhores Valle Miranda e Domingos Barros, proprietários da empresa de Melhoramentos de Natal<sup>63</sup>.

### **Empresa de melhoramentos de Natal**

O contrato firmado com a empresa de Francisco Gomes Valle Miranda e Domingos Barros é direcionado para as mesmas ruas citadas no contrato sancionado entre o Governo e a Intendência do Município. No caso, o trecho do bairro Cidade Alta, compreendido entre o Quartel do Batalhão de Segurança e a Praça André de Albuquerque. Desse modo, esses locais receberiam os serviços de iluminação a gás acetileno, com bicos de força de quinze velas, em substituição aos lampiões de querosene; os postes seriam assentados com a distância de 30 metros, sendo pontos obrigatórios as entradas das ruas, travessas e becos. O fornecimento de luz se daria todas as noites durante dez horas, das seis horas da tarde às quatro da manhã, “exceptuando-se trez noites antes e trez depois da luz cheia”, ficando o contratante sujeito à cobrança de multa por cada combustor que deixasse

---

<sup>62</sup> RELATORIO de governo, proferido na Assembléia Legislativa pelo Sr. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 1905.

<sup>63</sup> O Sr. Valle Miranda era genro de Fabrício Maranhão, usufruindo dos privilégios de possuir ligações familiares com a oligarquia dominante. Cf. SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930*. Brasília: Centro Gráfico do Senado. 1989.



de ser aceso e disponibilizando, atendendo às reivindicações, os serviços de gás a repartições públicas e aos domicílios mediante acordo e pagamento de taxas<sup>64</sup>.

O relatório de governo municipal, de 1905, no item que comentava os melhoramentos realizados até o momento, registrou-se que a iluminação da cidade

*é má e extremamente escassa (...). Não sendo, pois, praticável uma reforma rápida e completa, procurei fazê-la paulatinamente e por trechos. É assim que, em acordo que firmei com o exmo. Governador, ficou combinado que no percurso da rua Silva Jardim à praça André de Albuquerque, as lâmpadas de kerosene, actualmente utilizadas na iluminação pública, seriam substituídas por outros tantos bicos de gaz acetileno, (...) já muito adiantados, os trabalhos desta instalação devem achar-se concluídos até abril próximo.*<sup>65</sup>

A previsão de inauguração em abril, do primeiro trecho iluminado a acetileno, da Rua Silva Jardim à Praça André de Albuquerque, conforme fora anunciado, não se cumpriu. A inauguração desse sistema de iluminação pública a gás acetileno em Natal realizou-se em 29 de junho de 1905. Nessa data a empresa de Francisco Gomes Valle Miranda deu início a sua trajetória a frente dos serviços urbanos da capital<sup>66</sup>.

A atuação da empresa não demorou a suscitar queixas, principalmente no Diário de Natal, jornal opositor ao governo. Se antes os lampiões não eram acesos, de 1905 em diante eram os combustores que por vezes permaneciam apagados em várias ruas e praças da cidade<sup>67</sup>. Os problemas continuavam os mesmos, a escuridão e a empresa prestadora do serviço acusada de desleixo.

Apesar das acusações do Diário de Natal contra os serviços da empresa de Francisco Gomes Valle Miranda, a mesma foi contratada em 1910 no governo de Alberto Maranhão para se manter à frente dos serviços de iluminação e transporte urbano, quando incorporou a suas responsabilidades outros serviços urbanos, como consta no Decreto de Lei n° 289 de 23 de novembro de 1910: “E” aprovado o contracto celebrado em 6 de

<sup>64</sup> RELATORIO de governo, proferido na Assembléia Legislativa pelo Sr. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 1905.

<sup>65</sup> *A Republica*, n. 12, 1905, p. 01.

<sup>66</sup> A primeira exposição pública mundial do gás luminoso deu-se em Londres em 1802. No Brasil, a primeira cidade a utilizar o gás acetileno na iluminação foi o Rio de Janeiro, Corte à época, sob encomenda de Dom Pedro I em 1828. In: MEMÓRIA da eletricidade. *Reflexos da Cidade*. Rio de Janeiro, 1999. p. 21.

<sup>67</sup> ILUMINAÇÃO pública, Diário de Natal, 15 de outubro de 1908, p. 1.

outubro deste anno, entre o Governo do Estado e a firma Valle Miranda & Domingos Barros, para a construcção e exploração das obras de saneamento e melhoramentos da capital”<sup>68</sup>.

Na lista de compromissos da empresa estava a transformação do bonde puxado à tração animal em bonde elétrico. Os bondes a burro marcavam presença na cidade desde 1908, ano do assentamento dos trilhos da primeira linha de bondes da cidade, como informa *A Republica* em junho de 1908:

*Prosseguem com toda actividade os serviços para o assentamento de trilhos da primeira linha de bondes, que, ao que ouvimos, será inaugurada por todo o mez de setembro vindouro. (...) O engenheiro Sá Barreto, commissionado para effectuar em Belém do Pará a compra do material rodante, (...), communicando já haver começado a embalagem do material, devendo embarcar brevemente para esta cidade. (...) Ouvimos que a companhia teve igualmente comunicação do engenheiro Sá Barreto de haver-se contratado ali burros do Prata a 250\$ cada um.*<sup>69</sup>

De fato, os bondes à tração animal iniciaram seu movimento em setembro de 1908. A primeira linha veio para unir os dois bairros da cidade, percorrendo o trecho da Rua Doutor Barata, na Ribeira, à Praça João Maria, na Cidade Alta. Os animais passaram poucos anos servindo de tração aos bondes em Natal: dois anos após a inauguração dos carris urbanos, publicou-se em Mensagem de governo a intenção de promover a substituição da linha existente por outra movida à eletricidade e que servisse a todos os bairros; do mesmo modo a substituição da iluminação a acetileno por iluminação elétrica, sob a alegação de que aumentaria a intensidade da luz. Tais propósitos foram destacados no item do relatório intitulado “Obras publicas na capital: melhorando a qualidade de vida da população”<sup>70</sup>.

Os intentos publicados em 1910 tornaram-se realidade no ano seguinte. Tais melhoramentos foram citados em matérias dos jornais locais como impulsionadores do progresso, caso d’*A Republica*, jornal em que se publicou – no início de 1911 – que a

<sup>68</sup> Decreto de Lei n. 289, 1910. Natal: Typographia da Imprensa Oficial, 1910.

<sup>69</sup> Ferro Carril do Natal. *A Republica*, 17 de junho de 1908.

<sup>70</sup> Mensagens de governo. 1910, p. 17.

capital norte-riograndense estava conhecendo uma “poderosa teia do progresso, sempre forte, sempre veloz”<sup>71</sup>, tecida pelos melhoramentos no espaço urbano natalense. O entusiasmo dos repórteres com as perspectivas futuras da cidade que recebia a eletricidade deram contornos ao clima festivo que marcou a chegada dessa inovação. A inauguração foi programada para o dia do aniversário do governador Alberto Maranhão e festejada em um baile no Natal Club, com presença do governador e demais autoridades. E pelas mãos de Alberto Maranhão o “comutador lançou a corrente elétrica nos circuitos da Força e Luz”, marcando a inauguração dos serviços de bonde e luz elétrica, pelas suas mãos foi acionado o foco de modernidade que irradiaria Natal<sup>72</sup>.

Quatro bondes ficaram à disposição dos convidados, conduzindo-os até o Palácio do Governo. O serviço de bonde e de iluminação pública celebrados atingiam um pequeno trecho da cidade. De acordo com nota em jornal publicada pela empresa, correspondia “somente da avenida Rio Branco à Ribeira”<sup>73</sup>.

Em matéria d’A *Republica* sobre a inauguração do primeiro trecho de iluminação e bonde elétrico, foi lembrado que a empresa tinha a incumbência de melhorar o serviço de iluminação e de substituir o gás acetileno pela energia elétrica. Porém, a iluminação da cidade foi apenas uma das obrigações prescrita no contrato da Empresa de Melhoramentos de Natal com o governo do Estado do Rio Grande do Norte. Entre as prescrições contratuais encontravam-se a construção de um forno de incineração de lixo, a administração, manutenção do serviço de transporte urbano, como ainda, do serviço de abastecimento de água da capital<sup>74</sup>.

Numa outra matéria d’A *Republica*, publicada a pedido da empresa, as obrigações do contrato acordado com o governo são divulgadas, junto ao relato das ações realizadas até o momento e do andamento dos melhoramentos. Segundo esse texto, a empresa tinha o compromisso de inaugurar, em 06 de outubro de 1911, os serviços elétricos de Natal, enquanto para as restantes das obrigações tinham um prazo de cinco anos a contar da data de assinatura do contrato, o que dava como limite a data de 06 de outubro de 1913.

---

<sup>71</sup> A *Republica*, 19 jan. 1911. Citado por COSTA, Madsleine Leandro da. Op. Cit., p. 113.

<sup>72</sup> A *Republica*, n. 214, 1911.

<sup>73</sup> EMPREZA de Melhoramentos. *Diário de Natal*, 3 de outubro de 1911, p. 1.

<sup>74</sup> A *Republica*, n. 126, 1911. p. 2.

Para o serviço de transporte urbano, o número de carros foi fixado em oito, dos quais cinco já se encontravam em tráfego. Em 1912, havia cinco bondes elétricos em tráfego, descritos pela empresa responsável pelo serviço como “sólidos, confortáveis e possantes, providos de aparelhos elétricos os mais modernos, e profusamente iluminados”<sup>75</sup>. Essa descrição dos bondes concilia elementos emblemáticos da modernidade urbana daquele início de século<sup>76</sup>. Um passeio pelo bonde materializava os emblemas da modernidade, descritos pelas sensações de força e conforto.

A iluminação, quando realizada com a utilização do acetileno, contava com 220 combustores de 15 velas. O contrato previa a obrigação de fornecer 25 focos de 25 velas, iluminando a cidade três vezes mais pela mesma quantia paga anteriormente. Sobre a iluminação fornecida, informam os responsáveis pela Empresa de Melhoramentos:

*Nossa iluminação é bastante poderosa para alimentar lâmpadas mais fortes. Nos jardins já temos os focos de 100 a 200 velas e encomendamos lâmpadas de 100 velas para iluminação da gala dos edifícios públicos. Poderíamos fazer o mesmo em relação as ruas si fosse ordenado e o Estado estivesse resolvido ao aumento considerável de despesa que representa a iluminação<sup>77</sup>.*

Deste modo, a Empresa responsabilizou o Estado pelas insuficientes condições da iluminação pública, afirmando a sua capacidade de fornecer uma iluminação mais eficaz, o que não estava sendo feito por falta de interesse do Estado em resolver os problemas orçamentários e destinar verbas para o fornecimento de uma iluminação mais poderosa para os edifícios públicos. A empresa encarregava-se também da construção de um forno de incineração de lixo e do abastecimento dos serviços de água. O forno encontrava-se pronto para entrar em funcionamento em fevereiro de 1912.

Segundo os proprietários, as condições em que foi firmado o contrato eram ruins, tanto que nenhuma outra prestadora de serviço tentou fazer concorrência. Mesmo assim, afirmavam eles, que os melhoramentos estavam sendo realizado e “dentro do prazo

---

<sup>75</sup> *A Republica*, n. 12, 1912.

<sup>76</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>77</sup> *A Republica*, n. 12, 1912 .

serão todos uma feliz realidade que a colocará entre as cidades mais progressistas e florescentes do país”<sup>78</sup>.

Os melhoramentos dos serviços urbanos só foram possíveis em função de um empréstimo solicitado pelo governador Alberto Maranhão à França, em 1909, no intuito de promover os melhoramentos e embelezamento da cidade. O empréstimo foi autorizado pelo governo estadual até a “quantia de cinco mil contos de réis, ou trezentas e cinquenta mil libras esterlinas”<sup>79</sup>.

De acordo com Denise Takeya, entre os anos de 1880 e 1914 as exportações de capital tiveram um importante papel nas relações comerciais da França com o exterior. A autora afirma que naqueles anos “as exportações de capital quadruplicaram em valores, o que garantiu que a França se mantivesse como segundo país exportador de capitais do mundo”<sup>80</sup>.

A construção da Usina do Oitizeiro pela Empresa de Melhoramentos de Natal realizou-se com ajuda do governo do Estado e do referido empréstimo francês. Ela foi construída nas proximidades do Baldo, o antigo sítio do Oitizeiro, em seis meses. A usina dispunha de “uma grande bateria de acumuladores com capacidade suficiente para alimentarem toda a cidade durante a noite inteira”<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> *A Republica*, n. 12, 1912 .

<sup>79</sup> Decreto de Lei n. 270, 1909.

<sup>80</sup> TAKEYA, Denise M. *Europa, França e Ceará*, p. 37.

<sup>81</sup> *A Republica*, n. 209.p.02, 1911.



Ilustração 1: Usina do Oitizeiro inaugurada em 1911, nas proximidades da fonte do Baldo. A sucessão de empresas na administração dos serviços não trouxe mudanças à localização da usina. Na mesma localização encontra-se atualmente a COSERN. Fonte: LYRA, 2001.

O repórter Accacio falou de sua admiração com o progresso e a grandeza da usina elétrica, situado no antigo sítio do cidadão Luiz de Barros. Em ocasião de sua visita à usina a impressão foi de terem sido

*transplantandos para uma cidade yankee, (...), impressão de grandesa, impressão de justo orgulho, por vermos que a nossa terra, pequena e pobre, possui homens que teem sabido guial-a para um futuro grandioso, um futuro que jamais nos passou pela imaginação!*<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> ACCACIO. *Fitas*. A Republica, 23 de maio de 1911, p. 1.

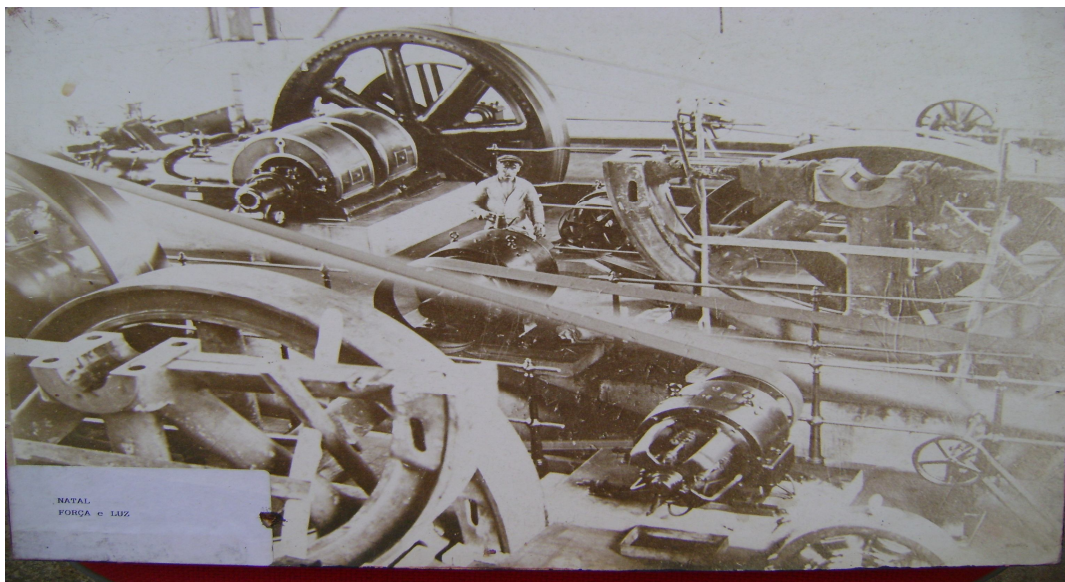


Ilustração 2: Maquinário da Empresa Força e Luz. Entre as engrenagens o operário aparece pequeno entre as engrenagens da usina. Fonte: Solar João Galvão de Medeiros.

O artigo faz referência a uma cidade *yankee*. Nos jornais da época em Natal não é raro encontrar citações às cidades norte-americanas como modelo de civilização a ser seguido. Algumas dessas referências foram feitas pelo engenheiro agrônomo Cristovam Dantas, que retornando a Natal após sua temporada de estudos nos Estados Unidos, publicou vários artigos no jornal *A República* com “sugestões extraídas de suas observações sobre a América, sugestões que, acreditava ele, poderiam ser aplicadas à organização de certos aspectos da vida social e da organização urbana de Natal”<sup>83</sup>.

A crença de um futuro grandioso para Natal foi compartilhada por escritores locais que presenciaram as mudanças na sua cidade nesse início de século. De acordo com Arrais, a cada melhoramento traçavam um futuro progressista para cidade. Entre esses escritores, figuravam Eloy de Sousa, que falou da “agonia do velho Natal” na “visão do seu renascimento”, e Henrique Castriciano, que pedia investimentos no sistema de transporte, necessários para Natal ser “uma das grandes cidades do norte do Brasil”<sup>84</sup>.

<sup>83</sup> ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska, MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRRN, 2008.

<sup>84</sup> Cf. ARRAIS, R. *O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX*. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRRN, 2007, p. 05. (No prelo).

Esses intelectuais se entusiasmaram, em menor ou maior grau, com a atmosfera da vida moderna. Possuíam bibliotecas, recebiam livros, jornais e revistas do Brasil e do exterior, viajavam para o Rio de Janeiro, foram estudar em outras capitais, ou mesmo no exterior e, muitos deles, quando retornavam a Natal, desempenhavam funções na política e na administração pública<sup>85</sup>. Eram eles membros do grupo social que aqui chamamos de elite, grupo de pessoas que tinha acesso aos meios de comunicação, que escreviam para os jornais locais exaltando os melhoramentos da cidade, e, por vezes, queixando-se contra os aspectos não condizentes com os ideais de modernização almejados, como por exemplo, a falta de serviços satisfatórios de iluminação e transporte.

Essas críticas foram valorosas fontes para nosso conhecimento dos fatos e motivações que moveram as atuações das empresas responsáveis pelos serviços de eletricidade em Natal. Dentre eles, o rompimento da sociedade entre Francisco Valle Miranda e Domingos Barros, ocorrida no ano seguinte à inauguração dos serviços de iluminação e bondes elétricos, tendo permanecido a Empresa sob a propriedade de Valle Miranda<sup>86</sup>. Sem o sócio, o proprietário da Empresa de Melhoramentos de Natal não conseguiu levar à frente os negócios.

Em 1912, as matérias referentes ao assunto traduzem uma grande insatisfação acerca da precariedade dos serviços prestados por essa empresa. As reclamações se deram em relação às irregularidades nos horários dos *Tramways ou Elétricos* (denominações que também recebiam os bondes), por estes apresentarem defeitos, ou ainda em relação aos pontos de parada, ao valor das passagens e pelo número de acidentes causados pelos Bondes<sup>87</sup>.

Em 1913, a Empresa de Melhoramentos de Natal foi substituída pela Empresa Tração Força e Luz Elétrica de Natal - E. F. e Luz de Natal, de propriedade do coronel Alfredo Solon, que adquiriu, igualmente, a concessão para exploração de outros serviços urbanos em Natal, como abastecimento de água, coleta e incineração de lixo, serviços de telefonia e fábrica de gelo<sup>88</sup>.

---

<sup>85</sup> Sobre esse assunto conferir: ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska, MARINHO, Márcia. Op. cit..

<sup>86</sup> A REPUBLICA, n. 99, 1912.

<sup>87</sup> Ver, por exemplo, o Jornal A Republica do ano de 1912 e Diário do Natal de 1912.

<sup>88</sup> De acordo com Cascudo, a primeira vez que viram gelo em Natal foi em 1868, por ocasião de um baile organizado para comemorar a volta do Partido Conservador ao Poder e a chegada do novo Presidente da Província, o Dr. Manuel José Marinho da Cunha. Em uma barcaça vinda de Recife trouxeram para o evento



### **Empresa Tração Força e Luz Elétrica de Natal (E.F e Luz de Natal)**

Os serviços urbanos prosseguiram sob o regime de concessão de sua administração a empresas privadas. Porém, ao mesmo tempo essas empresas mantinham-se sob a proteção do governo, dependentes de incentivos e verbas governamentais para realização dos melhoramentos. De modo que a responsabilidade dos serviços era partilhada entre as empresas concessionárias e os órgãos governamentais. Portanto, os problemas na prestação dos serviços urbanos eram julgados como de responsabilidade tanto das empresas quanto do Estado.

Para obter recursos necessários aos melhoramentos dos serviços, seu proprietário associou-se aos investidores de São Paulo e a empresa passou a ter sede na capital paulista. O coronel Solon, novo concessionário dos serviços urbanos, em entrevista n'*A Republica* em janeiro de 1913, falou dos motivos de sua associação com capitalistas paulistas. De acordo com o proprietário da T. F. e Luz de Natal com essa medida a empresa ficou “aparelhada não só para executar todos os serviços contractados com o Governo do Estado, como talvez para estender trilhos, luz e força as cidades de Macaíba, Tirol e Praia do Morcego, ainda construir uma estação balneária moderna.”<sup>89</sup>

---

“frutas, melões, melancias, abacaxis, laranjas da Bahia, limão de cheiro. E, pela primeira vez na história, gelo. Foram desembarcadas em Natal dez arrobas de gelo. Nunca se tinha visto gelo. Quem podia andar, foi ver, com os olhos que a terra há de comer”. O gelo, que foi a novidade admirada por curiosos dos preparativos daquele baile de 1868, foi um dos objetivos dos investimentos realizados no setor elétrico em Natal. In. CASCUDO, Câmara. *Acta Diurna* - O Baile de 1868. A Republica. 01 Out.1939.

<sup>89</sup> A Republica, 1913.

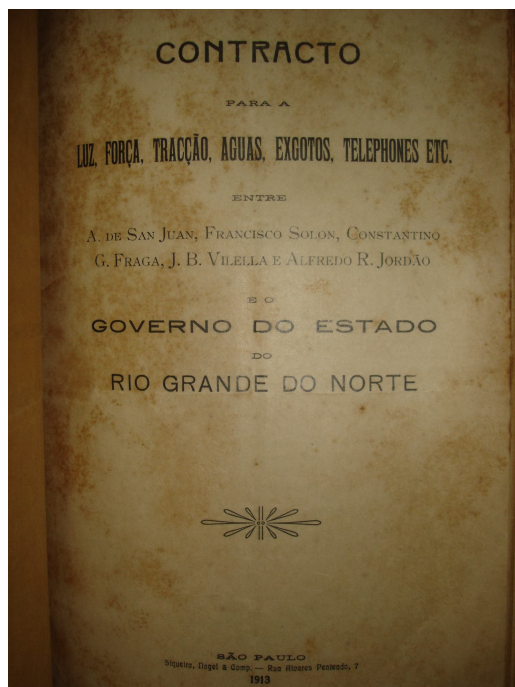


Ilustração 3: Capa do contrato com a empresa Tração, Força e Luz Elétrica de Natal.  
 Fonte: Acervo do Centro Norte Rio-grandense, Rio de Janeiro.

O contrato firmado em 1913 entre o governo do Estado do Rio Grande do Norte e a empresa Tração, Força e Luz elétrica de Natal traz as disposições gerais que regulamentaram a concessão da exploração dos serviços urbanos da capital. Nesse documento, entre outras prescrições, o prazo previsto para concessão dos serviços foi de cinqüenta anos. A empresa teria que realizar a iluminação pública desde o anoitecer até o amanhecer, sem nenhuma interrupção relacionada ao luar. Para tanto, seriam acesas “quatrocentas lampadas incandescentes de trinta e duas velas, mais a iluminação de gala e quatro lampadas de cem velas para os pavilhões das praças Augusto Severo e André de Albuquerque”<sup>90</sup>.

Essa empresa utilizaria, por arrendamento do Estado, a infra-estrutura montada pela concessionária anterior, composta por obras e terrenos de propriedade do Estado, como, por exemplo, as redes distribuição de água de coleta dos esgotos, os trilhos das linhas do bonde já assentados, dois carros motores, um carro-motor de carga, um carro

<sup>90</sup> GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Contrato para a Luz, Força, tracção, Águas, Exgotos, Telephones etc. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp. 1913. p. 4-5.

reboque, um carro funerário, e rede aérea para distribuição de eletricidade. A usina chegou às mãos da T. F. e Luz de Natal com

*Dois motores a gaz pobre, de duzentos e vinte cavallos cada motor; dois dynamos de corrente continua de sessenta KW cada: dois dynamos de corrente continua de setenta e cinco KW cada, com fabrica de gelo; - câmara frigorifica, fabrica de ceramica e de todos os terrenos do Baldo, Bica e sítio adquirido para instalação da usina<sup>91</sup>.*

Uma comparação das melhorias na infra-estrutura entre diferentes serviços urbanos no intervalo entre 1912 e 1916 nos dá a dimensão das ações empreendidas no período. Dentre as mudanças estava a realização de reformas na Usina do Oitizeiro, o que possibilitou que se dispensasse o uso do gás acetileno para realizar a iluminação da cidade<sup>92</sup>:

Quadro 1: Comparação da situação dos serviços urbanos no ano de 1912 e 1916.

<b>Melhoramentos</b>	<i>Empresa de Melhoramentos de Natal</i> <b>1912</b>	<i>Empresa de Tração Força e Luz de Natal</i> <b>1916</b>
Usina	Dois geradores de 60 KW e dois de 75 KW.	Substituição por geradores trifásicos de 6.000 volts, 50 períodos e aparelhos de 1.000 HP de capacidade, construção da sub-estação e montagem de dois grupos de conversores de 3000 HP, totalizando 480 KW.
Tramways	Quatro carros e cerca de 5 Km de linhas.	Cerca de 7 Km de linhas, novos carros motores de passageiro e carga, construção de carros para transporte de carne verde.
Abastecimento de água	Pequena rede de tubos de ferro, com diâmetros de duas ou três polegadas, que abasteciam no máximo 250 prédios.	Novos poços, montagem de dois reservatórios de ferro e de bombas centrífugas e reparação do moinho de vento. Os tubos chegam a 8 polegadas com o desenvolvimento de 21.158 m.
Coleta de lixo	A coleta feita com força animal e o forno não funcionavam. A incineração era feita ao ar livre nos terrenos da empresa.	Remodelação completa do serviço de transporte e incineração de lixo e colocação de novos ventiladores.
Fábrica de gelo	Produção diária de 500 quilos.	Aumento do prédio e montagem de nova máquina com produção de 5 toneladas diárias.

<sup>91</sup> GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Contrato para a Luz, Força, tracção, Águas, Exgottos, Telephones etc. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp. 1913. p. 9.

<sup>92</sup> Elaborado com base em matéria do Jornal A Republica, nº 269, 1916.

Seguiram-se os esforços para organizar e ampliar a rede de distribuição de eletricidade por toda a cidade, bem como o número de consumidores desse serviço, tendo em vista medidas que objetivavam expandir o acesso aos avanços técnicos. Realizaram-se discussões sobre o preço do quilowatt, das taxas de instalação de medidores e de multas. No jornal *A Republica*, em matéria publicada a pedido de San Juan, gerente da E. F. e Luz de Natal, tratando das alterações do “machinismo” da empresa e das providências necessárias para solicitação de instalações elétricas domiciliares, afirma que para o fornecimento de luz aos particulares

*As instalações à taxa fixa serão gratuitas e de acordo com a tabela da cláusula 4ª do contrato de 16 de outubro de 1912, celebrado com o governo do Estado. As instalações por medidores deverão garantir um consumo mínimo de 10\$000. Não podendo funcionar mais os atuais medidores, porque a nova corrente, que é trifásica, não aciona os atuais medidores de corrente contínua (...). Os consumidores, que não quiserem pagar por consumo de luz e a taxa mínima de 10\$000, poderão optar pelo consumo por lâmpada fixa.*

Os medidores de *killowatts-hora* precisavam ser trocados por outros que funcionassem com a corrente trifásica. Esse tipo de sistema de geração de energia, com correntes alternadas que são sincronizadas, ainda é comum e considerado mais eficiente que o sistema isolado. Com a energia trifásica, o acionamento de motores elétricos tornou-se mais ágil e ela permitia dois níveis de tensão. As alterações técnicas do setor elétrico caminhavam junto aos setores da indústria química, da siderurgia e da eletrotécnica. O aço e o cobre são utilizados como condutor elétrico em longas distâncias sem perdas substanciais da energia produzida e assim contribuem para a difusão da eletricidade, possibilitando maior transmissibilidade e flexibilidade dessa fonte de energia<sup>93</sup>.

Com essas características, a eletricidade tornou-se a forma da energia mais utilizada do século XX. A flexibilidade dessa fonte de energia é responsável pela forma multiforme em vários aspectos da vida social, como força na produção industrial, nos sistemas de transportes, na medicina, na iluminação pública e privada, nas formas de

---

<sup>93</sup> MAGALHÃES, Gildo dos Santos. *Força e Luz: eletricidade e modernização no Brasil*. São Paulo: Unesp/FAPES, 2000.

diversão e no modo de morar. Os habitantes de cidade tornaram-se consumidores de eletricidade, tendo sido necessário, para tanto, a construção de uma relação contratual e de confiança entre empresa e consumidor, e a simplificação de uma linguagem técnica, a exemplo de termos como *kilowatts*, ou apenas *KW hora*, que passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Em Natal essas relações foram se estabelecendo através dos esclarecimentos publicados em notas de jornais sobre mudanças técnicas necessárias, cobranças e valores, e em geral mencionando as obrigações estabelecidas em contrato. Numa dessas notas publicada n' *A Republica*, a Empresa esclareceu ao público interessado os procedimentos e valores para terem em seus domicílios os serviços de eletricidade. Para tanto

*o consumidor que quiser adotar o medidor deverá garantir um consumo mínimo de 15\$000 mensais. O preço para o fornecimento de luz por medida não poderá ser maior de 600 reis o kw hora; e o de força elétrica motriz 250 reis o kw hora. As instalações domiciliares serão por conta do consumidor.*<sup>94</sup>

O preço da energia oferecida tinha por base um consumo mínimo mensal e as preocupações com os valores das tarifas de energia e de instalação dos medidores elétricos, como mencionado anteriormente, pode ser percebido como um aspecto revelador das intenções dos administradores dos serviços em alcançar a população de uma maneira mais extensa e da ampliação do uso de eletricidade no espaço privado. Entretanto, os serviços públicos baseados no uso dessa fonte de energia continuaram a suscitar reclamações.

A atuação da Empresa de Tração Força e Luz Elétrica de Natal foi muito questionada, alegando-se que os serviços urbanos prestados eram deficientes, insatisfatórios. Tal situação ultrapassou o limite da verbalização. Em 1916, pessoas manifestaram sua insatisfação com ações de violência contra o patrimônio da empresa, as quais foram consideradas fruto de campanha contra E. T. F. e Luz de Natal, realizada através de inúmeras queixas que vinham sendo publicadas nos jornais locais. O incidente foi comentado em matéria d' *A Republica*:

---

<sup>94</sup> A REPUBLICA, 1915, p. 1.

*Esta capital foi suprehendida, horem pela manhã, com acto de selvageria, que suppunhamos, não teríamos mais o desprazer de registrar em um meio que se diz civilisado.*

*Foi o facto que todas as lampadas de illuminação publica, desde a avenida Deodoro à Areia Preta, amanheceram quebradas e com os braços inutilizados, prejudicados de tal forma este serviço que, ainda horem não pode ser restabelecido.*

*Só se pode racionalmente attribuir tamanha perversidade ou a um acto de loucura, ou a affeito dessa campanha apaixonada que se move ha tempos contra a empresa Tracção, Força e Luz, sem levar em conta que é uma sociedade que explora os serviços do Estado com ella contractado, sujeita portanto a fiscalização do governo, que é o juiz competente para decidir sobre seus atos e chamal-a ao cumprimento do dever, quando entender necessário<sup>95</sup>.*

Queixas quanto aos serviços urbanos degeneravam em violência contra a empresa, ocasionando a destruição dos elementos da infra-estrutura dos serviços, situações que também ocorriam no Rio de Janeiro, onde uma dessas manifestações questionava o controle da Light sobre os serviços de eletricidade e queixava-se sobre os atrasos frequentes dos bondes e mudanças de linhas, insatisfação que gerou um motim popular contra os equipamentos urbanos. A população foi incitada por jornais, como o Correio da Manhã, a participar da ação contra o patrimônio da empresa; autores mencionam que foram erguidas barricadas e carroças da Light foram incendiadas, sendo necessário que a força policial saísse em defesa dos bondes reprimindo o protesto<sup>96</sup>.

Em Natal, manifestações violentas contra os bens da empresa foram percebidas com descontentamento, como “atos de violência e selvageria” que eram dignos de um povo incivilizado. A polícia teve que garantir a ordem pública e o governo declarou em nota no jornal desconhecer falhas no serviço da empresa

*que é simples arrendatária de serviços pertencentes ao Estado e declarou que, perante ao Governo, a Empresa cumpria as obrigações constantes ao seu contracto (...) e si falhas havia nos seus serviços (...) não chegava ao conhecimento do Governo que desejava tudo conhecer<sup>97</sup>.*

<sup>95</sup> VARIAS. A Republica, 23 out.1916.

<sup>96</sup> ROCHA, Amara S. de Souza. Luzes da ribalta: a chegada da energia elétrica no Rio de Janeiro foi recebida de modo contraditório, entre o encanto com a novidade e os protestos da população. *Revista de Historia da Biblioteca Nacional*. 01 de outubro de 2006. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home>.

<sup>97</sup> A Republica, n. 239, p. 1916.

As pessoas reclamavam as freqüentes interrupções dos serviços de transporte, de iluminação pública e de fornecimento de eletricidade às moradias. O Governo respondia às reclamações com argumentos de que só por meios legais poderia intervir na situação e, sugerindo conformismo, publicou no jornal oficial que de nada adiantava a pressão popular, pois a culpa dos melhoramentos reivindicados não estarem sendo realizados dava-se pelas dificuldades originadas da conflagração européia, que, vinha dificultando as importações de equipamentos e de combustível necessário. A justificativa do governo concluía que “se o serviço não é bom, pior é ficar sem elle”<sup>98</sup>. Mesmo assim, a administração pública multou a empresa em 2:400\$000 (dois contos e quatrocentos mil réis) por descumprimento das cláusulas do contrato com relação aos bondes<sup>99</sup>.

Desse modo, os serviços urbanos de Natal eram realizados sob o regime de concessão a empresas privadas, ao mesmo tempo em que as empresas concessionárias mantinham-se sob a proteção do governo, dependendo de incentivos e verbas governamentais para realização dos melhoramentos<sup>100</sup>. Esses incentivos eram previstos nos termos do contrato com a empresa, de acordo com a décima nona cláusula: “ficam os concessionários isentos de todos os impostos estaduais e municipais de qualquer especie, presentes ou futuros sobre a industria de concessão”. Enquanto as obrigações do governo foram descritas na vigésima cláusula: desapropriar, por utilidade pública, terrenos necessários; pedir isenção de impostos aduaneiros e garantir a demais vantagens concedidas por lei aos serviços estaduais e municipais<sup>101</sup>.

Tal contrato previa o tempo de exploração dos serviços urbanos em até cinqüenta anos, porém a empresa esteve à frente dos serviços apenas por sete anos, entre os anos de 1913 e 1920. As melhorias empreendidas por essa empresa foram poucas e a população estampava sua insatisfação em contínuas queixas publicadas nos jornais locais, acusando problemas em relação aos serviços prestados pela empresa. Essa insatisfação culminou na abertura de nova concorrência para empresas que tivessem interesses em

---

<sup>98</sup> A Republica, n. 239, p. 1916.

<sup>99</sup> Governo do Estado. *Notas Officiaes*. A Republica, 14 de janeiro de 1920.

<sup>100</sup> A Republica, n.239, 1916.

<sup>101</sup> GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Contrato para a Luz, Força, tracção, Águas, Exgottos, Telephones etc. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp. 1913. p. 9.

assumir os serviços de água, luz e telefone da capital. Na época, o governador José Antônio de Melo e Souza informou n' *A Republica* a abertura da concorrência:

*faiz-se publico que, por acto desta data o sr. Governador resolveu prorrogar por mais sessenta dias o praso, fixado por edital de 6 de Abril ultimo para a apresentação de propostas ao contracto dos serviços urbanos de viação, illuminação publica e particular, abastecimento d'água, telephones, remoção de lixo, esgottos e fabricas de gelo, conforme as bases que se acham nesta Secretaria á disposição dos interessados<sup>102</sup>.*

Porém, de acordo com matéria d' *A Republica*, as propostas apresentadas para concorrer à concessão dos serviços não ofereciam vantagens, o que levou o governador a rescindir o contrato com a E. T. F. e Luz de Natal, sob a alegação de a mesma não cumprir com suas obrigações e prevalecer-se das vantagens que lhe oferecia o contrato. A empresa “se oppunha ao menor beneficio no sentido de garantir á população algum conforto”. O material de propriedade do Estado concedido à empresa estava “em tão precarias condições que só foi possivel á custa de enorme difficuldade, continuar a manter serviços de illuminação publica e particular e de abastecimento d'água”. Evidenciou-se a necessidade de uma remodelação na usina, para a qual os equipamentos em sua maioria viriam do estrangeiro e custariam alto ao cofre do Estado<sup>103</sup>. Com esses argumentos, o governador Antonio de Souza organizou a Repartição de Serviços Urbanos de Natal, com a qual os serviços urbanos passaram ao controle e administração do Estado.

### **Repartição de Serviços Urbanos de Natal**

Diretamente subordinada ao Tesouro do Estado e confiada ao engenheiro Ulysses Carneiro Leão, essa Repartição atuou à frente dos serviços urbanos durante toda década de 1920. As verbas originadas da arrecadação das tarifas, de transporte urbano, de distribuição de água, coleta de lixo e fornecimento de eletricidade passaram à

---

<sup>102</sup> SOUZA, Antônio J. de Mello e. EDITAIS. *A Republica*, 25 de novembro de 1921, p. 1.

<sup>103</sup> TRAFEGO Urbano. *A Republica*. 13 set.1923, p. 1.



administração do governo, que tornou mais rígido o sistema de cobranças das taxas, alegando que a inadimplência tornava difícil a realização das reformas necessárias. De acordo com nota de autoria de Cícero Aranha, gerente da Repartição, publicada n'A *República* em janeiro de 1925, tratando da política de cobrança de taxas e punições aos inadimplentes,

*a cobrança das taxas de luz, água, remoção de lixo, força e telefone, será feita à dita pelos arrecadadores nas diversas zonas em que está dividida a cidade, devendo o pagamento das em atraso ate 31 de Dezembro do ano findo, ser efetuado no escritório da Repartição. A cobrança de cada mês será encerrada no dia 25 do mês seguinte, sendo concedido um prazo de 15 dias aos que não tiverem satisfeito o pagamento do mês anterior, findo o qual será suspenso o respectivo fornecimento, sem outro aviso*<sup>104</sup>.

Manoel Dantas parabenizou as ações do governador Antônio Souza, por seu empenho em organizar os serviços urbanos da capital norte-rio-grandense. Para Dantas os serviços urbanos de tração, água, luz e esgoto, que passaram à administração do governo eram um elemento vital para a cidade, uma necessidade “inadiável, porque, ou a cidade melhora seus serviços, sobretudo os de tracção, água e luz, ou a cidade morre que em tanto importa a perda de sua actividade”<sup>105</sup>.

Durante toda a década de 1920, eram constantes as queixas publicadas nos jornais locais mencionando a precariedade dos serviços prestados pela Repartição. Em 1925, a empresa abriu um escritório para servir de canal de comunicação recebendo diretamente as reclamações dos consumidores. A novidade era informada pela imprensa:

*A Repartição dos Serviços Urbanos de Natal acaba de instalar o escritório da secção de tráfego à rua Coronel Pedro Soares, fronteiro ao 'Natal Club'. Ali são recebidas reclamações sobre os serviços de luz e água, das 8 às 11 e das 13 às 17 horas; queixas sobre tratamento por parte dos condutores de bondes especiais, etc., a qualquer hora. A partir das 18 horas serão encontrados eletricitas de plantão para qualquer chamado. Há telefone e vendem-se cadernetas de posses*<sup>106</sup>.

<sup>104</sup> ARANHA, Cícero. *Solicitadas*. A República, 16 de janeiro de 1925, p. 3.

<sup>105</sup> DANTAS, Manoel. *Os serviços da cidade*. A República, 15 de novembro de 1921, p. 1.

<sup>106</sup> Várias. A República. 08 abr. 1925, p. 1.

Ligações de energia clandestinas foram combatidas. Em dezembro de 1924 a seção de eletricidade da repartição de Serviços Urbanos localizou uma ligação de luz indevida no bairro da Ribeira. Atestando o fato, a Repartição publicou nota n'A Republica informando que

*toda e qualquer ligação de luz, pública ou particular, feita por pêssoa extranha à secção de eletricidade, ou mesmo por empregado da secção sem a ordem extrahida da Contadoria da Repartição, será considerada clandestina e como tal denunciada ao Departamento da Segurança Pública, que tomará providencias a fim de acabar com irregularidades dessa natureza*<sup>107</sup>.

A população sem recursos para solicitar legalmente os serviços de eletricidade para suas residências e arcar com os custos das instalações e das tarifas, usava de estratégias, por vezes ilegais, para compartilhar os benefícios e conforto proporcionados pelos serviços de distribuição de eletricidade, escapando ao controle de seus administradores e planejadores.

Tais práticas tornavam ainda mais onerosos os custos com os serviços urbanos da capital, acrescidos com a substituição dos equipamentos existentes. De acordo com matéria d'A Republica, o Estado possuía em 1924 a receita de 626.915\$342 contos de réis, para cumprir com as despesas de 2.945:914\$696, "o que dá uma diferença A MAIS NA DESPESA DE 2.116.999\$354"<sup>108</sup>.

Quadro 2: Custos dos serviços urbanos ao Estado

1910	1921	1922	1923
70.904\$992	384.816\$390	1.314.417\$680	1.175.775\$634

Fonte: elaboração com base em matéria de jornal A República, em 13 de novembro de 1924.

<sup>107</sup> INSTALAÇÕES ELECTRICAS CLANDESTINAS. A Republica, 03 de dezembro de 1924, p.1.

<sup>108</sup> Mensagem (continuação) - SERVIÇOS URBANOS DE NATAL: Chefe do Departamento de agricultura e Obras : Sr. Dr. Antidio de Britto Guerra. A Republica, 13 de novembro de 1924, p. 1.

As despesas apresentadas foram motivo de discussões sobre os valores das tarifas dos serviços de água, luz e transportes urbanos. Em 1925, as tarifas referentes à energia tiveram um acréscimo, devido ao aumento do preço do Kilowatts/hora<sup>109</sup>.

O preço da passagem de bonde elétrico foi questionado pelo jornal do grupo opositor ao governo, o *Diário de Natal*. O bonde era único meio de acesso às vastas extensões da cidade, mas, custando \$200, tornou-se “inacessível á bolsa do pobre”, o que levou esse periódico a sugerir que fossem colocados a disposição “carros de segunda classe, ao preço de \$100 a passagem, destinados à gente pobre, que também precisa locomover-se, com facilidade, ao longo das nossas principais artérias”<sup>110</sup>.

As dificuldades orçamentárias eram fundadas na necessidade de melhorias na infra-estrutura dos serviços, principal alvo dos esforços da Repartição. Em matéria publicada n’A *Republica* por Amphiloquio Câmara, assessor do governo, comentou-se as realizações do governo de José Augusto, relatando as melhorias realizadas pela Repartição de Serviços Urbanos de Natal com intuito de organizar e ampliar os serviços urbanos baseados na geração e distribuição de eletricidade.

No início do ano de 1925, essa Repartição iniciou a reorganização dos serviços urbanos para aumentar a capacidade energética da usina, melhorar a distribuição e esticar a linha de bonde. De acordo, relatório do primeiro ano de governo de José Augusto, para essa reorganização dos serviços realizou-se um balanço patrimonial da usina, oficina e escritório para se prevê as melhorias e recursos necessários. De acordo com o texto do relatório:

*Para melhorar o serviço de luz, bondes e abastecimento dagua, foi montada a machina a vapor do fabricante Bellis & Morcon, de força de 750 cavallos, accionada por um jogo de caldeiras tipo Babcock, de 900 tubos adquirida no governo Dr. Antonio de Souza, e feita a instalação de gazogeneo para o serviço dos motores a gaz pobre, os quaes foram quasi todos reformados.*

*Como serviços outros de melhoramentos feitos na Uzina, contamos a reconstrução do forno de incineração, a construcção de casas de machinas para bombas, a construcção de garage para o caminhão, de carvoeiras, alojamento de machinas, etc.(...)*

*Concluida a montagem de um motor a gaz pobre, de 225 cavallos, dentro de poucos dias, estará a Uzina habilitada a satisfazer com suficiencia os serviços a seu cargo, estendendo se a rede de luz eletrica a outros pontos da cidade e ampliando o serviço de bondes pela*

<sup>109</sup> SOLICITADAS, *A Republica*, 22 de abril de 1925, p.3.

<sup>110</sup> PROBLEMA DE TRANSPORTE. *Diário de Natal*, 21 de junho de 1926.

*construção de linhas para as Rocas, Limpa e Areia Preta. Para atender a esta ultima parte, está a Repartição tratando de aumentar o numero de carros, aproveitando os antigos bondes da extincta Empreza Tracção, Força e Luz. (...).*

*Foram tambem iniciados os serviços de reforma da fabrica de gelo e secção de telephones, os quaes serão ampliados em condições de melhor servir ao publico.*

A companhia inglesa Beliss & Morcom, fabricante do motor adquirido pela Repartição de Serviços Urbanos, foi uma das mais conhecidas fabricantes de motores a vapor de sua época, por comercializar um motor a vapor de alta velocidade que podia ser diretamente acoplado a um gerador<sup>111</sup>. De acordo com McDowall, em seu trabalho sobre a atuação da light no Brasil, “todos os produtores de equipamentos elétricos demonstravam grande interesse em internacionalizar suas vendas”. Nesse contexto, o mercado latino americano transformou-se num dos principais alvos, de modo que nesse período toda aparelhagem das redes de eletricidade era importada e instalada por estrangeiros<sup>112</sup>.

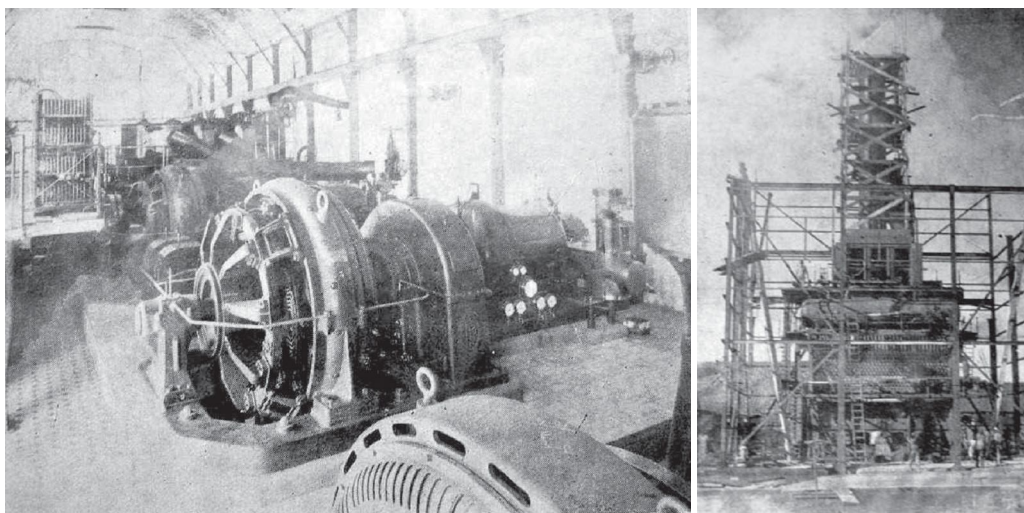


Ilustração 4 – Motor e Caldeira da empresa Pará Electric: Turbo-alternador Belliss & Morcom de 1500 KVA e caldeira a lenha Babcock & Wilcox em construção – em agosto de 1937.

Fonte: LEMOS, 2007.

<sup>111</sup> LEMOS, Chélen Fischer de. *O Processo Sociotécnico de Eletrificação na Amazônia: articulações e contradições entre Estado, capital e território (1890 a 1990)*. 342f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

<sup>112</sup> MCDOWALL. Duncan. *Light: A História da empresa que modernizou o Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008. p. 53.

Com o novo motor, a Repartição de Serviços Urbanos de Natal tinha o objetivo de colocar em melhor funcionamento e ampliar a infra-estrutura dos serviços da capital. Nesse intuito, construiu novas linhas de bonde e aumentou a iluminação da cidade, conforme publicou em relatório:

*construiu uma nova linha de bondes na capital, numa extensão de 2,500 metros, e se acha em construção uma outra para Areia Preta, pitoresca praia de banhos, devendo ser inaugurada ainda este ano; executou obras de drenagem em varios pontos considerados insalubres; augmentou a iluminação publica e melhorou consideravelmente os serviços de telephone e abastecimento de água na capital*<sup>113</sup>.

Nesse contexto, seguiram-se inaugurações, reformas, ampliação da rede de fornecimento de energia e das linhas do bonde. As ações realizadas esticaram a linha de bondes do Alecrim, “atingindo um percurso de 1500 metros”, até o bairro de Lagoa Secca<sup>114</sup>; reformaram bondes que estavam inativos, num total de nove veículos<sup>115</sup>; foi concluída nova instalação da estação telegráfica, em cujo prédio funcionava a Repartição, com a chegada do aparelho "Baudot" para correspondência entre Natal e Recife<sup>116</sup>; e uma nova sub-estação de energia elétrica na Usina do Oitizeiro foi inaugurada em 1928 com o evento comemorativo realizado na usina de eletricidade. Aproveitou-se a ocasião para realizar uma homenagem ao engenheiro Paulo Coriolano, pelo terceiro ano de sua administração dos serviços urbanos da capital, que recebeu do representante do “operariado natalense, o sr. Josué Silva, (...) diploma de socio benemerito da Liga Operaria”<sup>117</sup>.

Os esforços da Repartição em organizar os serviços urbanos e as melhorias relatadas não colocaram fim às interrupções constantes do sistema de iluminação e de fornecimento de eletricidade, como ocorrido em novembro de 1925, quando “devido a

<sup>113</sup> CAMARA, Amphilquio. *O Rio Grande do Norte de hoje*. As realizações do governo José Augusto. Os efeitos de uma boa política aliada a uma boa administração. *A Republica*, 25 de novembro de 1926, p. 1.

<sup>114</sup> LINHA DE BONDES: TYROL- LAGÔA SECCA. *A Republica*, 10 de fevereiro de 1926, p. 1.

<sup>115</sup> VÁRIAS. *A republica*, 13 de maio de 1925, p. 2.

<sup>116</sup> VÁRIAS. *A Republica*, 28 de dezembro de 1924, p. 2.

<sup>117</sup> UZINA eléctrica do oitizeiro. *A Republica*, 19 de janeiro de 1928, p. 1.

reparos na corrente de alta tensão” a Ribeira ficou sem energia elétrica das 13h às 15h<sup>118</sup>. Também os bondes continuaram a ter a corrida suspensa por necessidade de reparos, conforme se relatou em 30 de novembro de 1929, quando a cidade ficou sem seu movimento por até 11 horas<sup>119</sup>.

Nessas circunstâncias se acirraram as críticas acerca dos serviços sob responsabilidade da administração pública durante toda a década de 1920. Nas matérias com queixas evidencia-se um quadro de desorganização, englobando o fornecimento intermitente de energia e de água, a deficiência do serviço de limpeza pública, precariedade na pavimentação de ruas e praças, a irregularidade do transporte público, entre outros problemas. Neste contexto de crise, os problemas urbanos emergiram como prioridade do governador de Juvenal Lamartine e da administração municipal do engenheiro Omar O’Grady (1924-1930).

No livro *O Meu Governo*, Juvenal Lamartine faz um espécie de relatório das ações realizadas durante seu tempo no governo do Estado, tendo sido impedido de escrever o relatório oficial, por ter sido deposto e exilado após a revolução de 1930 no Brasil. Dentre as ações realizadas, o ex-governador destaca as melhorias dos serviços urbanos, como

*reparos e collocação de novo ventilador no forno de incineração de lixo; reparos geraes no prédio da sub-estação da rua 13 de Maio; construção de fossas e conservação de machinas; installação da secção do trafego; construção de linhas para illuminação do Barro Vermelho, rua Potengy e rua Laranjeiras; substituição do cano geral de abastecimento d’agua da avenida “Nysia Floresta”; reforma radical e substituição de toda installação da chefatura de Policia e residência de delegados; reforma e ampliação das installações elétricas da Escola Normal, Atheneu, Grupo Escolar “Antonio de Souza” e Hospital “Jovino Barreto”; construção de novas redes de força para a estação de radio-telegraphica do Refoles; preparação do solo e plantação do capizal para allimentação dos cavallos do Esquadrão de Cavallaria da Policia, nos terrenos anexos aos da Usina<sup>120</sup>.*

Lamartine era um homem em harmonia com as mudanças de seu tempo, vestia-se elegantemente, era amante dos esportes, mostrava-se fascinado por aviação, aparecia costumeiramente em revistas em fotografia com situações que traduziam a imagem do

<sup>118</sup> ECHOS E FACTOS. *Diario de Natal*, 18 de novembro de 1925, p. 2.

<sup>119</sup> REPARTIÇÃO dos serviços urbanos de Natal. *A Republica*, 30 de novembro de 1929, p. 1.

<sup>120</sup> LAMERTINE, Juvenal. *O Meu Governo*. P. 14.

homem moderno. Em seu governo fundou o Aero-Club, construiu o estádio que levou seu nome e deu destaque as melhorias na infra-estrutura de serviços urbanos da capital. Tais ações refletem sua personalidade entusiasta com o progresso técnico.

Em seu livro relatou que logo no início de seu governo buscou se informar da situação material da usina geradora de eletricidade da cidade, por considerar os serviços que dependiam da usina como de “importancia vital para uma cidade moderna e civilizada”. De acordo com o ex-governador lá encontrou duas máquinas velhas, uma a vapor e outra a gás pobre, ambas já quase imprestáveis e “que dentro de dois ou trez mezes, cessaria todo o serviço de abastecimento d’agua e luz de capital”. Nessas condições

*A iluminação publica e particular da cidade estava sensivelmente reduzida, suprimida a de diversas praças e ruas, reduzido tambem o fornecimento de força para fins industriaes, deficientissimo o abasteciemento d’agua, e por demais moroso e irregular o serviço de bondes*<sup>121</sup>.

A situação descrita o levou a decretar a extinção do escritório da Repartição de Serviços Urbanos, criando a Recebedoria de Rendas, para recebimento das taxas urbanas. Tomou medidas para consertar o maquinário e impedir que a cidade ficasse sem os serviços enquanto esperava pelas máquinas novas que já haviam sido encomendadas pelo seu antecessor. Para tanto convocou o mecânico Olintho Fernandes, que trabalhara durante 16 anos na usina e havia sido dispensado pelo engenheiro da Repartição, funcionário que conseguiu por em “funcionamento dois motores que iam ser desmontados, por imprestáveis”<sup>122</sup>.

A situação financeira da usina estava difícil, o rendimento diminuía, o consumo de óleo aumentava e as dívidas se acumulavam. Entre as maiores citou o empréstimo “contrahido com Almeida Lisboa & Cia do Rio de Janeiro, para aquisição de duas caldeiras modernas”. As reformas empreendidas eram apenas paliativas e na opinião de Lamartine, o governo do Estado

---

<sup>121</sup> Ibid. p. 14.

<sup>122</sup> Ibid, p. 14.

*não devia, nem podia continuar explorando os serviços de distribuição de força e luz de Natal, que estavam a exigir uma substituição completa dos trilhos, dormentes, material rodante, postes para iluminação pública, fios transmissores de energia e de luz, telephone, etc., cujo orçamento excederia de dois mil contos*<sup>123</sup>.

Nessas circunstâncias, para manter os serviços urbanos em atividade o governo decidiu contratar uma empresa privada para administração e exploração desses serviços. A única proposta recebida foi das “Empresas Electricas Brasileiras”, com sede no Rio de Janeiro, por intermédio de seu representante em Recife, Dr. Arthur Smith. A concessão dos serviços à empresa foi autorizada pela Assembléia Legislativa por meio de lei especial e aprovada pela Intendência do Municipal de Natal por meio da Resolução n.313<sup>124</sup>.

Desse modo, a exploração dos serviços de eletricidade em Natal passou ao domínio das Empresas Elétricas Brasileiras, subsidiária da empresa americana *American & Foreign Power Company* – AMFORP, criada em 1923 para gerenciar os negócios do grupo norte-americano *Electric Bond & Share Corporation* no exterior, especialmente na América Latina. Com sede nos Estados Unidos, essa empresa iniciou suas atividades no Brasil em 1927, buscando instalar-se em centros urbanos fora dos domínios da *Light and Power Co. LTD.* que monopolizava os serviços de geração e distribuição de eletricidade no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O crescimento da demanda pela energia elétrica atraiu os investimentos dessas multinacionais para o mercado brasileiro. Essas empresas competiram pelo monopólio do setor e foram responsáveis pela entrada de capital estrangeiro na construção da infraestrutura das redes de eletricidade do País. De acordo com Lamarão,

*na década de 1920 a lighth e a norte-americana Amforp promoveriam um intenso processo de concentração e centralização de concessionárias que culminou, no final do decênio, com a quase completa desnacionalização da indústria de energia elétrica brasileira*<sup>125</sup>

A AMFORP como subsidiária das Empresas Elétricas Brasileiras, depois denominada de Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras – CAEEB, assumiu o controle de onze concessionárias entre os anos de 1927 e 1929, nas cidades de Recife,

<sup>123</sup> Ibid, p. 14.

<sup>124</sup> GOVERNO do Município. *A Republica*, Natal, 17 de novembro de 1929.

<sup>125</sup> LAMARÃO, *Op. Cit.*, p. 41.



Salvador, Vitória, Niterói e Petrópolis, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre e Pelotas, Maceió e Natal. Sendo que, para Natal e Maceió, a AMFORP fundou uma única empresa, a Força e Luz do Nordeste do Brasil - CFLNB.

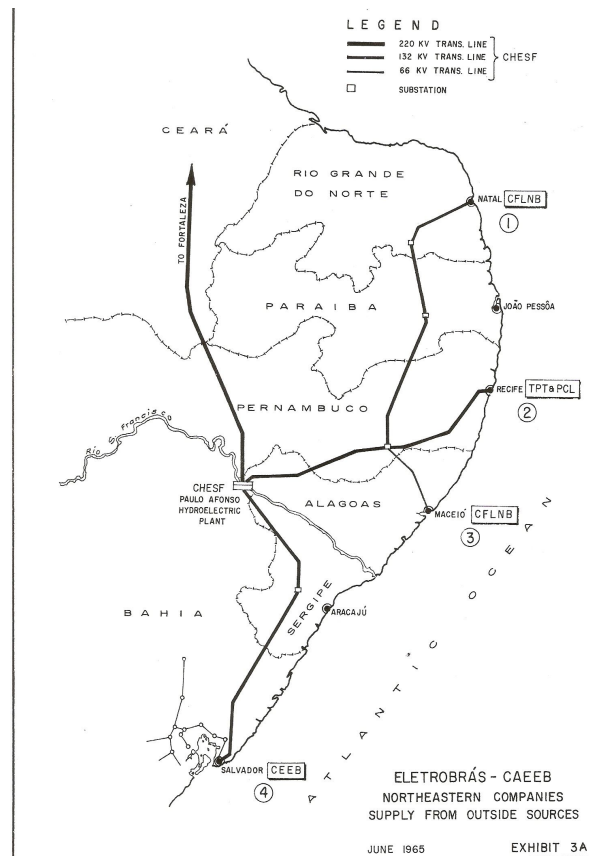


Ilustração 5: Mapa distribuindo a atuação da AMFORP em cidades do Nordeste do Brasil. Fonte: Relatório da Cia. Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras – CAEEB. *Report on the Expansion of eleven power distribution systems in Brazil*. Rio de Janeiro: CAEEB, 1965. (Acervo do Centro de Memória da Eletricidade – Rio de Janeiro)

### Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil - CFLNB

A Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil - CFLNB foi criada para gerenciar os serviços urbanos de Natal e Maceió e permaneceu atuante até a chegada da energia de Paulo Afonso a essas cidades, na década de 1960. O mapa acima mostra o

projeto de linhas de distribuição da energia de Paulo Afonso que substituíram as empresas sob a responsabilidade da norte-americana AMFORP: os números 1 e 3 trazem a mesma sigla, a CFLNB, empresa criada pela AMFORP para administrar os serviços de Natal e Maceió.

Em Natal, a CLFNB em seu primeiro dia na administração dos serviços urbanos, em 14 de dezembro de 1929, inaugurou um novo transporte público, com a utilização de “auto-onnibus” para 30 passageiros, descrito pela empresa como mais confortável e que provisoriamente faria as linhas Petrópolis, Tirol e Alecrim<sup>126</sup>.

Em 1931, a empresa apresentou e aprovou o novo plano de iluminação de Natal, de acordo com o qual a cidade receberia mais “46 focos de 80 vellas cada um, em muitas ruas que não possuíam serviço illuminativo ou tinham insignificante, como as ruas Gel. Glicerio, Estrella, Apody, Cabugy, etc., serão dotadas de apreciável illumination”<sup>127</sup>. As melhorias introduzidas pela CLFNB foram inauguradas no dia 22 de abril em um dos salões de máquinas da usina do oitizeiro. De acordo com jornal *A Republica*, ainda notava-se alguns lugares da cidade com pouca iluminação, entre os quais foram apontados as praças Augusto Severo e André de Albuquerque, o cais Tavares de Lyra e a frente do Palácio do Governo, mas a maioria das ruas da cidade havia ficado “magnificamente illuminadas” com a nova iluminação<sup>128</sup>.

Em 1934, um acordo suplementar ao contrato com a CLFNB foi firmado, apresentando proposta de aumento da rede de fornecimento de energia elétrica. Novos focos elétricos seriam distribuídos pelas ruas da cidade em diversos bairros, num total de “80 lampadas de 80 velas”<sup>129</sup>. Por essa época, a satisfação que inicialmente foi direcionada aos serviços prestados pela empresa deu lugar a reclamações. No jornal *A Republica* o aumento da demanda foi apontado como uma das dificuldades da Companhia, que não estava conseguindo acompanhar o crescimento da cidade<sup>130</sup>. Assim, as reclamações começaram a desenhar um quadro de crise no funcionamento dos serviços urbanos.

---

<sup>126</sup> COMPANHIA Força e Luz Nordeste do Brasil - A inauguração dos seus auto-onnibus. *A Republica*. 14 de dezembro de 1929, p. 1.

<sup>127</sup> A ILLUMINAÇÃO da cidade. *A Republica*. 07 de julho de 1931, p.1.

<sup>128</sup> A INAUGURAÇÃO da nova illumination pública da capital. *A Republica*, 23 de abril de 1931, p. 1.

<sup>129</sup> ACORDO aditivo ao contrato com a "Força e Luz" e o melhoramento da illumination urbana. *A Republica*. 18 de maio de 1934, p.1.

<sup>130</sup> ARAUJO, Waldemar. *Afinal, quem é a victima?*. *A Republica*. 7ago.1935, p. 8.

Numa delas o cronista Danilo, em 1937, denunciou irregularidades, que de acordo com ele haviam se tornado comum, pois “de quando em vez ficam trechos da cidade inteiramente escuros, o que, nesta época, representa mal estar ainda maior á certa parte da população que vê na falta de luz argumentos para apreensões”<sup>131</sup>.

A crise dos serviços urbanos, considerados vitais à cidade, era externada pela imagem de lâmpadas apagadas, abandonadas à espera de energia. As falhas do fornecimento de energia inspiraram o título de matéria d’A *Republica*, intitulada “Energia a prestação”, fazendo menção ao empacar dos bondes à espera de tração elétrica, mencionando que em algumas linhas faltava energia de “20 em 20 minutos”<sup>132</sup>.

Muitas das queixas em relação aos problemas de transporte urbano, revelam uma série de dificuldades com relação a possibilidades de deslocamentos dentro da cidade, apesar das linhas de auto-ônibus que haviam sido inauguradas pela CLFNB.

*Bondes e 'omnibus' disputam-se com primazia numa curiosa corrida, para ver-se qual de ambos produz mais vivos contratemplos e descontentatos maiores á população. (...) Os defeitos são de todas as naturezas. Irregularidade de horario, sim, mas, sobretudo, ineficiencia do material rodante. Há bondes que andam aos pinotes, como alimarias chucras quando pela primeira vês lhes põem séla*<sup>133</sup>.

A situação descrita demonstra que a linha de ônibus que a *Força e luz* pôs a funcionar não foi capaz de resolver os problemas de fluxo na capital. Uma matéria d’A *Republica*, de 1934, sugeria que mais bondes fossem colocados em movimento, especialmente entre os bairros mais movimentados da cidade, Ribeira e a Cidade Alta, que precisariam de pelo menos três bondes a mais<sup>134</sup>.

<sup>131</sup> DANILO. Luz e bondes (sociaes). A Republica, 1 de junho de 1937, p. 2.

<sup>132</sup> OS BONS, HONTEM, TIVERAM ENERGIA "A PRESTAÇÃO". A Republica. 10 jul. 1935, p. 1.

<sup>133</sup> À PROPÓSITO - O TRÁFEGO URBANO - BONDES E 'OMNIBUS' - COM O SR. FISCAL DA FORÇA E LUZ. A Republica, 10 de agosto de 1937, p. 1.

<sup>134</sup> PROPOSITO / dos trabalhos da empresa Força e Luz e dos bondes para a Ribeira. A Republica, 2 mar. 1934, p. 1.

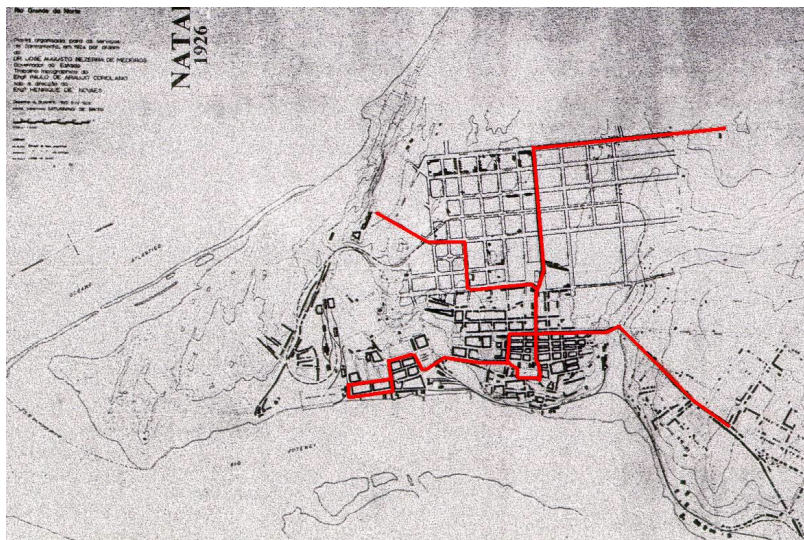


Ilustração 6: Espacialização da linha de bonde, marcada pelo traço vermelho.  
Fonte: DANTAS, 1998.

As exigências da regularidade do trânsito e fluidez do fluxo, de eficiência e velocidade animavam as atividades da cidade moderna. As dificuldades de deslocamentos na cidade estiveram entre os aspectos mais citados no quadro de crise dos serviços urbanos dos anos 1930. As redes de infra-estrutura existentes não acompanharam o crescimento urbano e o aumento do consumo de eletricidade, que se tornou componente essencial do modo de vida urbano.

Em 1935, o jornal *A Republica* pediu a aposentadoria dos bondes, com a justificativa de que não atendiam mais as exigências do ritmo da cidade e seu crescimento: os bondes ficaram lentos<sup>135</sup>. Esses *elétricos*, e aqui estendemos a expressão aos demais serviços e equipamentos acionados por eletricidade, movimentaram a dinâmica da cidade de Natal nas primeiras décadas do século XX, ajudando a elaborar uma sociedade cada vez mais complexa, produzindo conseqüências materiais para a organização vida uma vida tipicamente urbana.

O grande número de queixas e reivindicações que acompanharam os serviços urbanos relacionadas ao uso de eletricidade, desde sua inauguração em 1911, evidencia como essa fonte de energia foi se tornando essencial às diversas atividades cotidianas. Os

<sup>135</sup> CLAMA. *A Republica*. 12 jul. 1935, p. 2.

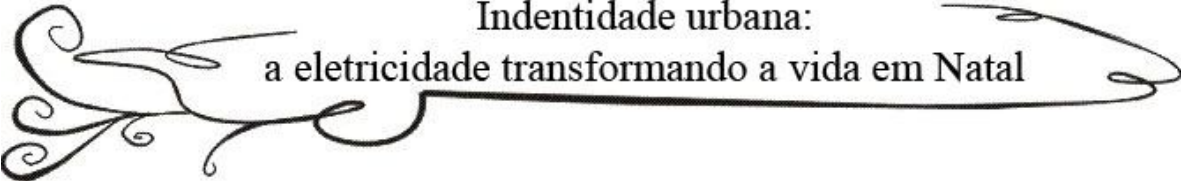
benefícios da eletricidade foram propagandeados pelas empresas concessionárias dos serviços, por fabricantes de eletrodomésticos e de lâmpadas, pelos médicos e dentistas que ao anunciarem seus serviços mencionavam o uso de eletricidade em seus procedimentos, por bares e clubes que destacavam a presença desse avanço técnico como um atrativo de seus estabelecimentos e eventos.

As páginas dos jornais estão cheias dos termos iluminação, bonde, elétricos, luz, energia. As referências ao uso de eletricidade aparecem em torno de uma multiplicidade de possibilidades, em notas sobre festas, em explicações da empresas concessionárias, em relatórios de governos, em reclames publicitários, em notas avulsas (por vezes chamadas de solicitadas), em crônicas.

O início do século XX em Natal foi um período de intensas modificações na cidade, realizadas em torno de ações de intervenção do Estado sobre o espaço urbano. Por meio delas emergiu uma paisagem citadina marcada por elementos de funcionalidade técnica, cortada por trilhos, tubulações e fios de transmissão de energia. A infra-estrutura da rede de distribuição de eletricidade e a gestão dos serviços urbanos construíram as bases materiais da cidade moderna, ajudando a consolidar novas situações cotidianas e novas sensibilidades.

## CAPÍTULO II

Indentidade urbana:  
a eletricidade transformando a vida em Natal

A decorative flourish consisting of a horizontal line with ornate, swirling scrollwork at both ends, framing the text.

A organização dos serviços urbanos de eletricidade, junto a outros melhoramentos, impulsionou o movimento modernizador do espaço urbano no início do século XX em Natal. A estrutura material da cidade moderna resultou de interesses e sonhos que se materializaram no plano físico. Os novos espaços dentro da cidade, marcados pela presença de inovações técnicas como a iluminação e o bonde elétrico, associavam-se à adoção de novos hábitos. As transformações ampliaram as possibilidades de uso de espaço e a população adquiriu condutas e percepções próprias de um habitante da cidade que se transformava.

Nesse capítulo, buscamos analisar como a eletricidade transformou a vida urbana em Natal, quando sua luz artificial penetrou a escuridão da noite e quando se tornou força de inúmeros equipamentos modernos. Bernardo Lepetit lembrou as diferenças entre os tempos da cidade e o tempo dos homens: a forma da cidade é fortemente demarcada pelas intervenções do urbanismo e, também, pelas mil pequenas mutações renovadas que estão sempre modificando o tecido urbano; enquanto, os hábitos sociais e usos duram mais que as formas<sup>136</sup>.

Pensando na trajetória da energia elétrica em Natal e levando em consideração os argumentos sobre os descompassos temporais entre as transformações da forma da cidade e das práticas cotidianas de seus habitantes, colocados por Lepetit, tentamos entender nesse capítulo como os novos espaços, providos de inovações técnicas, motivaram novos hábitos citadinos, e, ainda, como essas práticas teriam atuado para a construção de uma identidade urbana.

A pequena cidade de feições coloniais, com suas ruas tortuosas, vielas e becos, na qual o deslocamento entre os bairros fazia-se por meio de carroças ou por montaria, onde as noites mais movimentadas tinham a proteção da lua cheia e buscava-se a água de beber na nascente sinalizada pela cruz da bica, recebeu melhoramentos e intervenções no espaço urbano. Essa cidade ganhou uma nova feição com os equipamentos urbanos que recebeu. Os trilhos do bonde e os postes iluminados ajudaram a mudar a aparência física da

---

<sup>136</sup> LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). Tradução de Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001.

cidade, produzindo uma nova paisagem, cortada de fios, trilhos e postes de ferro; e novas paisagens noturnas, com a luz elétrica escondendo as estrelas e revelando a cidade, com suas ruas, seus edifícios, seus jardins, suas vitrines e seus habitantes noturnos.

Os escritores natalenses destacavam a presença dos melhoramentos que colocavam a cidade no caminho da modernização. Ressaltando a importância de reorganizar o espaço urbano, tendo em vista os padrões urbanísticos promulgados à época, Garibaldi Dantas expõe que:

*O urbanismo é a grande preocupação moderna. Preocupação perfeitamente justa uma vez que as cidades se tornaram núcleo central da vida moderna. A cidade perdeu sua antiga concepção do lugar onde se vive, para adquirir outra, mais moderna, mais exacta, do lugar onde se trabalha. (...) Dahi a necessidade de planos gigantescos, a fim de poderem abranger o problema complexo da vida urbana. (...) O urbanismo vem produzindo as formidáveis realizações das cidades velhas transformadas, a golpe de picareta, nas cidades modernas. Chicago é o maior exemplo. (...) No Brasil verifica-se hoje o mesmo movimento. (...) a idéia de urbanismo se vai espalhando por todo o país. (...) Agora mesmo, temos em mãos o contrato que a municipalidade de Natal, sob a direcção moderna do seu prefeito - um techico formado nos Estados Unidos, (...), a fim de levantar, (...), a planta futura do Natal de 100 mil habitantes, daquela Natal, transformada na celebre phrase prophetica de Victor Konder, - em "A encruzilhada dos ares." <sup>137</sup>*

Os golpes de picaretas que a cidade receberia em “escalar menor” em comparação a outras cidades, mencionados por Dantas, fazem parte de uma nova concepção de cidade que está presente nas referências do autor: a cidade como o lugar que precisava ser organizado tendo em vista seu crescimento futuro. A matéria faz alusão, entre outros aspectos, ao Plano Geral de Sistematização de Natal, que nesse período estava sendo elaborado sob a responsabilidade do arquiteto Giacomo Palumbo. O autor da matéria celebra a iniciativa e as preocupações com o urbanismo, pois para ele a cidade é o lugar de mudanças físicas e de emergência de valores e novas formas de viver.

Essa nova concepção de cidade já estava presente em uma das primeiras verbalizações de sonho de cidade cosmopolita, feérica e industrial para Natal: a paisagem imagética de carácter prospectivo da conferência de Manoel Dantas, proferida em 21 de

<sup>137</sup> DANTAS, Garibaldi. *O Urbanismo*. A Republica. 17 de setembro de 1929.



março de 1909 no salão de honra do palácio do governo estadual, com o tema “Natal daqui a cinquenta anos”, onde o tom da narrativa literária foi dado pela construção da cidade moderna.

Paisagem de sonhos que apontam para o futuro, onde surgiria uma cidade equipada com máquinas, transporte de massa, eletricidade; uma cidade atraente para as artes, os negócios, a arquitetura que convergiam até ela pelo imenso transatlântico, pelos aeroplanos e os *tramways* – anulando distâncias e tempos, diminuindo diferenças e ampliando a percepção do mundo, com a presença de inovações tecnológicas como o telégrafo, o telefone, a “fotografia à distância”, os ascensores elétricos, os mostradores e as vitrines, os guindastes elétricos, e uma “miríade de lâmpadas elétricas”<sup>138</sup>.

**“A arte de embelezar as cidades”:  
eletricidade e construção de novas paisagens urbanas**

Os pesquisadores que se voltaram para elaborar uma história da paisagem pensam sua construção a partir da relação entre o sensível e as concepções e valores da sociedade. O historiador Alain Corbin, em entrevista dada a Jean Lebrun, retoma alguns pontos sobre a essa discussão, que haviam sido analisados por ele em estudos anteriores. Na entrevista, ele menciona como situações novas, a exemplo da experimentação da velocidade possibilitada numa viagem de trem durante século XIX, ajudaram a elaborar a percepção de uma paisagem que ultrapassa o sentido da visão, uma paisagem perpassada por todos os sentidos. O autor lembra que as pessoas que desde a infância se acostumaram a esse tipo de experiência, possivelmente não tiveram a mesma forma de contemplação do espaço. Para esse autor,

*De multiples logiques déterminent la manière d’apprécier l’espace. Les croyances, les attentes, les modalités de l’anxiété, les références culturelles, le dessin de lieux imaginaires ainsi que les visées économiques pèsent sur l’élaboration des codes esthétiques et des systèmes d’émotions qui conditionnent l’admiration ou la détestation. L’histoire du paysage*

---

<sup>138</sup> DANTAS, Manoel. *Natal D’Aqui a Cincoenta Anos* (1909). In: LIMA, Pedro. O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas. Natal: Cooperativa Cultural, Sebo Vermelho, 2000.

*implique donc une analyse de tout ce qui influe sur la façon de charger l'espace de significations, de symboles et de désirs.*<sup>139</sup>

Nos tempos modernos, uma estética da contemplação direcionou muitas intervenções na cidade. Nesse contexto, espaços públicos, praças e jardins foram construídos para serem contemplados, para exibir concepções e valores da modernidade. Objetivamos entender como a presença da eletricidade aderiu a um conjunto de elementos que foram inseridos ao espaço com intuito de construir paisagens citadinas belas.

A energia elétrica foi uma das grandes atrações das Exposições Universais do final do século XIX. A Exposição de 1881 em Paris, por exemplo, foi conhecida também como Exposição Internacional da Eletricidade. As exposições tinham o objetivo de expor e exaltar tudo que representasse o moderno. Assim, foi “efetivo o interesse da eletricidade como ‘moderna’ fonte de energia”. Afinal, “esta nova fonte de energia representou uma versão ‘moderna’ de ciência, capaz de produzir efeitos que ‘anteriormente’ eram associados à magia” (ROCHA, 1997:5).

Nas cidades, espaço de contemplação, do consumo e do “*flâneur*”, a eletricidade contribuía para uma estetização da aparência, tornando-se elemento a ser apreciado pelos passantes. Em Natal, a energia elétrica foi “apresentada aos moradores da cidade suspensa nos receptáculos forjados na leveza do *art nouveau* presos aos postes alinhados ao longo das avenidas, num enlaçamento entre adorno artístico e progresso técnico”<sup>140</sup>.

---

<sup>139</sup> CORBIN, Alain. *L'homme dans le paysage*. Entretien avec Jean Lebrun. Paris: Textuel, 2001. p. 57.

<sup>140</sup> ARRAIS, R. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRRN, 2008. (No prelo)

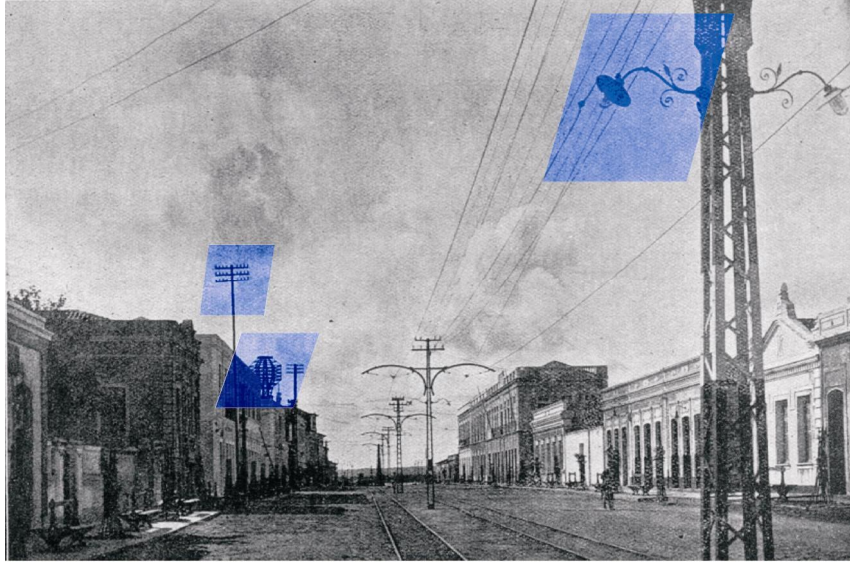


Ilustração 1: Avenida Tavares de Lyra, década de 1910. Em destaque, detalhe do adorno *Art Nouveau* do poste de eletricidade, ao lado a rede de telegrafo.  
Fonte: DANTAS, 1998.

Esses elementos técnicos ostentavam adornos que exibiam os valores estéticos das formas graciosas, ressaltando a leveza dos detalhes, uma leveza sedutora e seguindo os valores estéticos em vigor desde o século XIX. Tais valores estavam entrelaçados com o surgimento de uma nova moral individualista, valorizando a liberdade, o prazer e o bem-estar pessoal, concebidos pelas novidades e facilidades materiais. Essa associação entre técnica e estética ganhou força pelo caráter de funcionalidade assumido pelas artes. Lipovetsky, refletindo sobre a moda, indica o seu caráter libertário e suas vinculações com o surgimento das sociedades democráticas. Para esse autor:

*A busca do agradável, as aspirações de uma vida mais livre, mais radiosa, mais fácil, acarretaram o processo de humanização do sublime, uma concepção menos majestosa, menos elevada do belo, assim como um enobrecimento das coisas úteis, dos 'pequenos prazeres', das fantasias decorativas<sup>141</sup>.*

Esses elementos decorativos, imbuídos do poder do enobrecimento, criaram uma nova paisagem e valorizaram os espaços da cidade que os receberam. A balaustrada da

<sup>141</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 88.

Avenida Junqueira Aires, da qual faz parte um relógio movido à eletricidade, inovação inaugurada em 1911 junto aos serviços de energia elétrica, pode ser percebida como uma dessas fantasias decorativas, quando a inovação técnica extrapola sua funcionalidade e ganha motivos estéticos, atuando os elementos técnicos no embelezamento da cidade.

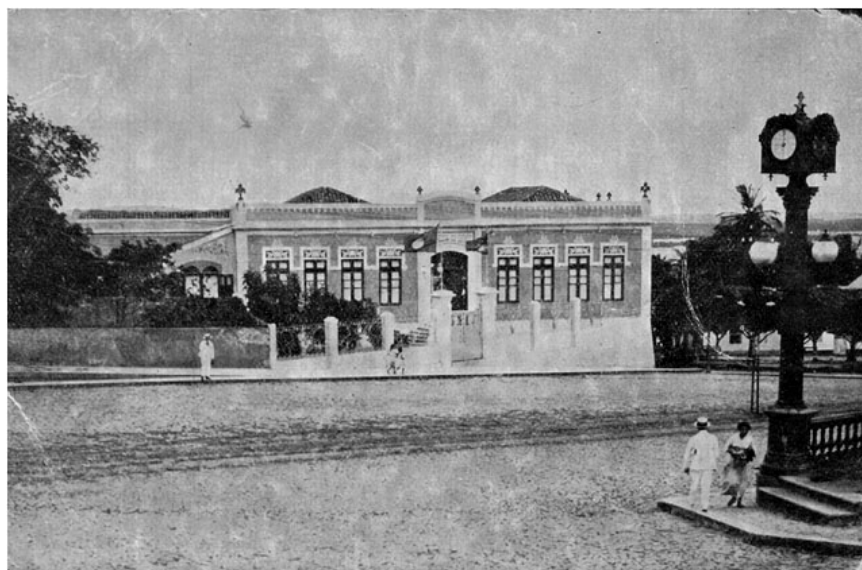


Ilustração 2: Avenida Junqueira Aires, com detalhe para o relógio movido à eletricidade e suas luminárias. Na seqüência, a balaustrada.

Fonte: CD Natal 400 anos

O edifício situado em frente ao relógio, projetado pelo arquiteto Herculano Ramos para ser o Palácio do Congresso, foi construído em 1907; ao lado esquerdo do edifício, foi construído o *Square* Pedro Velho. No lugar havia uma fonte de água com repuxo, um gramado, estátua de Pedro Velho, oitos bancos duplos e uma arborização feita com aglaias, árvores nativas da Ásia e da Oceania, aclimatadas no Brasil. O local foi considerado pela imprensa como “deslumbrante” após a chegada do “relógio e o gradil tão justamente famoso pelos seus 103 metros de comprimento”, um “recanto aprazibilíssimo” capaz de provocar a “sensação que os grandes artistas experimentam ao contemplar as suas obras primas”<sup>142</sup>.

A balaustrada de ferro foi fixada sobre um muro de arrimo com colunetas inferiores medindo 60,6 cm, e ornamentada por dez colunetas-candelabro contendo “10

<sup>142</sup> AINDA OS MELHORAMENTOS. Diário do Natal, 6 out. 1911.

candelabros elétricos e um belo relógio decorativo também elétrico”, e, ainda uma placa de bronze fixada no muro, para assinalar a inauguração do melhoramento.

A solenidade realizou-se às 17h, no mesmo dia festivo de inauguração da usina de energia elétrica e da instalação dos bondes elétricos, dia 02 de outubro de 1911 (aniversário do governador)<sup>143</sup>. As peças do conjunto foram encomendadas pelo catálogo da Sociedade de Altos Fornos e Fundição do Val d’Osne, localizada em Haute-Marne, região de Champagne-Ardenne na França (a mesma fundição responsável pelo portão central do Teatro Carlos Gomes). O conjunto de equipamentos, com exceção da placa, ainda se encontra no local<sup>144</sup>.



Ilustração 3: Relógio da balaustrada da Avenida Junqueira Aires, fotografia atual.  
Fonte: Acervo da COSERN

O bonde elétrico fazia parte da modernização da Avenida Junqueira Aires, elo entre os dois bairros mais antigos da cidade Cidade Alta e Ribeira, ligando-os ao novo bairro Cidade Nova, e ao Alecrim, bairro “em formação” que seria oficializado poucos dias

<sup>143</sup> MENSAGEM APRESENTADA AO CONGRESSO LEGISLATIVO, em 1º de novembro de 1911, pelo governador Alberto Maranhão. Typographia d’A Republica, Natal, 1911.

<sup>144</sup> As peças se encontram sob a guarda do Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Norte – SESC RN. Conferir: SESC Rio Grande do Norte: uma história de 60 anos. Textos de Jackeline Pinheiro Maria Cavalcanti e Zaira Atanázio Ferreira. Natal: SESC/RN, 2006.

depois da inauguração do bonde elétrico. Seguir pelo percurso do bonde, vivenciando a experiência da velocidade, tornou-se um meio de contemplação da paisagem da cidade. Naquele trecho da linha de bonde o habitante da cidade podia admirar os edifícios modernos, o *square* Pedro Velho, a balaustrada e seus candelabros brilhantes com a luz artificial e o relógio que uniformizava o horário em Natal.

O bonde elétrico, os postes e os cabos de transmissões de energia, os letreiros iluminados e, por fim, a própria luz artificial, foram associados a elementos embelezadores que davam visibilidade ao progresso numa nova paisagem urbana que irradiava luz, brilho, beleza, civilidade e energia. Pesavento afirma que nesse início de século o “progresso era algo possível de ser verificado: máquinas novas, inovadores processos, inventos surpreendentes modificavam o mundo”<sup>145</sup>. Esta autora argumentava que as Exposições Universais do fim do século XIX tinham o objetivo de expor e exaltar tudo que representasse o moderno, e ainda o objetivo de fascinar, enfeitiçar, seduzir os homens através dos inventos, de novos bens de consumo e padrões de conforto.

Segundo essa noção de progresso, a natureza dentro da cidade devia ser ordenada. Para tanto, construíram-se passeios públicos, praças, balaustradas e planos urbanísticos foram elaborados conforme modelos e ideais importados. Realizou-se um conjunto de mudanças, das quais emergiram novas paisagens nas cidades – salubres, belas e iluminadas.

Nos jornais da época em Natal é comum encontrarmos matérias trazendo a associação entre saúde e beleza. Numa dessas matérias, sublinhou-se que no corpo belo e saudável “há luz, cor, brilho, vida”. Nesse contexto, a luz, que foi a grande metáfora do século XIX, aparece em analogia com o belo e o saudável, sendo estes elementos, na passagem referida, seus dependentes. Tais padrões estéticos confluíam com os princípios higienistas, que orientaram reformas em muitas cidades brasileiras no período. Tendo em vista a autoria de Coelho Neto, um escritor de prestígio que vivia no Rio de Janeiro, o texto é possivelmente uma transcrição de matéria publicada em algum jornal do Rio de Janeiro e certamente ele se referia ao que estava acontecendo naquela cidade.

---

<sup>145</sup> PESAVENTO, Sandra J. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 15.

A luz artificial irradiava dos postes e luminárias, levando brilho e beleza aos espaços de passeios, avenidas e jardins da cidade. Seguindo a tendência nacional de usar os modelos urbanísticos da reforma de Paris como referência, fazia-se preeminente a construção de jardins e passeios públicos em Natal. Sobre a construção desses espaços, Arrais afirma que “os jardins, espaços públicos dotados de arborização, bancos, chafarizes e pequenas edificações como kiosques japoneses ou pagodes chineses (tributos prestados o espírito cosmopolita do fim de século), estátuas e monumentos, proporcionavam aos moradores um ambiente público aprazível para passeios e deleite artístico com as exibições das bandas de música”<sup>146</sup>.

Ainda de acordo com este autor, para que o jardim “desempenhasse plenamente sua função, proporcionando um local de passeio” ele “necessitava de um complemento indispensável: o meio de iluminação que fascinara o século, proporcionado pela energia elétrica”<sup>147</sup>.



Ilustração 4: Praça André de Albuquerque.  
Fonte: DANTAS, 1998.

---

<sup>146</sup> ARRAIS, R. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRN, 2008. p. 10. (No prelo)

<sup>147</sup> *Ibid*, p. 7.

As reformas urbanas privilegiavam a construções de jardins públicos, grandes responsáveis pela transformação da fisionomia da cidade e incentivo à adoção de novas sociabilidades. Em matéria d'A Republica, a partir de informações dadas pelo prefeito da cidade, a importância do jardim é ressaltada em frases tidas como do urbanismo:

*O jardim tem mais um efeito contemplativo de que de acção . O jardim deve ser uma aura bem plantada, bem conservada, e onde haja a certas horas, musica, jatos d'água, iluminação, etc. constitue um lieu de plaisance, como dizem os franceses<sup>148</sup>.*

Construir teatros e jardins ajudaria a compor o cenário de cidade moderna e a forjar semelhanças com as cidades européias, independentemente das proporções das reformas, lembrando a idéia de superestimação das transformações urbanas analisadas por Pesavento. O Teatro Carlos, entre os equipamentos urbanos que comporiam o entorno do Jardim Augusto Severo, deram uma fisionomia afrancesada àquela área da cidade.



Ilustração 5: Teatro Carlos Gomes, 1913.  
Fonte: Lyra, 2001, p. 45.

A busca do reconhecimento de semelhanças com as cidades européias e norte-americanas marcou a construção da identidade urbana, forjada pelo desejo/imaginação de

---

<sup>148</sup> A Republica. *Informação prestada pelo sr. Prefeito de Natal*. 24 de setembro de 1936, p. 11.



uma cidade ideal pautada em um modelo – “um ponto de referência no mundo”. E ainda, construída por um conjunto de vivências, sensações, símbolos e discursos que atribuem significado aos espaços<sup>149</sup>.

Com o teatro, os jardins, praças, largas avenidas e passeios públicos, a cidade ganhou espaços que anunciavam o progresso. Argan analisa a cidade como obra de arte, como um artefato esteticamente construído e modelado por muitos objetos e produtos com efeitos artísticos. Dentre esses, os postes, relógios, letreiros e a própria iluminação<sup>150</sup>.

Os espaços públicos da cidade do Natal, no início do século XX, estavam à espera que o olhar contemplativo dos homens fosse atraído por adornos presentes nas inovações e equipamentos urbanos. A iluminação era mencionada entre as ações de embelezamento desses espaços, a exemplo do que se observa no projeto de embelezamento da Avenida Atlântica que, como divulgou o jornal *A República*, consistiria “em um muro de arrimo, calçamento passeio, balaustrada e iluminação, desde o Hospital Juvino Barreto, até o ponto terminal da linha do Bonde”<sup>151</sup>.



Ilustração 6: Avenida Atlântica, (s/d).  
Fonte: CD Natal 400 anos

<sup>149</sup> PESAVENTO, Op cit, 2004.

<sup>150</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>151</sup> GOVERNO do Município. *A República*. N. 113, ano XXXVII, 21 mai. 1925, p. 2.

A iluminação da cidade produziu belas paisagens noturnas, tecidas pelos encontros dos raios luminosos na escuridão, emitidos pelos pontos de luz presos aos postes, brilhando como estrelas produzidas pela inteligência humana. Em matéria de jornal, Celso Amâncio declarou-se deslumbrado quando, ao contemplar a Praia do Meio, viu “dentro da escuridão da noite, o efeito que lhe empresta o colar do lampadario que se estende cá em cima, em harmonia com o rendilhado que se espelha lá em baixo, nos lampejos das ondas que se quebram”<sup>152</sup>.

O uso contínuo da luz artificial representou uma mudança na imagem da cidade. À noite, como num passe de mágica, uma cidade distinta e sedutora surgia. Para Accacio, jornalista d’A Republica, as obras em andamento em 1911 significavam melhoramentos que iriam “embellezar a cidade de Jeronymo de Albuquerque com jardins, parques, luz electrica, bonds idem”<sup>153</sup>.

O cronista Danilo descreveu a Praça Pedro Velho como um refúgio das atividades cotidianas, afirmando que o local seria ainda mais atrativo e belo “Se tivesse, para melhor sedução da vista, a tremula alegria de fontes luminosas”<sup>154</sup>. O jornal é o grande meio de comunicação da época, principal difusor dos padrões estéticos e de comportamento desse momento. Danilo, ao pedir uma fonte luminosa com o argumento de que a sua presença tornaria o lugar mais atraente, opina sobre a capacidade embelezadora desse equipamento, que para ele levaria as pessoas a freqüentar a praça, motivando novos hábitos citadinos.

A cidade que rapidamente se transformava exigia de seus habitantes a adoção de práticas que encontravam seu *habitat* no meio urbano moderno. De acordo com Salgueiro, equipar a cidade com “ruas pavimentadas, praças arborizadas, parques, jardins, escolas, teatros, estações, esgotos, transportes, imóveis padronizados com fachadas de pedra providos de água, luz e gás” trouxeram “novas condições cotidianas de vida”<sup>155</sup>.

A modernização da cidade possuiu impacto na vida da sociedade e dos indivíduos. Não apenas a cidade, suas construções, ruas e avenidas careciam de riqueza estética e de racionalidade técnica; também o habitante da cidade precisava de uma

<sup>152</sup> Celso Amancio Ramalho. Entrelinhas / a Praia do Meio, seu panorama e seus encantos. A Republica, 18 de março de 1934, p. 6.

<sup>153</sup> ACCACIO. *Obras na capital* - Interview com O Sr. Domingos Barros. A República. 19 de abril de 1911, p. 1.

<sup>154</sup> DANILO. Mais bancos tem a Pracinha...(sociais). A Republica, 5 mai. 1939, p. 12.

<sup>155</sup> SALGUEIRO, Heliana Angotti. *As cidades capitais do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 23.

fisionomia moderna, devia vestir-se elegantemente seguindo os preceitos da moda, modelar o corpo com práticas esportivas, adotar palavras estrangeiras em seu vocabulário, utilizar inovações técnicas. As pessoas precisavam adaptar-se à multiplicidade de imagens e atividades específicas do universo urbano moderno.

Importante ressaltar que não consideramos esse processo de adaptação a um estilo de vida urbano a partir de uma homogeneização da vida social, como tendo se manifestado em todos os indivíduos envolvidos da mesma forma. Analisamos a construção de um modo de vida urbana tendo em vista o uso de inovações técnicas em diversas atividades cotidianas, de acordo com as falas de um grupo específico da sociedade natalense. E dentro desse grupo consideramos que os indivíduos possuem códigos e valores diversos, de acordo com a cultura e experiência de cada um. Tendo em vista essa complexidade, admitimos o urbano como espaço de multiplicidade de experiências e significados. Nessa perspectiva analisamos alguns traços que passaram a fazer parte da vida em sociedade, consolidando-se em vivências cotidianas.

### **Vivências urbanas**

O tema da modernização das cidades fez parte das discussões sobre a nação brasileira. Entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, um grupo de intelectuais brasileiros tomou para si a tarefa de conduzir a nação no caminho do progresso, refletindo sobre as transformações das cidades e, muitas vezes, estando à frente das ações e medidas que direcionariam a tão almejada modernização. Neste contexto, a cidade aparecia como sinônimo de progresso em oposição ao campo, dando-se ênfase à construção do Brasil urbano.

Esses intelectuais presenciaram vertiginosas mudanças, que transformaram o mundo ao qual pertenciam, tendo como espelho outras cidades (européias, norte-americanas). Desse modo, discutiram o seu próprio mundo, perguntando-se sobre a constituição da nação brasileira, qualificando ou não as suas tradições, seus costumes e práticas, incluindo a natureza da população brasileira, marcada pela miscigenação.

De acordo com Schwarcz<sup>156</sup>, é nesse contexto que teorias como “evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo (...) começam a se difundir” no Brasil. Com um “bando de idéias novas”, integrantes de uma elite ilustrada e formada nas novíssimas instituições de saber do país<sup>157</sup>, tendo como espaço de vivência e atuação o mundo urbano – onde vivenciaram o acelerado processo de mudança da sociedade brasileira, marcado pela urbanização e a negação do passado colonial –, queriam construir uma nova imagem para o Brasil. Aproximando-se ao máximo dos modelos europeus de civilidade, divulgados nos jornais, nas instituições de saber e nos romances, a sociedade brasileira em fins do século XIX pretendia se auto-representar.

Pesavento, a partir de várias temáticas do processo de modernização e tendo como exemplo principalmente as cidades de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, investigou como as representações da cidade moderna ganharam “efeito de real” ao ultrapassarem a “função de re-figuração do mundo social”<sup>158</sup>. Assim, como por um efeito de espelho, a “identidade refletida pode, como representação, coincidir – ou não – com o modelo original, sem que com isso deixe de ser aceita”<sup>159</sup>. Para a autora, a “superestimação da reforma urbana pode ser assinalada como um traço do caráter nacional” que ajudou a criar o imaginário da modernidade, produziu a sensação do viver em uma metrópole, tornando real esse imaginário<sup>160</sup>.

Esse predomínio do simbólico sobre o real, da representação sobre o referente, é explicado pela autora através de um processo de metonímia, em que um “traço isolado vale pelo todo, a identificação de alguns elementos da modernidade estende-se ao conjunto”<sup>161</sup>. Um detalhe de transformação urbana, como a Avenida Central no Rio de Janeiro com todos os melhoramentos recebidos, valia por toda a cidade, projetava a cidade moderna desejada. Por esse caminho, Pesavento buscou problematizar historicamente a

---

<sup>156</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 28.

<sup>157</sup> A título de exemplo podemos citar a Faculdade de Direito do Recife, a Faculdade de Direito de São Paulo e a Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, instituições criadas entre o século XIX e início do século XX (SCHWARCZ, 1993).

<sup>158</sup> PESAVENTO, Sandra J. A construção da diferença: cidadania e exclusão social/A geografia da exclusão. In: \_\_\_\_\_. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 9.

<sup>159</sup> PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. p. 157.

<sup>160</sup> Ibid, p. 182

<sup>161</sup> Ibid, p. 159.

construção da identidade urbana, pensando a identidade como “uma construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento, propiciando a coesão social de um grupo, que se identifica, se reconhece e se classifica como iguais ou semelhantes”<sup>162</sup>.

A noção de identidade apresentada pela autora, bem como os caminhos percorridos para entender a construção da urbanidade, tendo em vista a força da representação, ajudaram na nossa busca sobre a construção de uma identidade urbana em Natal, tendo em vistas as relações com a presença e uso da eletricidade na cidade.

Nas palavras de Henrique Castriciano, em 1907: “Natal ficou sendo uma cidade curiosa, mixto singular de bucolismo e de civilização em esboço”<sup>163</sup>. Um lugar entre a vida e costumes do campo e os sonhos da civilização urbana. Para Arrais, a partir do governo de Alberto Maranhão (1900-1904 e 1908-1913) Natal “vai sendo percorrida por um movimento evolutivo que desmanchava formas tradicionais de convivência e, lentamente, introduzia novas”<sup>164</sup>. Nessa administração, as ações e investimentos públicos passaram a privilegiar a cidade. A exemplo do que ocorreu nas principais cidades brasileiras, nesse início de século,

*Intervir na cidade se torna uma necessidade, criando-se estruturas materiais e desencadeando uma ação pedagógica em seus moradores: a cidade se torna um lugar exemplar a partir do qual o país exhibe a posição que ocupa na ordem civilizatória mundial*<sup>165</sup>.

As elites locais esforçaram-se para construir em Natal as estruturas materiais condizentes com seu status de capital para, assim, colocá-la nos caminhos da civilização. No início do século XX, Natal era uma cidade pequena e isolada, com uma população de aproximadamente onze mil habitantes, localizada à margem do oceano atlântico e entre o rio Potengi e as dunas<sup>166</sup>. Ao mesmo tempo, como dizia a matéria do jornal A Republica,

<sup>162</sup> PESAVENTO, Op cit, 2002, p. 157.

<sup>163</sup> CASTRICIANO, Henrique. (1907) Lourival e seu tempo. A República, Natal, 3, 4, 5, 9, 16, 20 e 24 de julho e 01 de agosto de 1907. In CASCUDO, L. C. *Nosso amigo Castriciano. 1874-1947. Reminiscências e notas*. Recife: Imprensa Universitária, p.189-216, 1965.

<sup>164</sup> ARRAIS, Raimundo. Da natureza à técnica: A capital do Rio Grande do Norte no início do século XX. In: FERREIRA, Angela Lúcia e DANTAS, George. *Surge et ambula: a construção da cidade moderna em Natal, 1890-1940*. Natal-RN: EDUFRRN, 2006. p. 129.

<sup>165</sup> ARRAIS, Raimundo. Da natureza à técnica: A capital do Rio Grande do Norte no início do século XX, p. 123.

<sup>166</sup> RECENSEAMENTO de 1900. *A República*. Nº 35. 14 de fevereiro de 1901. p. 1.

uma cidade fronteiriça, “ponto do continente americano de maior importância na travessia aérea do Atlântico”<sup>167</sup>. Daí porque foi chamada na década de 1920 de “caes da Europa”<sup>168</sup>.

Seus habitantes sentiram, viveram e foram protagonistas das mudanças que tentaram transformar a imagem da cidade, transformando a “Natal - não há tal” em “caes da Europa”<sup>169</sup>. Esses rótulos são reveladores dos anseios dos produtores da cidade. Simbolizam o que a cidade deveria ser, são signos da identidade de espaços imaginados, sonhados. O nome “Caes da Europa” nos sugere as vinculações que se queriam estabelecer com a vida nas cidades européias, referenciais de civilização, sofisticação e progresso.

O desejo de se identificar “como iguais ou semelhantes” à vida nessas cidades ocasionou a introdução de inovações técnicas que possibilitassem rasgar as dunas e vencer a escuridão, romper com tradições, mudar os hábitos, e, dessa forma, abrir os caminhos para integrar a cidade de Natal ao mundo civilizado, construindo vias de acesso pela modernização<sup>170</sup>, vias físicas e simbólicas que promovessem o fim do isolamento da sociedade natalense, e assim, contribuíssem com o fim do tédio e da solidão.

Castriciano, em crônica intitulada “Crítica de costumes” e publicada no jornal *Gazeta do Comercio* em 10 de abril de 1902, afirmou se entristecer com o tédio existente em Natal. Para esse intelectual potiguar, a população natalense tinha um “ar bisonho e matutamente pacato” o que deixava a cidade sem vida, isso por culpa dos “hábitos excessivamente caseiros” de seus habitantes (principalmente das mulheres), o que para ele era um aspecto de incivilidade do povo, que não demonstrava interesse por “passeios, exercícios físicos, pic-nics, reuniões ao ar livre”. Ele clamou por mudança de hábitos, pelo aumento da sociabilidade e o abandono de antigas práticas em prol dos tempos modernos<sup>171</sup>.

Castriciano é um dos membros da elite local que aspiraram romper com o passado e construir uma nova época, marcada por um ritmo mais intenso. Suas cobranças

<sup>167</sup> UM melhoramento... *A República*. Nº 413. 29 de março de 1932, p. 1.

<sup>168</sup> DANTAS, George. *Natal “caes da Europa”*: o Plano Geral de Sistematização no contexto da modernização da cidade (1929-30). Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – DARQ, CT, UFRN, 1998.

<sup>169</sup> Como divulgou Cascudo remetendo-se aos relatos dos naturalistas Spix e Martius, os quais entre 1817 e 1820 registram que “a cidade de Natal, é a mais insignificante entre as cidades da costa norte do Brasil (‘Cidade – não há tal’, dizem os vizinhos)”. Conferir SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. 2 vol. trad. L. F. Lahneyer. Rio de Janeiro, 1938.

<sup>170</sup> PESAVENTO, Op cit. 2002.

<sup>171</sup> SOUZA, Henrique Castriciano. Aspectos Natalenses. In: ALBURQUERQUE, José G. *Seleção*. Natal: s/editora. 1993.

exigiam um novo modo de viver na cidade. Teve atuação direta nas ações direcionadas aos programas de governo e melhoramentos realizados para a cidade, exercendo a função de secretário do governo na gestão de Aberto Maranhão em 1909. Para esses homens, era urgente que sua cidade se revestisse dos sinais da civilização, seus padrões estéticos e morais. Possuíam uma visão otimista em relação ao progresso da humanidade, que eles divulgavam escrevendo para os jornais locais e realizando conferências para seu grupo social.

Foram muitos os esforços dos governantes para modernizar a cidade, a partir dos preceitos urbanísticos em vigor. Na cidade que se enchia de melhorias, os habitantes precisavam aprender a dispor de forma adequada as ruas, as praças e os jardins, exibindo comportamentos condizentes com o urbano.

A uniformização do horário foi um dos aspectos a que o habitante da cidade teve que se adaptar. Por exemplo, “todos os particulares e os estabelecimentos públicos a conservarem pela manhã até as 9 horas os depósitos de lixo em local bem visível e de fácil acesso, afim de ser o lixo transportado pelas carroças da limpeza pública sem prejuízo de tempo”<sup>172</sup>.

Não apenas as leis incentivariam mudanças de práticas. Os espaços modernizados da cidade, investidos de uma missão pedagógica, ajudariam a mudar os hábitos da população urbana. As elites dirigentes não pouparam recursos para construir espaços condizentes com ideal de vida urbana. A construção do Teatro Carlos Gomes, em 1904, é exemplo representativo dos interesses governamentais em produzir uma nova fisionomia para a cidade. Arrais explica que o teatro se revestiu de uma missão civilizatória, representando mais um “esforço reformador voltado para a população urbana”<sup>173</sup>.

Nos jardins e praças se realizariam os *pic-nics*, os passeios, algumas atividades esportivas e de divertimento. A população precisava ser educada para usar adequadamente esses espaços. Nos jornais locais há denúncias do mau uso e destruição desses locais. O cronista Danilo reclamou que as áreas para diversos jogos infantis dos jardins públicos estavam sendo utilizadas por “meninos grandes ou rapazes creanças” que “acharam, que

---

<sup>172</sup> A REPUBLICA. *Varias*. 25 de setembro de 1924, p. 2.

<sup>173</sup> ARRAIS, *Op cit*, 2006. p. 126.

tudo aquilo devia ser usado á vontade, à revelia, sem disciplina, sem fiscalização, sem controle nenhum. Veio o primeiro aborrecimento, o segundo, o terceiro, e continuou a série de pequenos conflitos no parque da Praça Pedro Velho. Resultado: o que deveria servir de divertimento tornou-se fonte de desgostos"<sup>174</sup>.

Numa matéria, publicada em 1936, são feitos relatos sobre as reformas que estavam sendo iniciadas no 'square' Pedro Velho, na praça 7 de setembro, no Jardim Augusto Severo e na praça André de Albuquerque, afirmando-se que a prefeitura contava com “o povo para zelar o que é seu” e trazendo reclamações de que “desocupados guerreiem os nossos jardins, quebrando os bancos, arrancando criminosamente as roseiras, pisando a grama e devastando as árvores”<sup>175</sup>. As denúncias, nos jornais, sobretudo, revelavam o que era e o que não era adequado ao viver urbano.

Em 1906, o cronista Carvalho do jornal A Republica, relatou que a cidade havia crescido, sua população agora contava com dezoito mil habitantes, e recebido “iluminação a acetileno (em parte)”, um “Boulevard Rio Branco (...) arruado symetricamente em grande extensão”, “óptimos hotéis, um magnífico jardim á praça 15 de novembro”. Para o autor “quem visse Natal há poucos annos passados, todo arêa, sem ruas, casinhas mal alinhadas aqui e alli, com aguas da maré (...) não supporia surgisse d'aquella hypothese de cidade a que hoje se estende do Baldo á Ribeira, do Morcego ao Refoles”<sup>176</sup>.

As impressões de Carvalho são de que a cidade se transformava rapidamente, que uma nova cidade surgia aos olhos de todos, construída a partir de uma racionalidade técnica, comprometida com a promoção da salubridade, da beleza e da funcionalidade. Nesse período, foram muitas as intervenções pontuais ligadas à preocupação com a higiene e a saúde pública. Dentre elas, o aterro e ajardinamento da Praça Augusto Severo, na Ribeira (em 1904), obra que facilitou o acesso aos dois bairros da cidade na época (Cidade Alta e Ribeira), antes separados por uma “campina pantanosa” transformando a Praça Augusto Severo em um espaço de passeio que é considerado por alguns autores como um dos principais símbolos da *Belle Époque* natalense<sup>177</sup>.

<sup>174</sup> DANILO. Não destruíam .... (SOCIAES). A Republica, s/d.

<sup>175</sup> A Republica. *Natal e os seus problemas urbanos*. 22 de março de 1936, p. 01 e 02.

<sup>176</sup> CARVALHO, Rodrigues de. *A Cidade de Natal*. A Republica. N° 178. 27 de agosto de 1906, p. 1.

<sup>177</sup> FERREIRA, Angela Lúcia de Araújo; DANTAS, George A. F. Os “indesejáveis” na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. 2001. Barcelona/Espanha. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-96.htm>



Carvalho, na mesma matéria de jornal, falou da transformação da Rua Junqueira Ayres, que após o aterro da “campina” transformou-se na “arteria da capital”. Outra preocupação expressa é com o embelezamento da cidade, a respeito do qual ele menciona o Teatro, o jardim em frente a este edifício e o congresso entre as edificações e espaços que exerciam essa função.

As fachadas das edificações foram dotadas do poder de atestar o grau de modernização de Natal. A preocupação com a estética das construções era vinculada aos modelos de cidade que se queria construir para a capital, e desse modo continuou aparecendo nas opiniões sobre o assunto nas três primeiras décadas do século XX. Em 1935, Danilo relata que “há certas ocasiões em que eu chego a me convencer de que a nossa capital, ‘pequena cidade’, está tomando fóros de centro urbano. Natal progride e progride até com vantagem. É verdade que dentro de um ambiente de mau gosto esthetico”<sup>178</sup>.

A crítica ao mau gosto estético natalense está presente em outras matérias de Danilo. No mesmo ano ele intitula uma crônica de “Sociaes – Feiuras da cidade ...”, onde argumenta que o desenvolvimento de cidade é aparente e que seu “movimento constructor” necessita de fiscalização da Prefeitura “com o fim de evitar aleijões pela cidade afora”. Para o cronista, deveria ser um “imperativo de cidade que se civilisa” preocupar-se com a beleza de suas edificações, beleza que ele relacionava com a racionalidade técnica das construções, marcada não apenas pelo estilo, mas também por uma série de regulamentações padronizadoras, dos “metros de récuo”, da altura do “Pé direito”, da ventilação e de “Areas internas descobertas”. Ao mesmo tempo, os transeuntes seriam seduzidos por esse ordenamento. Porém, Danilo afirmava ter “pena das avenidas do Tyrol, das suas esquinas, onde os oitões antiquados estão se multiplicando livremente”, exemplos de que nossas “construções são em geral caras e feias”, de “Estylos pouco attrahentes”, transmitindo para o “futuro próximo terriveis accusações ao bom gosto do nosso tempo”<sup>179</sup>.

Em outra matéria d’A Republica o autor afirma que a fisionomia das casas “indica nitidamente a indole, o character e o espirito dos que as habitam”. Nessas circunstâncias, o autor cogita a possibilidade de normatização das edificações, admitindo a necessidade de que as plantas fossem “minuciosamente fiscalizadas pelo tecnico da

<sup>178</sup> DANILO. *Sociaes - cidade grande...* A Republica. N° 1488. 27 de dezembro de 1935.

<sup>179</sup> DANILO. *Sociaes - feiuras da cidade...* A Republica. N° 1482. 18 de dezembro de 1935.

Prefeitura (...) afim de serem evitadas verdadeiras aberrações da estetica e do gosto que muito depõem contra os fóros de cidade civilizada que Natal possui”. Era esse o meio necessário para que Natal pudesse ter mais residências com “aspecto elegante”, impedindo que se continuasse a construir habitações de forma “acachapada, diminuida, parecendo uma cubata de barbaros e não uma residencia de civilizados (...). Devemos dar novo rumo às nossas construções, fazendo casas de acordo com o nosso clima, com a estetica e com o belo futuro da nossa cidade”<sup>180</sup>.

Censura estética é o que pedem os cronistas d’A Republica, como uma das “medidas mais elogiaveis que póde surgir feito lei de quem compita a belesa exterior de uma cidade. A homogeneidade de que necessitamos para a completa formação de trechos modernizados”<sup>181</sup>, já havia sido uma ação do prefeito da cidade do Recife, que organizou o “Serviço de Censura Estética” sob a responsabilidade de especialistas no assunto.

Os autores das matérias d’A Republica escreviam sobre as concepções e desejos que guiavam os olhares para as construções, orientados por uma racionalidade técnica – as preocupações com a estética das construções e o embelezamento da cidade eram associadas aos ideais da salubridade, e assim, contribuiriam para educar os habitantes –, e pela busca em ver exemplos de edifícios que os lembrassem dos grandes centros urbanos, modelos de civilização. Buscavam a uniformização, procuravam se reconhecer, se afirmar como civilizados e elegantes em função da fisionomia externa da cidade.

Pensamos que há relação entre a uniformização das cidades e a construção de uma identidade moderna para a cidade. Construir avenidas largas, jardins, áreas de passeio, edificações modernas, propor planos urbanísticos, tal como nos grandes centros urbanos, pode ser observado como uma tentativa de reproduzir o estilo de vida destes lugares.

As elites locais viviam em Natal com o espírito no estrangeiro, e com as lembranças de outras cidades, como por exemplo, do Rio de Janeiro. Arrais afirma que no início do século XX a “Capital Federal recebia a forma do cosmopolitismo parisiense que modelava o pensamento e o ideal de suas elites que agora exibiam seu francesismo na nova

---

<sup>180</sup> A PROPÓSITO / das esteticas das casas de natal. *A Republica*. N° 966. 4 de março de 1934, p. 7.

<sup>181</sup> FILHO, Filgueira. *Censura estetica*. *A Republica*. N° 358. 12 de janeiro de 1932, p. 1.

avenida, a Avenida Central”<sup>182</sup>. Era francesismo que as elites natalenses desejavam introduzir nas formas da cidade, como na vida que acontecia dentro dela.

Castriciano, em crônica sobre costumes, criticava a grande falta de “esthetica” da população local, para ele uma “estúpida aversão” às artes. Afirmou que as mulheres, por culpa da educação “athrophiada” que recebiam, ainda não “aprenderam por completo a arte de combinação das cores, o segredo de fazer um vestido de cassa, por exemplo, um delicioso conjunto capaz de iludir, como fazem as espanholas e as francesas”<sup>183</sup>.

Mudanças no padrão de consumo dos habitantes são percebidas nos produtos que foram disponibilizados no comércio local, que se equipou com as novidades vindas do estrangeiro. Assim, no estabelecimento “Paris em Natal”, localizado na Praça Augusto Severo, nas imediações do Teatro Carlos Gomes, as pessoas podiam se abastecer das “ultimas novidades em tecidos, chapéus, perfumarias dos afamados fabricantes – Houbigante, Caron, Cotu, Dorsay, Colgate, Roger & Gallet, etc.”.

A propaganda dos pontos comerciais girava em torno da sedução pelos artigos estrangeiros. Na revista mundana *Cigarra*, o anúncio publicitário da Alfaiataria “Lettière & Fulco”, ponto comercial situado na Av. Tavares de Lyra, dizia ser “a única capaz de satisfazer o freguez, em virtude de utilizar em suas confecções, exclusivamente artigos estrangeiros de 1º ordem”.

Palavras e cheiros estrangeiros passaram a fazer parte da vida da pequena cidade de Natal, perfumada com fragrâncias que pairavam no ar, vindas diretamente de Paris e que podiam ser encontrados na “exposição de perfumaria da pharmacia Natal ou da pharmacia Ferreira” onde se “tem a sensação agradável de estar diante de um mostruário parisiense”, sensação agradável conhecida pelo “gosto que deve ter toda sociedade elegante”<sup>184</sup>.

O nome desses estabelecimentos comerciais são reveladores das sensações que desejavam provocar em seus clientes. Desse modo, são representativos da construção de símbolos com poder de fixar a identidade de seus habitantes. É nomeando que a sociedade inscreve a sua imagem. Palavras estrangeiras passaram a fazer parte do vocabulário dos

---

<sup>182</sup> ARRAIS, Raimundo. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRRN, 2007. (No prelo)

<sup>183</sup> SOUZA, Henrique Castriciano. Aspectos Natalenses. In: ALBURQUERQUE, José G. *Seleto*. Natal: s/editora. 1993.

<sup>184</sup> DANILO. *Vida social – Perfumes*. A Republica. N° 112. 21 de maio de 1929, p. 2.

habitantes, divulgadas pelos periódicos. O natalense podia pegar o bond e ir de um lugar ao outro, encontrava com o chauffeur, que podia levá-lo ao Natal club ou Aero Club ou, ainda, quem sabe ao Café Tyrol para escutar jazz-band, onde poderia encontrar a “rapaziada” para saber os resultados dos jogos entre ABC Foot-ball Club e América Foot-ball Club no Stadium Juvenal Lamartine<sup>185</sup>.

As sociabilidades ocorridas nas viagens de bonde foram motivo de conto publicado na revista Cigarra por Danilo, intitulado “MIIe. Paragon”. No conto, o autor imaginou uma situação vivida em movimento, numa viagem de bonde a caminho do bairro Tirol. O título do conto é o apelido de uma personagem, uma das passageiras da viagem, que se tornou o centro do diálogo entre dois conhecidos durante o curso do bonde:

*Quando o Bonde parou diante de nós, Octacílio estendeu a vista, indiferente, pelos passageiros distraídos ou enfadados iam caminho do Tyrol. E me puxando pelo braço:*

*– Você está vendo aquela, alli no terceiro banco?*

*– Linda! Está olhando para você... Lembro-me que a vi hontem na Areia Preta.*

*E Octacílio continuou:*

*– E’ sempre assim quando me encontra. Já tivemos um bom flirt... Mas a propósito: você conhece mademoiselle Paragon?*

*– Que pilheria!*

*– Mora numa rua cortando a estrada do Tyrol. E’ uma criatura adoravel, por sua beleza e seu espirito irrequieto. Dezoito annos de entusiasmo e de ilusões. Uma das mais encantadoras esperanças que me deram momentos agradáveis. Gosta de dançar como toda moça elegante e gosta talvez demais... E’ doidinha por chá dançante ou um baile no Aero Club. Inteligente, graciosa, bem educada. Tem porem, um ar de impressionante ingenuidade. Ahi está quem sabe? Uma grande e perigosa arma nos amores... Lembro-me della com ternura e com maldade.*

*Certa noite, noite clara de verão, conversava commigo, muito contente, muito bonita, quando se afastou bruscamente para o interior do jardim, olhando inqueita o relógio de ouro que nunca sahia do seu pulso. E fallou apressada:*

*- Olhe meu bem, é o papae que vem ahi. Vá embora. Até amanhã... Sim? Vá depressa.*

*Fiquei de longe, desconfiado olhando o portão de ferro que a luz clara da luz destacava. Mas não vi entrar o tal papae!... Trez minutos mais a*

---

<sup>185</sup> Os termos estrangeiros citados estão presentes em matérias do jornal A Republica; conferir as referências (COM, 1932: 4), (CAFE', 1924) na lista de fontes ao final do texto. E ainda, em MARINHO, Márcia M. F. Natal civiliza-se: sociabilidades e representações espaciais da elite (1900-1929). In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos/Associação Nacional de História - ANPUH, 2007.

*linda tyrolense, no seu vestido de georgette branco reaparecia para conversar no mesmo lugar...*

– *Sempre tivesse sorte...*

– *Para conversar com outro... Ella conversava com diversos namorados em horas matematicamente diferentes! Namorava com minutos contados. Dedicava o tempo restante dos chás para os admiradores impertinentes de sua graça e da sua beleza de dezoitos annos.*

– *E quem lhe deu esse apellido?*

– *Um namorado, por despeito e que ainda hoje morre de amores quando a vê...*

*Mas o gracejo venceu.*

– *E que tem aquella pequena com essa historia?*

– *Que é a mesma pequena...*

– *Linda, meu caro, lindíssima a sua Mlle. Paragon...*<sup>186</sup>

Na situação imaginada pelo autor, o meio de transporte transformou-se em espaço de *flirt*, em ponto de encontro entre amigos. No diálogo empreendido são revelados vários aspectos que integraram aquela sociedade nos anos em que os bondes elétricos foram o principal meio de transporte urbano. Nesse momento nosso interesse se concentra em alguns elementos, principalmente na constituição do próprio bonde como espaço de novas sociabilidades, espaço de ampliação das possibilidades de ação do indivíduo.

Dentre os muitos passageiros que seguiam na viagem de bonde imaginada no conto, alguns *distrahidos ou enfadados* simplesmente iam a caminho do Tirol. Tinham a possibilidade de seguir seu caminho indiferente aos demais passageiros, voltados para suas próprias motivações. Tal circunstância foi percebida por alguns teóricos como um processo de individualismo que marcou as vivências do habitante da cidade nesse período<sup>187</sup>. Já os três personagens do conto, os amigos e a moça que foi o centro da conversa, interagiram em situações de *flirts*, aproveitaram a viagem como espaço de convivência, envolveram-se em outras sociabilidades.

A situação imaginada no conto descreve uma cidade ritmada pela racionalidade técnica, um cotidiano controlado pelos minutos, um local onde se encontram as novidades da moda, das danças, a sofisticação dos costumes. Ficou para trás a “timida aldeia, silenciosa e retraída, para permitir o rápido desenvolvimento de uma cidade moderna, com

<sup>186</sup> DANILO. *Mlle. Paragon*. Cigarra, 1928.

<sup>187</sup> Sobre esse assunto verificar: SENNET. Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

atração por tudo que revela progresso e conforto”, como escreveu Dioclecio Duarte sobre a transformação da cidade. Para ele, em Natal “a vida tornou-se um alvoroço de ruídos, onde “grita aos ouvidos as ultimas novidades do mundo”, agitação do bonde arranhando os trilhos, do avião cortando o ar, do motor do automóvel, das motocicletas<sup>188</sup>.

Outro cronista que assinava como A., escreveu sobre o barulho das “motocicletas”, pedindo providências enérgicas da “Inspetoria de Vehiculos” acerca do hábito que tem alguns jovens de “todas as tardes e todas as noites” promoverem “correrias loucas de motocicletas”. Para o autor essas correrias assombravam os transeuntes “tal é o barulho feito por esses vehiculos, que ao vel-os, sem esconder um natural gesto de sobressalto”<sup>189</sup>.

De sobressalto também se viam meninos “pulando nos estribos dos bondes, morcegando automoveis, gritando jornaes, vendendo roletes, ganhando a vida”. Barbosa, em matéria d’A *Republica* escreveu que esses meninos que nem sabiam o que era a vida, fossem de Natal ou de outro lugar, davam energia “esfuziante” à cidade. Marcavam o seu ritmo “numa barulhenta marathona”, pulando dos bondes, fazendo o “molho de niqueis tinir, sonoramente” e gritando em “cantinela” os nomes dos jornais e as notícias das “cousas que se passam em lugares que elles nem sabem si são deste mundo ou de outro mundo”<sup>190</sup>.

Pular dos bondes oferecia certamente o risco de atropelamento, acompanhados de gritos, choro, do arranhar nos trilhos na tentativa de freio. O som do perigo, as sensações de insegurança aparecem relatadas em matéria d’A *republica*: “com as innovações que surgem, a vida vai se tornando cada vez mais complicada. Já não se pode mais andar despreocupadamente nas ruas. Por toda parte.... Perigo, por exemplo, dos automóveis. Mesmo em cima das calçadas não se está livre de atropelamentos”<sup>191</sup>. Os espaços para pedestres foram delimitados e a população teve que aprender a andar pelas calçadas<sup>192</sup>, a programar suas atividades diárias tendo em vista o horário dos bondes, a ler os códigos e

<sup>188</sup> DUARTE, Dioclecio. *A Transformação de Natal*. A *Republica*. N° 2336. 3 de janeiro de 1939, p. 3.

<sup>189</sup> A. *Sobre as motocicletas (chronica do dia)*. A *Republica*. N° 1847. 31 de março de 1937, p. 2.

<sup>190</sup> BARBOSA, Edgar. *Variações sentimentais - o vendedor de bonecas*. A *Republica*. N° 1558. 22 de março de 1936, p. 6.

<sup>191</sup> PROGRESSO e complicações! A *Republica*. N° 1400. 3 de setembro de 1935, p. 8.

<sup>192</sup> A administração pública investiu no calçamento das ruas e nas construções de calçadas para pedestres. De acordo com matéria de jornal sobre as obras de calçamentos e as reformas das calçadas que se apresentavam “desiguaes, tortuosas e carentes de remodelação” era uma “necessidade que a ninguém ainda terá passado despercebida”. A *Republica*. *O novo calçamento da cidade*. 22 de abril de 1926, p. 1.

sinais relacionados ao uso do transporte urbano, como as “cintas brancas” que indicavam os pontos de parada do bonde ao longo das linhas, local de onde os passageiros deviam pedir sinal de parada “uns quinze metros antes do ponto em que se desejam descer” de acordo com aviso publicado pela empresa concessionária<sup>193</sup>.

Giucci se refere aos bondes como um dos “derivados do fantástico mundo da eletricidade” que implicou em mudança no ritmo urbano, estimulando a aceleração do caminhar e aumentando o número de sustos. Para ele, esse meio de transporte foi re-significado, dando lugar à música, à poesia, à imaginação, inserido num processo de automatismo da vida que deixavam os habitantes mal-humorados e infelizes, no qual a “realidade urbana aparece com frequência associada a um aparelho de relojoaria”<sup>194</sup>.

As queixas com relação aos transportes públicos denunciavam a demora, a perda de tempo, incompatível com o ritmo de vida moderno. O cronista Danilo escreveu sobre esse tema, sob o título “Enquanto não vem o bonde... (sociaes)”, alegando ser um sofrimento esperar o bonde da linha do Tyrol<sup>195</sup>. A empresa concessionária do serviço de transporte urbano não cumpria com os horários que ela mesma organizou e divulgou em nota nos jornais locais. A espera pelo bonde passava dos vinte minutos, o horário divulgado era “apenas uma tapeação” e o “público que se lixe”<sup>196</sup>.

À noite faltavam lâmpadas em muitos pontos da cidade, o que era motivo de queixas que demonstram como os serviços pautados no uso de eletricidade foram se tornando indispensáveis ao modo de vida urbana. No jornal *A Imprensa*, em matéria publicada em 1916, solicita-se “mandar botar uma lampada em cada poste de parada daquela linha em vista das dificuldades que se têm as famílias de tomar os bonds. (...) em noites de escuro (...) é um verdadeiro martyrio se tomar bond”<sup>197</sup>.

Percebemos a adoção de novos padrões comportamentais associada à adaptação da população ao uso de novos equipamentos urbanos e inventos técnicos. Nesse sentido, as reivindicações de melhorias e reformas demonstram o fortalecimento desses padrões ou, melhor dizendo, do estilo de vida que os serviços públicos baseados na eletricidade

<sup>193</sup> AVISO. A Republica, 08 de outubro de 1912, p. 3.

<sup>194</sup> GIUCCI, *Op. Cit.*

<sup>195</sup> DANILO. Enquanto não vem o bonde.... (sociaes). 6 de agosto de 1937, p.12.

<sup>196</sup> OS BONDES não obedecem a horarios e o publico que se lixe. A Republica. 27 mar. 1935, p. 1.

<sup>197</sup> Ex-bonde. *A Imprensa*, 1916, p.1.

ajudaram a construir. Cronistas da época ao se referirem aos bondes elétricos desejavam que

*os dias fossem longos e as noites (...) intermináveis, para gosal-os nesses veiculos, boms ou maos (que importava?) contando que estivesse a cada momento e a cada instante vendo e em contacto com toda a cidade, com todos os seus habitantes, com os que viessem de perto ou de longe. (...) Uma cidade sem bond é uma cidade sem vida, porque o bond é a alma das cidades. (...) O bond acolhe a todos sem distinção de classe, de côr, ou de politica. (...) o bond, além da alma<sup>198</sup>.*

O bonde dava vida à cidade, ajudando a conformar um modo de vida urbano. Além de ter sido, ele mesmo, um novo espaço de sociabilidade com regras de condutas a serem seguidas. O bonde conduzia os habitantes para o teatro, para os centros comerciais da Ribeira, os cinemas e os clubes, a praia de Areia Preta. No jornal *A Republica* comentou-se que "o movimento de bondes e automoveis transportando para os diversos bairros consideravel multidão, emprestava a cidade um aspecto dos dias de grandes festas"<sup>199</sup>.

O bonde elétrico foi o principal meio de transporte urbano entre os anos de 1911 e a década de 1940, período em que gradativamente foi perdendo seu lugar para o ônibus<sup>200</sup>. Tornou-se um dos símbolos da modernização da cidade, diminuiu as distâncias e proporcionou aos seus usuários a sensação de experimentar velocidades nunca antes vivenciadas. Como afirmou o cronista Antônio, seu movimento "saccode os nervos mais sadios"<sup>201</sup>.

O *elétrico*, como era chamado, teve seu lugar no imaginário do mundo moderno da época. Alguns cronistas alegaram que ele seria capaz de mudar o humor de seus usuários. O bonde elétrico não foi o único a causar transtornos à população. A própria energia elétrica foi percebida como algo perigoso e que poderia pôr em risco a vida das pessoas, "a mesma luz elétrica que movia os bondes e tirava as cidades da escuridão, promovia acidentes; choques às vezes fatais"<sup>202</sup>. O choque era também uma novidade com a qual a população passou a conviver e que desmascarava um lado nada seguro dessa

<sup>198</sup> ALMA DA CIDADE. *A Republica*. Natal, n. 217, 22 de julho de 1923, p. 01.

<sup>199</sup> LUZ ELECTRICA NA REDINHA. *A Republica*, 20 de novembro de 1924, p. 1.

<sup>200</sup> ARAUJO, Aline D.; FARIAS, Hélio T. M.; FERREIRA, Angela Lúcia A. Ônibus: "moderno, rápido e seguro" – uma imagem projetada. In: *Anais... 55ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Recife – PE, 2003. (CD ROM).

<sup>201</sup> Ex-bonde. *A Imprensa*, 1916.

<sup>202</sup> COSTA, Ângela. Op cit, p. 11



inovação. O choque era um perigo eminente que havia invadido o cotidiano das pessoas, e interferiu nos seus hábitos mais corriqueiros, como nas brincadeiras de crianças, como mostra o trecho a seguir:

*Hontem (...) deu-se um acidente na Empresa de Melhoramentos que revestiu-se de serias circunstancias. O menor Jose Janini que brincava na rua Pedro Soares teve a lamentavel imprudencia de estender os folguedos ate os acumuladores electricos daquela via publica, conseguindo introduzir um arame atravez da caixa metalica que o resguarda.*

*Houve immediatamente a interrupção da corrente, queimando-se os arames conductores de electricidade e arreventado-se as polias do motor que funcionava na Usina do Oitizeiro. Com o inesperado choque, do qual poderia ter resultado gravissimas e funestas consequencias, estabeleceu-se alem das diversas avarias na aparelhagem electricas, ferimentos de tres operarios. O menor Janini tambem saiu com o dedo ferido. O serviço de tracção ficou paralisado durante duas horas (...) o delegado encarregado (...) procedeu de conformidade com a gravidade do caso, tomando energicas medidas a respeito. Em vista deste e de outros factos que se tem dado nesta cidade, relativamente a tracção electrica.<sup>203</sup>*

Nesse contexto, fazia-se necessário aprender como usar a energia elétrica para se prevenir de possíveis choques, os quais podiam ser inevitáveis mesmo para aqueles que tinham cautela, causando incidentes como o narrado acima, quando a empresa prestadora do serviço foi responsabilizada.

Confiança e risco, sedução e medo foram sentimentos surgidos com o uso de inovações técnicas, que tentamos entender compondo a vivência de experiências cotidianas, características do estilo de vida urbano. Márcia Marinho analisou a adoção de novas práticas de lazer das elites natalenses, entre os anos 1900 e 1930, práticas que de acordo com a autora seriam refletidas na organização dos espaços e na construção de lugares de sociabilidade, de encontro e de atividades culturais. Surgem neste período os jardins como espaço de passeio, os cafés, os clubes, o teatro, os cinemas, as lanchonetes, as sorveterias e os bares<sup>204</sup>. Esses lugares, bem como as praças, a praia e o próprio bonde tornaram-se espaços de novas sociabilidades, que em sua maioria eram mais movimentados durante a

<sup>203</sup> A Republica, ,n. 32 , p. 24, 1912.

<sup>204</sup> MARINHO, Márcia M. F. Natal civiliza-se: sociabilidades e representações espaciais da elite (1900-1929). In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos/Associação Nacional de História - ANPUH, 2007.

noite. Desse modo, a eletricidade contribuiu com separação do dia e da noite dentro da lógica de separação entre tempo do trabalho e tempo do lazer<sup>205</sup>.

### **Ao “clarear” da noite**

Em Natal, intelectuais que vivenciaram a chegada da energia elétrica, como Henrique Castriciano, Eloy de Souza e Câmara Cascudo, entre outros, narraram suas impressões sobre a vida na cidade. Eloy de Souza, em conferência na assembléia natalense em 1909, falou do clima de vigilância nas perigosas noites escuras da cidade<sup>206</sup>. Com a iluminação artificial promovida pela eletricidade, os espaços se tornaram mais seguros e as elites buscaram disseminar padrões culturais do modo de vida moderno, como a utilização do tempo da noite para o lazer e realização de atividades culturais. Henrique Castriciano sentia o tédio existente em Natal no início do século XX, como sendo um aspecto de incivilidade do povo, afirmando que no interior havia mais sociabilidade que na capital, isto por culpa dos “hábitos excessivamente caseiros” da população e da falta de atividades culturais<sup>207</sup>. O tédio sentido por Castriciano é uma nova sensibilidade que surge na cidade, alimentada pela cobrança de novos melhoramentos e novas práticas: os sentidos se modificam, assim como as exigências. Nesse contexto, ele reclamava para Natal uma vida urbana enriquecida culturalmente em função do maior convívio entre as pessoas.

Nesse período, os clubes exerceram importante papel no aumento das atividades culturais e de lazer na cidade, tornando-se um dos principais lugares de convivência e lazer das elites natalenses. Idas ao Natal-Club estavam entre os hábitos noturnos dos natalenses relatados por Cascudo, em crônica dos anos 1920, intitulada “A noite em Natal”. Nesta crônica, o autor comenta sobre a melancolia da noite na cidade, numa cidade que fica quieta quando sob a luz das “lâmpadas amarellas” saem de casa apenas meia dúzia de “creaturas”. Denuncia, no entanto, que a existência de luz é imprescindível para concepção de práticas noturnas. Cascudo afirmou encontrar/catalogar três formas de seus amigos agirem nas primeiras horas da noite: um grupo composto pelos

---

<sup>205</sup> MARINHO, Márcia. *Op. Cit.*, 2008.

<sup>206</sup> SOUZA, Eloy de. *Costumes Locais*. Natal: Verbo; Sebo Vermelho. 1999. p. 18-19.

<sup>207</sup> SOUZA, Henrique Castriciano. Aspectos Natalenses. In: ALBURQUERQUE, José G. *Seleto*. Natal: s/editora. 1993.

que ficavam em casa e tentavam ler (o que dependia de luz no interior das residências); um segundo de pessoas que saíam e ficavam a conversar, a “saber as novas”, em algumas praças silenciosas (quando iluminadas); e ainda os que vão ao “Natal Club” encontrar amigos e jogar poker, ou às vezes vão ao cinema<sup>208</sup>.

Todas as práticas noturnas relatadas por Cascudo dependiam do uso de energia elétrica. Os três exemplos citados na crônica revelam os hábitos da sociedade da época, especialmente de suas elites. Digo isto especialmente por pensar que o espaço do segundo grupo de práticas, o das pessoas que buscavam as praças, os jardins e os espaços públicos iluminados para conversar, para “saber as novas”, possivelmente seria acessível à população de uma forma ampla.

Cascudo fala de uma cidade “quieta”, adormecida ao cair da noite, com pouca atividade. A energia elétrica iluminou a cidade e as residências, foi colocada em jardins, praças e balaustradas, serviu de força motriz a relógios e aos bondes (principal meio de transporte urbano da época), ajudou a mudar a forma e a paisagem urbana e num ritmo mais lento influenciou mudanças de comportamentos.

Acordar a cidade, transformando a cidade noturna no espaço de diversas atividades, foi um processo mais demorado que as mudanças na sua configuração e paisagem. A iluminação das ruas foi um elemento determinante à adoção de hábitos que adentraram a noite. Relatos de festas ocorridas nos clubes da cidade, publicados nos jornais locais, destacavam a iluminação que havia sido utilizada nos eventos. Tal iluminação aparecia compondo o cenário decorado para festa no interior dos clubes ou nas ruas próximas. Numa dessas festas no Natal Club publicou-se em nota de jornal elogios a Empresa Força e Luz pela iluminação que foi preparada para o evento. De acordo com o relato

*Até adeantanda hora da noite a multidão avaliada em milhares de pessoas, estacionou em frente ao “Natal Club”, num sereno colossal. O Sr. Americo Gentil digno gerente da Empresa Força e Luz, para dar maior realce á festa, teve a feliz idéa de reforçar a illuminação na Avenida Rio Branco, em frente ao edifício da sociedade. A Casa Edison encarregou-se da decoração interna a luzes de cores, desempenhado-se com todo bom gosto, para que muito concorreu o Sr.*

---

<sup>208</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20* (organização e estudo introdutório Raimundo Arrais). Natal: EDUFRN, 2005.

*Americo Gentil, gerente da Empresa, que tudo facilitou, para o bom efeito da decoração*<sup>209</sup>

Nessa festa ocorrida em 1916, a empresa responsável pelos serviços de iluminação encarregou-se de intensificar a luminosidade das ruas próximas ao evento, enquanto a loja distribuidora de lâmpadas e equipamentos de instalação elétrica no comércio local foi responsável pela iluminação interna do Natal Club<sup>210</sup>. Tais iniciativas davam visibilidade aos benefícios da iluminação obtida por eletricidade. Seus efeitos cênicos e embelezadores foram ressaltados, sendo as lâmpadas coloridas uma das atrações do evento que, com as ruas iluminadas e bondes esperando na porta, poderia se prolongar dentro da noite.

Muitas notas de jornais sobre acontecimentos sociais, por vezes reunidas sob o título de “Várias” mencionam que as festas nos clubes da cidade, os *pic-nics*, bailes e saraus invadiram o tempo da noite, terminando cada dia mais tarde. Em setembro de 1916 um sarau do Natal-Club “correu sempre animado até depois da meia noite”<sup>211</sup>, outro sarau promovido em novembro por esse clube também prolongou-se até depois da meia noite<sup>212</sup>.

Os espaços públicos iluminados foram também transformados em espaços de sociabilidade noturna. A iluminação com uso de eletricidade utilizada nas praças e jardins manteve-se como atração nesses espaços décadas depois de sua chegada à capital norte-rio-grandense. Em matéria d’A Republica de 1939, a Praça Pedro Velho, conhecida como pracinha, é mencionada pelo cronista Danilo como “ponto de diversões públicas” que possuía um “aspecto de modernismo e de elegância”<sup>213</sup>. Na pracinha, iluminada à luz elétrica, durante as “noites palpita um pouco da nossa vida social (...) quase sempre os bancos eram poucos”, nesse espaço as pessoas “cançadas da vida quotidiana” fugiam da monotonia<sup>214</sup>.

<sup>209</sup> VÁRIAS. *A Republica*. 24 jul. 1916, p. 2.

<sup>210</sup> Sobre as atividades realizadas nos clubes da cidade nesse período conferir: MARINHO, Márcia M. F. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História da UFRN, Natal, 2008.

<sup>211</sup> NATAL-CLUB. *A Republica*. 25 de setembro de 1916. p. 2.

<sup>212</sup> Natal-Club. *A Republica*. 20 nov. 1916.

<sup>213</sup> DANILO. Mais bancos tem a pracinha.... (sociais). *A Republica*. Natal, 05 de maio de 1939. p. 12.

<sup>214</sup> DANILO. Mais bancos tem a pracinha.... (sociais). *A Republica*. Natal, 05 de maio de 1939. p. 12.

A luz elétrica fez com que o dia, no sentido de tempo das atividades humanas, adentrasse a noite, alterando as percepções que separavam esses dois períodos por fenômenos naturais. A distinção passou a ser demarcada pelo tipo de atividade e uso dos espaços, ou seja, as noites iluminadas por eletricidade transformaram-se em tempo de lazer, como uma atividade que passou a ser associada ao descanso das atividades cotidianas realizadas durante o dia, tempo do trabalho e da produção. Desse modo, as noites iluminadas ajudaram a construir locais de encontro entre as pessoas, onde se agitava a vida social, como escreveu Danilo, no trecho citado acima.

O fim da escuridão estabeleceu novos hábitos. Assim, as noites deixaram de ter como única utilidade o momento de descanso, de modo que em vez de serem exclusivamente dormidas passaram a ser vividas, como uma continuação do dia. Com a ampliação das possibilidades de uso da noite a vida ganhou um ritmo mais dinâmico.

O bonde elétrico foi também importante na ampliação das possibilidades de uso da cidade à noite. Alguns relatos sobre festas mencionavam a presença desses dois elementos, iluminação e bondes, como tendo concorrido para o sucesso do evento. Em agosto de 1916, sobre um *pic-nic* em Petrópolis, comentou-se que “dançou-se animadamente até alta noite”. No dia desse *pic-nic* de “meio dia em diante, os bondes da linha de Petropolis trafegaram sempre cheios de senhoras e cavalheiros que iam tomar parte e apreciar o pic-nic (...)”<sup>215</sup>.

As notas em jornal que divulgavam e convidavam os membros da sociedade para prestigiar as atrações teatrais e festas, as quais estavam sendo promovidas pelos clubes da cidade, acompanhavam a advertência de que haveria bonde disponível para retorno aos lares ao término do evento. É o que vemos no convite para um sarau do Natal-Club:

*Realiza-se, hoje ás 20 horas, o sarau do Natal-club a direcção do sócio Alberto Roselii. Apesar de ser uma festa modesta, é de esperar que os socios e convidados lhe deem o concurso de suas presenças, animado-a, como sempre.  
Depois das danças haverá bondes para todas as linhas.*<sup>216</sup>

<sup>215</sup> O PIC NIC Petropolis. *A Republica*. 12 ago de 1916. p. 2.

<sup>216</sup> Natal-club. *A Republica*, 23 set. 1916. p. 2.

Com a facilidade de acesso aos locais da cidade proporcionada pelos bondes, as festas deslocaram-se para os bairros novos, saindo dos tradicionais espaços de sociabilidades situados entre os bairros Cidade Alta e Ribeira. Como ocorrido, de acordo com nota d'A Republica, com as festividades Natalinas de 1916:

*As festas de Natal não correram este anno muito animadas no centro da cidade, porque se deslocaram para os arrabaldes do Alecrim e Areia Preta.*

*Na cidade, somente o 'Natal-Club' mantendo sempre a nota chic, conseguiu encher os seus salões, com os socios, famílias e convidados de cerca de duzentas creanças que foram admirar e premiar-se com a 'arvore' formando cortejo em redor do edificio um 'sereno' colossal.*

*Dançou-se animadamente até á 'missa do gallo' (...)*

*O Alecrim deu a nota das diversões populares, com os botequins, as tocatas, as lapinhas, e sobretudo o movimento nas ruas, sendo insufficientes os bondes da Empresa Tração, Força e Luz, apesar de duplicados.*

*Correu tudo alli na melhor ordem e com a maior animação.*

*E Areia Preta, a praia de grande luxo, que tomou uma feição accentuadamente aristocrata, os veranistas souberam distrahir-se com a elevada distincção do seu trato fidalgo (...).<sup>217</sup>*

Faltaram bondes para a quantidade de pessoas que passou pelo bairro do Alecrim nas festividades natalinas de 1916, localidade que era considerada o limite da área urbana até 1908 e que foi oficialmente considerado como bairro em 1911, de acordo com Resolução Municipal. Areia Preta destacou-se como recanto elegante das festividades natalinas do ano de 1916, evento que marcava a abertura do período de veraneio na cidade, que tinha essa praia como um dos lugares mais concorridos desde a ocupação do bairro Cidade Nova. Sendo assim, desde outubro desse ano a gerência da E.T.F. e Luz Elétrica de Natal anunciou que os “bonds da linha de Petropolis que partem da Ribeira até 10, 57 e de 3,27 avante, irão á Areia Preta, enquanto durar a estação de banhos de mar”<sup>218</sup>.

O aumento do dinamismo na vida urbana deveu-se também ao bonde elétrico. Esse meio de transporte encheu a cidade de movimento e lhe impôs novo ritmo, levando as pessoas, independentemente da atividade, trabalho ou passeio, a percorrer as ruas,

<sup>217</sup> As festas de Natal. *A República*. 26 de dezembro de 1916.

<sup>218</sup> E.T.F. e Luz Elétrica de Natal/Bonds. *A Republica*. 09 out. 1916.

proporcionando-lhes o deleite das paisagens urbanas, transportando-as mais velozmente até os lugares, diminuindo as distâncias, tornando mais acessíveis algumas áreas da cidade. O bonde foi fundamental, por exemplo, para o uso da Praia de Areia Preta como ponto de encontro, espaço de sociabilidade<sup>219</sup>.

Danilo, em mais uma de suas crônicas da série intitulada de “Vida social”, relatou sua satisfação em observar a vida urbana acontecendo nos pontos de parada dos bondes elétricos. Para o cronista, nesses pontos, a certas horas

*é uma maravilha. De todos os lados a gente vê os grupos de moças lindas, as graças estilizadas da mulher bonita e moça, sonhadora e romântica. Para dar alegria a uma rua basta uma mulher bonita. Para que a cidade tenha a sensação de vida é suficiente que tenha uma Tavares de Lyra a certas horas, e sob os seus fycus benjamins um grupo de morenas de olhos ricos de lus e segredo... A avenida é onde estão os melhores pontos de bondes, mais commodos, mais elegantes, mais convenientes<sup>220</sup>.*

À espera do bonde, a energia e a beleza da juventude natalense movimentavam a vida na cidade com práticas condizentes com os ideais do mundo urbano que os melhoramentos estavam construindo em Natal. Nesse contexto o cronista falou da satisfação de observar a transformação na fisionomia da cidade com a presença de

*grupo de meninas, contentes, descendo ou subindo as ruas, indo ou vindo de suas aulas no grupo modelo. Na av. Tavares de Lyra demoram às que vão subir de bonde e as que apenas aproveitam o momento para conversar. Umam vão para a cidade, outras ficam na Ribeira. O Bonde finalmente vem e dispersa os grupos encantadores que tanto bem fazem a physionomia da cidade<sup>221</sup>.*

Durante o dia os olhos das moças, “ricos de lus e segredos”, animavam os pontos de bondes e as avenidas. Nessas avenidas, as elites locais desfilavam sua elegância e

<sup>219</sup> A linha de Bonde chega ao Monte Petrópolis em 1913, facilitando o acesso a Praia de Areia Preta. Sobre esse assunto cf. MARINHO, Márcia M. F. Natal civiliza-se: sociabilidades e representações espaciais da elite (1900-1929). In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos/Associação Nacional de História - ANPUH, 2007.

<sup>220</sup> DANILO. *Vida social* - avenidas ... *A Republica*, 26 de maio de 1929, p. 2.

<sup>221</sup> VIDA social - Estudantes... *A Republica*, 01 mai 1929.

sua “spleen” na cidade, nos seus “pontos chics”, seus “centros elegantes e mundanos”. A Av. Tavares de Lyra também foi escolhida pelo cronista D’Albert em 1929 como a vitrine dos ‘*enfants gates*’ e de nossas milindrosas”, como lugar dotado do poder de sedução, de provocar o imprevisível de sensações. Nas palavras de D’Albert: “Natal de ontem, Natal de hoje. Natal de amanhã, bizarro kaleidoscópio de imprevistos pelas sensações que nos proporcionas eu te exallo”<sup>222</sup>. O tempo que interessava era o futuro, pensado em função de transformações espaciais capazes de produzir sensações antes desconhecidas, como um “bizarro kaleidoscópio” representativo da distorção de imagens, da velocidade, da transfiguração, da perturbação e do fascínio.

O impacto das inovações tecnológicas e efeitos da urbanização da cidade de São Paulo dos anos 1920 foram analisados por Sevchenko, tendo em vista a aceleração frenética dos ritmos das atividades cotidianas sob novas condições materiais e sob o vislumbre de uma nova paisagem urbana. A partir do exemplo da modernização de São Paulo, o autor reflete sobre uma nova experiência do tempo e do espaço urbano na construção da modernidade paulistana, interpretada sob vários aspectos pelas artes, pelos cronistas, pela imprensa, etc. Para esse autor, a cidade vivia uma “movimentação frenética”; essa nova realidade era uniformizadora e a experiência da velocidade foi parte constituinte da vida urbana moderna, como causadora de vertigem, surpresa e êxtase<sup>223</sup>.

A introdução de novos e diferentes elementos fomentou ritmos e percepções e produziu um novo padrão de conforto, além de uma mudança da noção de tempo, criada pela sensação de “pleno dia” com a iluminação da noite e pelo encurtamento das distâncias promovido pelos bondes, pela presença das luzes feéricas do teatro, do cinematógrafo, dos letreiros iluminados, dos relógios movidos à eletricidade e da luminosidade constante das lâmpadas erguidas em postes por toda a cidade.

Durante a noite, com a eletricidade iluminando festas, bailes dançantes, apresentações de dança e teatro, sessões de filmes e conferência, praças e jardins, as pessoas ganharam o espaço e o tempo da noite. A exemplo, em 1937, na praça André de Albuquerque foram se

---

<sup>222</sup> D’ALBERT, Lucy. *Vida social - Av. Tavares de Lyra*. A Republica. 19 de janeiro de 1929, p. 2.

<sup>223</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



*armando os mecanismos de varios divertimentos: roda gigante, carrousseis, barcos venezianos, chicotes ou montanha russa, aeroplanos e outros brinquedos para gente grande de ambos os sexos e meninos que não gostem de ficar em casa...*

*Todas as noites a praça ficará illuminada, feericamente illuminada, para que a gente veja os sorrisos das nossas graciosas conterraneas, nos circulos interminaveis dos passeios, e lhes tente advinhar os suspiros indiscretos, ou as malícias que escapam por entre as perolas da bocca vermelha...*<sup>224</sup>

Desse modo, a eletricidade ajudou a transformar os hábitos do habitante da cidade. A vida urbana ganhou cor e agitação, sendo feericamente iluminada à luz elétrica e agitada pelo movimento dos bondes elétricos. Esse novo “colorido” exigiu a adaptação das pessoas às condições impostas pela vida nas cidades.

Uma série de novos objetos movidos à eletricidade fez parte desse colorido. Revelaram uma beleza produzida por novos efeitos visuais, num mundo de formas e cores artificiais que combinam velocidade e força. O mundo da máquina, que chegavam como caras mercadorias transformando diversas atividades cotidianas e ganhando espaço nas habitações, é produtor de uma sensibilidade moderna.

### **Novos hábitos/novos objetos**

O fascínio pelos objetos na modernidade foi analisado por Giucci, tendo em vista o advento de três máquinas – o bonde elétrico, o avião e o carro. Para o autor, esses objetos contribuíram para a educação da sensibilidade moderna, produzida pela progressiva incorporação dos objetos mecânicos na vida cotidiana. Nesse contexto, a “chegada do fonógrafo, telefones, cinematógrafos, arranha-céus, bondes e automóveis constrói um novo meio ambiente urbano e altera os modos de percepção do tempo e do espaço, sob o impacto dos objetos fabricados em série”<sup>225</sup>.

<sup>224</sup> DANILO. Sociaes. A Republica. 21 de março de 1937, p.12.

<sup>225</sup> GIUCCI, Guillermo. A viagem dos objetos. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Vol. VIII. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-597020010005000015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-597020010005000015&lng=en&nrm=iso). Acessado em 26 julho de 2009. p. 2.

Uma série de equipamentos que incidiram mudança em diversas atividades cotidianas influenciou a reprodução de um modo de vida, segundo as necessidades de expansão do capitalismo. Pela publicidade, as mercadorias foram associadas aos ensinamentos sobre como se comportar, valorizando o objeto para além da esfera utilitária, como artefatos que inspiraram a formação de novos padrões de conforto, sofisticação, consumo e, assim, teceram uma rede de relações com os valores, sentimentos e comportamentos.

Do mundo fantástico da eletricidade derivaram muitos desses objetos. A ampliação da rede de distribuição de eletricidade em Natal e o aumento do número de usuários do serviço, com intuito de atender toda a cidade, foram realizadas em 1915, com alterações do “machinismo” da empresa, organização das questões relativas ao recebimento das taxas e as providências necessárias para solicitação de instalações elétricas domiciliares.

No ano seguinte a essas ações começaram a surgir nos jornais anúncios de casas comerciais fornecendo objetos elétricos. A chegada da rede técnica de eletricidade ao espaço de moradia criou uma interdependência desse espaço com a essa própria rede, em função do uso de modernos utensílios com repercussões sobre as atividades ordinárias da vida. A começar pelo medidor de quilowatt, as residências foram invadidas por “artigos elétricos”, como nomeou o anúncio dos objetos e serviços oferecidos pela casa comercial “Casa Edison Garcia & C.” publicado no jornal A República em 1916:

*Instalações e reparações de luz e campainhas elétricas (...). Variedade [e] sortimento de artigos elétricos e materiais para installações. Fornecimento de motores electricos de qualquer força. (...)Ferros electricos para engomar, fogareiros electricos, machinas electricas para applicações médicas, lampadas para algibeiras, lustres, arandellas, abajours de vidro e fantasia, etc.*

Tudo que fosse preciso de eletricidade poderia ser encontrado, também, na “Casa Cascudo”, situada a Rua Dr. Barata, n. 32<sup>226</sup>. Indagamos como esses inúmeros equipamentos elétricos vieram incidir na rotina dos habitantes da cidade, com intuito de

---

<sup>226</sup> Revista do Centro Polymathico. Natal: Typographia “Augusto Leite”. n. 5. ago. 1921

perceber a presença desses objetos na construção da identidade do habitante de cidade moderna.

A introdução de um novo padrão de conforto está relacionada aos desejos das classes majoritárias de modernizar a vida. Porém as discussões encontradas nos jornais sobre a preocupação com os valores das tarifas de energia e da passagem para trafegar no bonde revelam que os melhoramentos introduzidos beneficiaram, em alguma medida, todas as classes sociais. Velloso, referindo-se ao processo de eletrificação brasileira, em especial das capitais, analisa a existência de “exclusão social no acesso à privacidade e ao conforto, incluindo os serviços movidos à energia elétrica”, mas que, diferentemente, “as melhorias urbanas empreendidas no espaço público da rua, tais como a iluminação elétrica, são de certa forma socializadas pelos diversos grupos sociais”<sup>227</sup>.

Usamos a expressão “em alguma medida”, por termos em mente que há elementos, como os utensílios domésticos (a geladeira, por exemplo), aos quais as classes menos desfavorecidas só tiveram acesso algumas décadas depois. A própria eletricidade era uma mercadoria que nem todos podiam comprar.

A geladeira elétrica foi um dos objetos que transformou – não seria exagero dizer – revolucionou os hábitos da população. O consumo de alimentos e bebidas geladas, e o aumento do tempo de conservação dos alimentos fizeram dela um símbolo de sofisticação dos costumes. Ter ou não geladeira significava, portanto, ter ou não progresso. Numas das referências a esse eletrodoméstico em Natal, ele é colocado ao lado do rádio, do cinema e do avião como símbolo de progresso:

*Natal com o progresso que vae tendo, dia a dia não só com as edificações particulares como as obras publicas a praia de Ponta Negra será um coloso, será a nossa Copacabana...*

*Você acredita nisso?*

*Porque não?! Já temos avião diariamente para o Norte e Sul, cheios de passageiros, temos radios em todo canto, temos o cinema Rex, **temos geladeira electrica**, etc.<sup>228</sup>*

<sup>227</sup> VELLOSO, Verônica Pimenta. A eletricidade no Brasil sob a perspectiva da história social. *Hist. cienc. saude-Manguinhos.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-9702002000300012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-9702002000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 Mar 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0104-59702002000300012

<sup>228</sup> CONVERSANDO no grande ponto. *A Republica*. Natal, 04 de agosto de 1936. p. 14. [Grifo nosso]

As condições de vida na cidade exigiam uma sofisticação dos costumes. As elites buscaram adquirir “novos hábitos de como se portar à mesa, caminhar, se vestir (...) regidos por um conceito de civilização”. Difundem-se as idéias de luxo e de conforto, introduzindo novas formas de consumo, tornando algumas invenções e objetos alvo do desejo, imprescindíveis ao modo de vida moderno. Dessa maneira, “o conforto, enquanto facilidade de vida, transborda o círculo íntimo das comodidades (...) adquiri uma face privada e outra pública.”<sup>229</sup>.

Um anúncio publicitário publicado n’A Republica, oferecendo a eletrificação de residências pela empresa Pernambuco *Tramways*, deixa clara a vinculação entre conforto e objetos elétricos, noticiando as vantagens de “tudo que se refira á eletricidade doméstica, desde o fogão de cosinha a machina de costura. É incalculável que a contribuição de energia electrica tem trazido para o conforto da vida moderna”<sup>230</sup>.

Emerge, então, uma nova ordem de objetos. A eletricidade introduz um antes e um depois na materialidade dos objetos. Os que dela dependiam se ajustam às necessidades dos novos tempos, dos tempos modernos. O relógio e a iluminação artificial mudam a percepção de tempo; a uniformidade do horário era uma preocupação das elites governamentais. Tais preocupações foram expressas em matéria d’A *Republica*<sup>231</sup> sobre o funcionamento de um relógio movido a eletricidade:

*Há alguns dias, vem funcionado regularmente o relógio da balastrada, movido por eletricidade, ligado ao edificio da Intendencia Municipal. É um melhoramento introduzido pela edilidade do horario official: é, pois, de esperar que os habitantes da Ribeira e da Cidade Alta saibam colher os seus beneficios, adaptando-o, para uniformidade do horário de Natal*<sup>232</sup>.

O cronista Neto, autor da série de crônicas intituladas “De meu canto”, publicadas no Diário de Natal, aproveitou o problema de funcionamento do relógio da

<sup>229</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. p. 122; p. 141.

<sup>230</sup> Salomão Filgueira. *Eletrifique a sua casa a Pernambuco Tramways*. A Republica. 21 de março de 1930, p.1.

<sup>231</sup> Órgão oficial da imprensa da época.

<sup>232</sup> ENERGIA elétrica. *A Republica*. Natal, n. 156, 16 de maio de 1925, p. 02.

balaustrada da Avenida Junqueira Aires para criticar o melhoramento com um pequeno verso ironizando a situação:

*Dizem que o relógio está  
Como muito gente agora,  
Emperrado e Caipora  
Sem saber p'ra onde vá*<sup>233</sup>.

O relógio, como muita gente, estava sem direção. As transformações na cidade produziram perdas das referências, a consciência perturbadora da descontinuidade, da perda da tradição. As reportagens de jornais, na medida em que representam os fatos, tendem a acelerar mudanças sociais ou a estabilizar um movimento dessas transformações.

De acordo com Georg Simmel, um ritmo constante de aquisição de novos hábitos transforma as bases sensoriais dos habitantes da cidade, no contexto de aquisição de práticas que encontram seu *habitat* no meio urbano moderno e que tornam as relações humanas mais impessoais e racionais. Para o autor, o método moderno de transporte e comunicação urbanos – o trem elétrico, o automóvel, o telefone e o rádio – mudou rápida e silenciosamente a organização social e industrial da cidade moderna, com correspondentes mudanças nos hábitos, sentimentos e caráter da população, analisados como reajustamento das condições de vida cidadina moderna<sup>234</sup>.

As condições peculiares à vida das cidades ofereciam inúmeras possibilidades de diminuição do tempo gasto com o trabalho, proporcionadas por uma série de equipamentos que facilitariam as tarefas, deixando mais tempo disponível para a vida social, além de que com a iluminação artificial as pessoas ganharam também o tempo das noites.

A luz se tornou parte da decoração, dos arranjos. Os objetos movidos à eletricidade adquiriram os poderes de seduzir, de despertar a imaginação e facilitar a vida e, desse modo, tornaram-se objetos de desejo. As vitrines iluminadas surgem também como objeto de sedução à noite, objeto que desperta sonhos e desejos, que atrai pela luz. Assim em Natal

<sup>233</sup> Neto. *De meu canto*. Diário do Natal, 12 de dezembro de 1911, p. 1.

<sup>234</sup> SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 11-25.

*O prestígio das vitrines já é um facto da observação commum das populações nas grandes cidades. Não se comprehende mais uma cidade civilisada sem a iluminação polyeomica (...). Mas é preciso dizer que na cidade há uma casa que tenha a sua vitrine mais ou menos moderna, na Ribeira a outra a altura das nossas necessidades de reclame: a do o ganha pouco e a da pendula natalense. São as vitrines que dão vida nocturna ás cidades. Durante o dia ellas chamam os transeuntes que vão, muitas vezes, preocupados com suas mutiplas obrigações. A noite ellas os seduzem.*<sup>235</sup>

Fascinam também pela exibição de outros objetos “modernos”. Os afazeres domésticos foram um dos principais alvos destes. Eram muitos os equipamentos domésticos que dependiam de energia elétrica: torradeiras, grelheiras, ferro de passar, enceradeiras, fornos, resistência para ferver água. Um império de coisas que ajudariam a conformar um modo de vida moderno, “civilizado” foi colocado à disposição da população, especialmente das elites econômicas.



Ilustração 7: Objetos à mostra nas vitrines do estabelecimento comercial “Pendula Natalense”, localizado à Rua Dr. Barata, n. 204. Fonte: Revista Cigarra, 1928.

<sup>235</sup> VIDA Social – Vitrines. *A Republica*. Natal, 15 de junho de 1929, p.02.

Nos anúncios publicitários das casas comerciais de Natal, no período estudado, podemos notar como muitas destas “coisas” modernas foram colocadas à disposição. Na Revista A Cigarra, em 1928, a Agência Ford, situada na Avenida Tavares de Lyra, n. 102, anuncia que a população podia comprar enceradeiras e aspiradores de ar da Electrolux, e ainda telefones e vitrolas da Victor.

CIGARRA

## AGENCIA FORD

Automoveis — Caminhões — Tractores — Stock permanente de automoveis DOUBLE PHAETON  
SEDAN — Peças e acessórios FORD — GARANTIA e DURABILIDADE

**AGENTES AUCTORIZADOS**

<p><b>MOBILLOIL</b> Agentes exclusivos da Vacuum Oil Company</p> <p>Pneumáticos, câmaras de ar, correias e massicos</p> <p><b>GOODYEAR</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>M. MARTINS &amp; C.</b> — ENDEREÇOS —</p> <p>TELEPHONE 105 TELEGRAMMA — LUSO Codigos — Ribeiro, Borges, Mascotte</p> <p>CAIXA POSTAL 79 ESCRITORIOS: — av. Tavares de Lyra 41. 1.º and. Rio G. do Norte — NATAL</p> <p>OFFICINAS — com secção de pintura «DUCO» PRAÇA LEÃO XIII</p> <p style="text-align: center;"><b>SECÇÃO MUNDLOS</b> e representações Av. Tavares de Lyra 102</p>	<p>Apparelhos <b>Electrolux</b> enceradeiras e aspiradores</p> <p>Higiene e limpeza rapida</p>
--	---	--

Victrolas Victor, Ortophonicas, Discos Victor, Agulhas extra-fortes, Tapetes Congoleum, Supertinta Segurança, Albuns para discos, Estatuetas, Imagens, Secção de papelaria.

Ilustração 8: Anúncio publicitário.  
Fonte: Revista Cigarra, 1928.

Um detalhe neste anúncio publicitário chama a atenção: a frase “Higiene e limpeza rápida” foi usada como atrativo para os aparelhos. Esta estratégia de venda é reveladora da mentalidade da época, demonstrando como as elites aspiravam aos princípios que regiam os ideais de modernidade daquele momento, esses expressos por palavras de ordem como: sanear, higienizar, educar, reformar, regenerar, civilizar<sup>236</sup>. A eletricidade “pura e inodora” preenchia os requisitos do higienismo, e auxiliava assim na construção da mentalidade moderna da época<sup>237</sup>.

<sup>236</sup> HERSCHMANN, Micael M., PEREIRA, Carlos A. M. O imaginário moderno no Brasil. In: *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.9-42.

<sup>237</sup> O saber médico higienista estruturou o pensamento urbanístico moderno (ABREU, 1997). No Brasil o processo de transformação que englobou as proposições higienistas, a saúde coletiva e o saneamento, criou um discurso que se difundiu, e influenciou transformações em quase todas as capitais, como por exemplo, o Rio de Janeiro, cujo espaço urbano foi remodelado na administração prefeito Pereira de Passos (1901-1904). Um discurso que



Os objetos modernos invadiram também os espaços de diversões. Num edital de concorrência para abertura de bares, em que a Prefeitura cede terreno para instalação e funcionamento, entre as condições impostas na concorrência se exigia a manutenção de um “serviço de chá e de sorvete, até às 23 horas, mantendo uma eletrola ou outro aparelho de musica durante as horas de funcionamento do 'Bar'”<sup>238</sup>.

Enquanto a casa de refeições Rotissere, situada a rua José Bonifácio em Natal, de acordo com anúncio publicado na revista Cigarra em 1928, destacava-se por ter os sorvetes como sua especialidade, mantendo “um serviço proprio e rápido de fabricação de sorvetes, à electricidade, debaixo de todos os preceitos de hyiene, podendo assim satisfazer promptamente á sua seleta freguezia”<sup>239</sup>.



Ilustração 9: Casa Rotissere, foto publicada com a chamada “enquanto não chega o sorvete (...) na Rotissere”. Fonte: A Cigarra, 1928.

Na fotografia aparecem moças, vestidas de acordo com a moda “parisiense”, posando para serem fotografadas para uma revista mundana, como se estivessem presenteando com sua elegância as calçadas de um café natalense; percebemos ainda um espaço visível a todos e que nos revela um entrelaçamento entre público e privado. Podemos sugerir que cenas como essas, aos olhos de todos os passantes comuns,

---

influenciou saberes e práticas, que circulam pela sociedade brasileira do início do século XX, que invade as escolas, que constroem espaços, que checou as casas e modificou os comportamentos.

<sup>238</sup> ALVES, Antonio. Editais. Prefeitura de natal. Edital. *A República*. Natal, 07 de agosto de 1932, p. 04.

<sup>239</sup> Revista Cigarra, 1928.



freqüentadores ou não de estabelecimentos comerciais do tipo, possam provocar a sensação de novos tempos na população de uma maneira geral.

Fascínio ou estranhamento? Difícil determinar os sentimentos desses passantes. Anônimos, representam a grande maioria dos habitantes da cidade, que passando, olhando, seguindo com suas atividades diárias, construíram os seus espaços na cidade.

As elites locais sonharam em reformular a cidade para colocá-la nos rumos da civilização, integrado-a ao mundo. O rádio também foi um desses objetos que materializaram a modernização da vida e que dependiam de energia elétrica, um dos principais meios de divulgação dos novos hábitos, das novas formas de viver, vestir, agir, pensar. Foi um objeto muito responsável pela sofisticação dos costumes, por mudanças de comportamento<sup>240</sup>, objeto que fazia circular as novidades do mundo. De acordo com matéria d'A *Republica*, pelo rádio logo as novidades chegavam também em Natal:

*É estupendo que as novidades mais recentes de Nova York e Paris sejam conhecidas logo nos meios elegantes do mundo. Uma cronista de putins explicava há pouco tempo de que modo são importadas as elegâncias. Pelo milagre do rádio as nossas elegantes poderiam agora mesmo solicitar os desenhos (...) mais recentes na galeria de Marliau e Armand. Poderiam comparecer ás reuniões brilhantes do Aero-club, embrulhadas nas suas capas de veludo 'ivoire', vestidas assim á maneira parisiense<sup>241</sup>.*

A eletricidade chegou como símbolo do progresso, a partir de inúmeros equipamentos elétricos que invadiram as vivências cotidianas e o imaginário vinculado a modernização da cidade de Natal. Acreditamos que o uso desses objetos modernos animou a modernização da cidade a cada variedade de lâmpadas, lustres, campainhas elétricas, ferros para engomar, fogareiros e fornos elétricos, máquinas para diversas aplicações médicas, arandelas, abajours, geladeiras, rádios, relógios, enceradeiras, aspiradores, vitrolas, entre outros. Artefatos que se tornaram objetos de desejo, com poder de colorir as atividades cotidianas de sofisticação dos costumes e outros estilos de intimidade, e de adornar as moradias, conferindo aos espaços uma áurea moderna.

<sup>240</sup> Antes do desenvolvimento dos meios de comunicação televisionados.

<sup>241</sup> VIDA social - a moda pelo rádio. *A Republica*. Natal, 05 de maio de 1929, p.02.

Equipamentos elétricos estiveram envolvidos diretamente com a idéia de uma sofisticação dos costumes e promoção uma distinção social. De acordo com Lipovetsky, o poder de diferenciação social promovida pelos objetos foi o principal eixo das respostas sociológicas à dinâmica da oferta de mercadorias. No entanto, para o autor as estratégias distintivas de classe não são suficientes para se compreender o fascínio que os objetos exercem sobre as pessoas, devendo ser levadas em consideração também as finalidades culturais: conforto, estética, escolha individual, a novidade<sup>242</sup>.

Com relação aos objetos elétricos, Lipovetsky os analisa a partir da ligação com a percepção de bem-estar, com associação com gostos modernos e a sofisticação de ganhos de tempo. Para ele “um arrepio do novo” está presente nas estratégias de oferta desses objetos, promovendo uma sensibilização para ideais e normas e uniformizando os desejos, os gostos, os costumes e o ambiente.

As estratégias utilizadas nas propagandas desses objetos em Natal seguiam nessa linha, divulgando padrões de conforto e sofisticação dos costumes. Numas delas, em página inteira um *abat-jour* é a grande novidade. A própria companhia responsável pelos serviços de distribuição de energia elétrica faz o anúncio sob título “Depois de um longo dia de trabalho...”

*Depois de um dia inteiro de trabalho o senhor precisa de um repouso completo para refazer suas forças. Não lhe basta somente uma poltrona commoda e a leitura deleitante de um bom jornal. Ao contrario; a leitura sob illumination deficiente, augmentará sua fadiga, abalará os nervos cansados e enfraquecerá sua visão.*

*Mas o senhor poderá fazer uma leitura agradável e ter repouso completo com a lampada abat-jour “Pisoluz”, do General Electric.*

*“Pisoluz” foi confeccionado com todo o esmero tecnico e sob estrita observancia dos dictames da Nova Sciencia da Visão. Pisoluz é o aparelho que lhe convém.*

*Peça informações ou uma demonstração sem compromisso a qualquer de nossos auxiliares, ou telephone para o escriptorio da Cia. Força e Luz do Nordeste do Brasil<sup>243</sup>.*

<sup>242</sup> LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Companhias das Letras, 1989.

<sup>243</sup> Jornal A razão, 17setembro de 1935, p. 2.



Ilustração 10: Desenho que acompanhava reclame da Cia. Força e Luz do Nordeste do Brasil.  
 Fonte: Jornal A razão, 17setembro de 1935, p. 2.

O anúncio divulga o turno da noite como tempo propício ao relaxamento, o momento em que se poderia obter descanso da rotina de trabalho do dia. Numa associação entre a tecnologia e a saúde, e sob a justificativa do discurso científico, a iluminação é mostrada como determinante para essa atividade noturna. Uma iluminação apropriada garantiria a saúde dos olhos. O *abat-jour Pisoluz* anunciado integra-se a um ambiente representado na imagem do homem sentado em sua poltrona, vestido elegantemente e tomando conhecimento dos acontecimentos do mundo pelo jornal. Com ele, esse momento seria seguro, agradável e de verdadeiro repouso.

Ainda nesse reclame aparece o desenho de um aparelhinho chamado *visiometro*, capaz de mostrar “com precisão a quantidade e qualidade de luz necessária a cada trabalho” revelando como o grau de segurança da iluminação podia ser comprovada pelos técnicos da empresa.



Ilustração 11: Desenho que acompanhava reclame da Cia. Força e Luz do Nordeste do Brasil.  
 Fonte: Jornal A razão, 17setembro de 1935, p. 2.

Os objetos técnicos tornam-se parte da decoração dos ambientes. Ao tempo que tinham a função de facilitar as atividades cotidianas, seduziram para um modo de vida e despertaram a imaginação. Desse modo, tornaram-se objetos de desejo. Essas estratégias de propaganda ligavam-se à lógica da disciplinarização da sociedade, como métodos suaves de guiar comportamentos e ampliar a ação racionalizadora da vida, modelando os gostos e reorganizando o cotidiano a partir de experiências representativas de um novo modo de viver nas cidades.

O maquinismo que organizaria e facilitaria a vida humana nas cidades foi percebido por muitos como sinal de um futuro progressista. Os hábitos em consonância com o uso das invenções tecnológicas prometiam bem estar e comodidade, valores promulgados nos anúncios de equipamentos. Em Natal, várias empresas passaram a anunciar artigos movidos à eletricidade: na Bezerra & C. à Rua Dr. Barata n. 199, encontrava-se a venda a Machina fallante Columbia e os melhores discos; na M., & Martins e C. na Avenida Tavares de Lyra n. 102, muitos artigos elétricos, dentre os quais a máquina de costura de fabricação alemã; na Saraiva, Couto & C. vendia-se automóveis e Geladeiras Frigidaire sob o rótulo de “conforto e precisão”; na Faria e Pinheiro se anunciava a venda de lâmpadas Philips<sup>244</sup>.

<sup>244</sup> Revista Cigarra, 1928 e 1929.

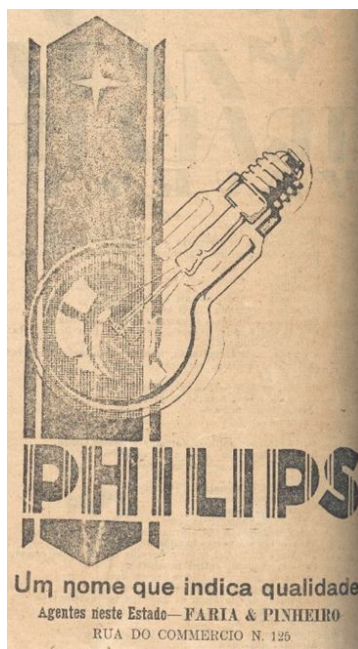


Ilustração 12: Reclame de lâmpada Fonte: Revista Cigarra 1929.

A publicidade, nesse período de rápidas transformações, “abrandava a dificuldade de adaptação causada, em parte, pela inexistência de memória e tradição referentes a práticas recentes da vida urbana”<sup>245</sup>. Mais do que atrair novos fregueses, os reclames ajudaram a educar a população para adoção de certos hábitos. Junto aos anúncios de lâmpadas, máquinas de costuras, rádios, abajures, a própria eletricidade era anunciada, ela mesma tornava-se uma mercadoria.

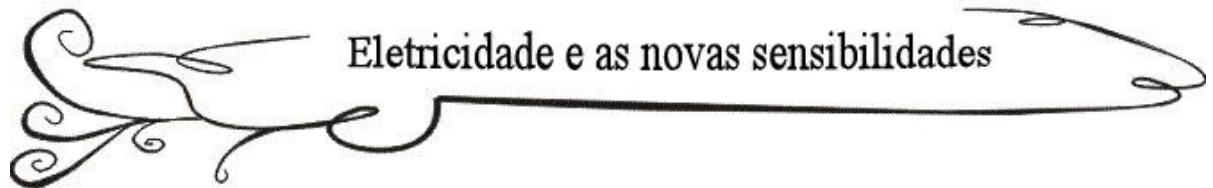
Acreditamos que esses objetos contribuíram para que a cidade ganhasse uma dinâmica da vida urbana nesses anos. Pensamos a eletricidade como um dos elementos fundamentais desse processo, que possibilitou novas vivências e apareceu associada aos sonhos de construção da Natal moderna e, desse modo, ajudou a construir o reconhecimento de uma urbanidade e a emergência de novos vínculos com a cidade.

A concepção de cidade moderna, a qual se associava, dentre outros aspectos, à introdução de equipamentos urbanos, elaboração de propostas urbanísticas e à presença de inovações técnicas na cidade, fez parte dos valores que dotaram o espaço urbano de

<sup>245</sup> PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 25.

qualidades universais e cosmopolitas. A eletricidade ajudou a tornar a cidade o núcleo central da vida moderna e as pessoas tiveram que fazer uso de novas práticas, condizentes com o estilo de vida urbano. Para tanto foi preciso a elas se adaptarem aos novos sons, cheiros, imagens, novidades que passaram a fazer parte das experiências cotidianas e produziram novas sensibilidades.

### CAPÍTULO III

A decorative flourish consisting of a long, thin, horizontal line that tapers at both ends. The left end is highly ornate with several loops and curls. The right end is also decorative, with a small loop and a tail that curves upwards.

## Eletricidade e as novas sensibilidades

Nosso objetivo nesse capítulo é entender como a eletricidade ajudou a articular novas sensibilidades, produzidas por inovações técnicas especialmente dessa dimensão, trazendo mudanças na economia, no ritmo da vida, no cotidiano, nos costumes, nos valores, na mentalidade. Mudanças que refletem na arte e na cultura de maneira geral, articulando novas percepções do mundo, influenciadas na relação entre o homem e os muitos inventos técnicos movidos por energia invisível e inodora, flexível e transmissível a longas distâncias.

A eletricidade tornou-se indispensável à vida nas cidades, como analisamos no capítulo anterior. Sua presença multiforme em vários aspectos da vida social impulsionou sentimentos de identificações com o modo de vida urbano. Esses sentimentos misturaram-se com mudanças do aparato sensorial do homem, em função da intensificação dos estímulos nervosos, peculiar ao modo de vida nas cidades modernas. É o que observamos nas reflexões de Simmel sobre a vida nas metrópoles modernas e sua capacidade de produzir experiências capazes de alterar os fundamentos sensoriais do habitante de cidade, fazendo surgir novas percepções<sup>246</sup>.

Nossas indagações foram estruturadas levando em consideração o cruzamento entre percepções e sentimentos, encantos e/ou hesitações que se apresentam como novas sensibilidades derivadas do relacionamento cada vez mais intenso, ou mesmo mais íntimo, entre o homem e a eletricidade, a partir dos inúmeros equipamentos que dependiam dessa fonte de energia.

Desse modo, tentamos seguir os trilhos de uma história da sensibilidade, buscando encontrar os vínculos da experiência humana com os sentimentos, paixões e emoções. Alain Corbin trabalhou com essa sensibilidade, elegendo, no livro *Saberes e Odores*, a percepção do olfato para cultura ocidental e a purificação de odores como parte da ascensão dos valores da burguesia, a partir do século XVIII. De acordo com o autor, nesse período odores, antes tolerados, tornaram-se insuportáveis e diversos cheiros foram

---

<sup>246</sup> SIMMEL, Georg. *Metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 11-25.



classificados como maus odores e associados à transmissão de doenças<sup>247</sup>. Noutro livro, Território do Vazio, o autor explora o sentido da visão nas transformações do relacionamento dos europeus com o mar, durante o século XVIII, quando a praia tornou-se fonte de emoções, propícia a banhos, viagens de lazer e tratamentos medicinais. O autor conta a história do desejo do espaço à beira-mar e da invenção do veraneio, analisando os sentimentos de fascínio e medo que as águas exercem sobre os homens.

Para Alain Corbin uma história do sensível busca “identificar a utilização dos sentidos que permitiu construir imagens do outro, dar forma ao imaginário social”<sup>248</sup>. Em nossa investigação esse outro é a técnica, a luz elétrica, os bondes elétricos, a paisagem noturna iluminada por lâmpadas elétricas, as atividades diárias transformadas por inúmeros equipamentos.

### **Luzes ofuscantes**

Entre fins do século XIX e início do século XX, as inovações técnicas foram introduzidas nas casas e nos espaços públicos prometendo a sensação de bem-estar e os prazeres das sociabilidades noturnas. Em estudo sobre o papel da eletricidade nas transformações da cidade de São Paulo, pesquisadores acreditam que a vida noturna, desconhecida para os paulistanos antes da eletricidade, foi

*sem dúvida a mudança de comportamento mais significativa operada na vida das cidades pela eletrificação. A conquista da noite não só permite a ampliação da produção capitalista, como aumenta o contato e os hábitos sociais. A temida escuridão noturna e o sentimento de insegurança da grande cidade são combatidos pela iluminação artificial*<sup>249</sup>.

---

<sup>247</sup> CORBIN, Alain. Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORBIN, Alain. *Território do vazio*: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>248</sup> CORBIN, Alain. *O prazer do historiador*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. Entrevista concedida a Laurent Vidal. 2005, vol. 25, n. 49, pp. 11-31. ISSN 0102-0188.

<sup>249</sup> BOAS, H. S, *et. al.* *A percepção pública da energia*: uma história cultural de São Paulo. P. 10-11. Disponível em <http://www.fphep.org.br/04.pdf>, acesso em 11/02/2009.

Iluminar as cidades associava-se à construção de um cenário de modernidade que se anunciava mundialmente desde o século XIX. Esse período foi marcado por reformas e intervenções urbanísticas e pela introdução de equipamentos e serviços nos principais centros urbanos. No caso da capital norte-rio-grandense, iluminar a cidade tornou-se uma luta incansável das elites, iniciada em meados do século XIX. Os serviços de iluminação que antecederam o uso de eletricidade não atendiam as demandas dos habitantes. Os postes com lampiões de azeite que foram “collocados com a distancia de mais de 500 passos de um a outro” não faziam mais que demarcar sombras realçadas poste a poste<sup>250</sup>.

O embate entre escuridão e iluminação inspirou a produção cultural, aparecendo sob forma de metáforas e apropriações, compondo cenários, produzindo representações de temores e/ou deslumbramentos. As novidades técnicas que invadiram a cidade com a chegada da eletricidade, bem como de outros equipamentos urbanos e reformas que se deram no mesmo período, foram assimiladas e representadas em crônicas mundanas, poemas, romances e reminiscências.

Em 1910, antes de a luz elétrica clarear as noites natalenses, a cidade e os edifícios públicos eram iluminados a gás acetileno, que havia sido considerado um grande avanço na luta contra escuridão da cidade. Nesse ano, os benefícios da eletricidade em substituição ao acetileno aparecem em torno das reformas que se realizavam no Teatro Carlos Gomes. O assunto despertou o interesse de um cronista d’*A Republica*, que escrevia uma série de colunas sobre a formação do caráter indígena, o qual desviou “sua cançada vista para a nova iluminação do teatro”. O autor questionava por que uma das autoridades responsáveis pelas reformas do Teatro, a quem ele chama de “s.s.”, teria sido a favor da manutenção do acetileno contra a proposta de iluminar o teatro com uso de eletricidade. Para ele, uma “caprichosa idiosincrasia” frente à iluminação pública e particular, lembrando que o colega s.s

---

<sup>250</sup> Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte, na sessão ordinária de 1861, pelo Exmo. Primeiro Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo Junior, em 1861. Ouro Preto, Typographia Provincial, 1861.

*extranhou que o governador mandasse accender todas as noites as salas de Palacio, serviço que aliás nada custa ao Estado, só porque, morando o collega em frente a casa do governo, offuscava-lhe a visão, causando-lhe arrepios nervosos, conturbadores, aquelles biquinhos inocentes do gaz acetylene.*<sup>251</sup>

Biquinhos de luz cintilando na escuridão habitual causavam transtornos a quem o cronista chamou de s.s. O acender das luzes ofuscava-lhe a visão. Seus sentidos ainda não estavam acostumados com aquela experiência, que a seu ver parecia perturbadora. São exatamente os “efeitos scenicos” da luz elétrica que o jornalista invoca em sua defesa desse tipo de iluminação para o Teatro, por ser mais intensa que a luz gerada a gás e ser a mais utilizada “nas casas modernas de espetáculo”.

A luz elétrica por si só era o espetáculo, atração, como se mostrou por ocasião das Exposições Universais, quando as grandes nações do ocidente se mobilizavam em torno dos avanços técnicos, montando o palco para o espetáculo da modernidade, com suas vitrines do maquinismo. Nesses eventos a eletricidade apareceu como elemento de destaque, capaz de seduzir e atrair multidões. Na Exposição Universal de 1900, em Paris, esse advento técnico foi homenageado com o famoso Palácio da Eletricidade. Na ocasião

*a eletricidade marcava presença definitiva como a nova e formidável energia a ser adotada, e o exemplo mais cabal do que era capaz a ‘fada da eletricidade’ era o Palácio das Ilusões ou Sala dos Espelhos, grande sala hexagonal revestida de espelhos e iluminada por 12.000 lâmpadas elétricas.*<sup>252</sup>

A luz feérica promovida pela “fada da eletricidade” espalhou-se pelo mundo, para além das formalidades e exibicionismos das Exposições Universais. Quebrando fronteiras e vencendo distâncias, a eletricidade tornou-se nas primeiras décadas do século XX a fonte de energia mais utilizada na iluminação das cidades e força de inúmeros equipamentos, que se tornaram parte da vida cotidiana. Em Natal, anos antes da

<sup>251</sup> O “Diario” e a luz. A Republica. 27 de janeiro de 1910, ano XXII.

<sup>252</sup> PESAVENTO, S. J. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 222.

inauguração da usina de energia elétrica, um evento ocorrido em 1908 eternizou-se nas memórias de Câmara Cascudo, como o primeiro contato seu e, possivelmente, da maioria dos natalenses com a “fada da eletricidade”, evento que ficou marcado como um susto coletivo.

Cascudo é um personagem de Natal, morador da cidade, que a vivia, a observava e fazia de sua escrita um instrumento de intervenção nos seus rumos. De acordo com Arrais, seus escritos dos anos 1920 “testemunham o início da construção do intelecto que ‘tudo sabe’ sobre a cidade, e que vai habilitar-se, progressivamente de escrever a memória de Natal”<sup>253</sup>.

Em um de seus primeiros livros, intitulado *Histórias que o tempo leva...*, publicado em 1924, o autor relembra esse susto como uma das três experiências vividas na sua infância que permaneceram nítidas em sua memória. O evento rememorado pelo autor deu-se num período em que ele começou a “ver o mundo e temer a Deus”. Sobre essa fase de sua vida escreveu guardar “tres recordações vivas, tão nitidas e reais, que o tempo, cada vez mais, as limpa e grava em minha memória: o holofote, o cinema e Pedro Velho”<sup>254</sup>.

As três referências, as quais se relacionam com transformações que estavam acontecendo na cidade naquele início de século, constroem a imagem de um mundo em transformação, invadido por inovações técnicas, por novas sociabilidades e por um novo regime político. O médico Pedro Velho esteve à frente da política do Estado de 1892 até sua morte em 1907, fundou o Partido Republicano no Rio Grande do Norte em 1889 e foi chefe da oligarquia que comandou os rumos do Estado até 1914<sup>255</sup>. Os dois outros “personagens” de suas lembranças são inovações técnicas operadas por eletricidade: o cinema e o holofote.

O autor tentou mostrar o impacto que o contato com a luz de um holofote significou para os habitantes da cidade, narrando suas percepções do fenômeno. Para tanto,

---

<sup>253</sup> ARRAIS, Raimundo (Org.). O nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal. In: CASCUDO, Crônicas de Origem: A cidade de Natal nas crônicas dos anos 20. Natal: EDUFRN, 2005.

<sup>254</sup> CASCUDO, Luis da C. *Histórias que o tempo leva...* São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1924. [Coleção Mossoroense, série C, v. 757, 1991, p. 217 – 226.]

<sup>255</sup> Sobre a continuidade política que a figura de Pedro Velho representa, conferir: BUENO, Almir C. Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal/RN: EDUFRN, 2002; BUENO, Almir C. Antologia de Pedro Velho (verbete). In: Marcos Silva. (Org.). Dicionário Crítico Câmara Cascudo. São Paulo-SP; Natal-RN: Perspectiva/FFLCH-USP/FAPESP;EDUFRN/Fundação José Augusto, 2003, v. , p. 10-12.

inicia a construção das memórias do seu lugar de moradia na infância, o qual descreve como um ambiente de escuridão e reclusão:

*Nós morávamos na rua do Commercio, num predio velhíssimo, de largas e fortes paredes de castello roqueiro. Apesar dos esforços da minha mãe, a casa conservava o ar pesado e humido de um corredor claustral. Espelhos, bibelots, perendengues e pechisbeques nas portadas e janellas, eram perfeitamente inúteis para alegrar, com o brilho das cores bizarras, aquelle ambiente freiratico de convento ou fortaleza. Eu vivia no medo perpetuo da treva e dos marimbondos.<sup>256</sup>*

A noite para “Cascudinho” se confundia com as trevas. A iluminação da cidade à época era tida como carente, ou mesmo incapaz de iluminar as noites, o que foi motivo de inúmeras queixas publicadas nos jornais desse período, conforme analisamos nos capítulos anteriores, trazendo lamentos e desgostos com relação à escuridão em que viviam os habitantes nas noites natalenses.

Alvarez tentou entender as inquietações do homem com o tempo da noite, realizando reflexões sobre a vida noturna, utilizando-se de temas da psicanálise, da neurofisiologia, da literatura e da pintura. Para esse autor, os sentidos humanos são afetados durante a vida noturna, momento em que os sons se tornam mais intensos e o tempo moroso; os espaços escuros são tomados pela imaginação, que transforma as sombras e imagens disformes. A escuridão esconde perigos: não saber o que está adiante, não conseguir ver, é como caminhar nas trevas<sup>257</sup>.

Controlar a escuridão foi uma das grandes batalhas do homem contra a natureza. Muitas foram as tentativas de dominar esse fenômeno e domesticar os seus efeitos, tendo sido a luz elétrica, para Alvarez, a conquista mais eficaz do homem nesse enfrentamento com a escuridão. O autor argumenta que na escuridão vivemos uma experiência de privações dos sentidos:

---

<sup>256</sup> CASCUDO, op. cit, p. 221.

<sup>257</sup> ALVAREZ, A. *Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos*. Tradução Luiz Bernardo Pericás. Bernardo Pericás Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

*você só conhece o que vê. O que pode ser ouvido, sentido ou cheirado, mas não pode ser visto, aterroriza porque não tem forma. Só há duas maneiras de tornar a noite tolerável: iluminando-a artificialmente ou dormindo, para desligar os sentidos<sup>258</sup>*

Lâmpadas elétricas tornaram as noites habitáveis, modificando as relações do homem com a noite e possibilitando a realização de diversas atividades nesse espaço de tempo. No entanto, assim como a escuridão, a iluminação artificial produz alterações nos sentidos: luzes fortes ofuscam a visão, confundem, podendo levar a elaboração de ilusões.

O holofote das lembranças de Câmara Cascudo causou muita confusão. O equipamento chegou a Natal com uma esquadra, de dois ou três navios, num dia em que

*A noite desceu tranquillamente. Os navios accenderam as lâmpadas. Foi um deslumbramento. Todos nós, e talvez toda a cidade, mordíamos, com o olhar faminto, a palpitação luminosa dos pharolêtes e pontas de fogo, que pintalgavam a treva. De repente um jacto de luz cortou em dois ancoradouros. Correu, lambendo o dorso verde do rio, salpicou de pedraria o bojo negro dos navios ancorados, bateu no caes, e subiu direito e sereno para o ar, zimbrando o ambiente tranquilo, ladeou a portaria das casas adormecidas, voou aos telhados e fugiu, num rasto de oiro e opala, por sobre o casario aglomerado e denso. Ficava num minuto parado, como cauda de um cometa, depois, d'um salto brusco, corria toda a cidade, em vergastadas simultaneas e scintillantes. Alongando a linha de fogo, ia aos Morros, Rocas e Areal, num brilho desusado e poderoso d'imenso diamante. Voltava, como que exausto, arrastando-se em tracejos feericos n'agua verde do Potengy silencioso.*

As impressões descritas por Cascudo em suas reminiscências com relação à inovação “scintilante” transfiguraram a cidade; a presença de um holofote jogando luzes a grandes distâncias e em movimento abalou a tranqüilidade da cidade adormecida, construiu uma paisagem distinta, recortada por pontos de luz em movimento que deixou marcas em diversos lugares, revelando os espaços por trás do aspecto sinistro da escuridão. Deslumbramento foi a sensação descrita pelo autor, com o brilho daquela luz:

---

<sup>258</sup> Ibid., p. 21.

*Foi um delírio de medo na cidade, o caos despovoou-se. A multidão correu espavorida, ullulando miséreres, estorcendo-se e pedindo perdão dos peccados, forçando, aos empurrões, puxadellas e hombradas, as portas das igrejas. Em casa o pavor era dominante. Com as velas accezas, as palinhas do ultimo domingo de Ramos, o pessoal da familia e creados ajoelhados, trêmulos, tínhamos o aspecto d'uma cidadella sitiada por uma arraçada mourisca. Só muito depois, quando meu pai regressou, é que nos fez recobrar o juízo e reatar relações cordiaes com o phenomeno.<sup>259</sup>*

A experiência rememorada pelo autor revela suas percepções em companhia das inovações técnicas que chegavam à cidade. A incompreensão relacionada àquela novidade encheu a todos de medo, desorientando a população que, assustada, deixou o local às pressas, despovoando o cais. Acendeu-se com as luzes o espetáculo da modernidade, a consciência de um mundo em transformação, a perda das referências para orientar a ação. É interessante notar que no desespero causado pelo evento, a população foi buscar a proteção divina, agarrando-se à segurança das tradições religiosas. Naquele período a vida da cidade era dominada pelos espetáculos lúgubres da religião, tendo o próprio Cascudo realizado muitos estudos sobre as festas religiosas populares<sup>260</sup>.

Outro aspecto interessante na história de Cascudo sobre o holofote é como se dá o seu desfecho. Em sua casa

*o pavor era dominante. Com as velas accezas, as palinhas do ultimo domingo de Ramos, o pessoal da familia e creados ajoelhados, trêmulos, tínhamos o aspecto d'uma cidadella sitiada por uma arraçada mourisca. Só muito depois, quando meu pai regressou, é que nos fez recobrar o juízo e reatar relações cordiaes com o phenomeno<sup>261</sup>.*

Não pretendemos afirmar que todos na cidade sentiram simultaneamente o mesmo deslumbramento ou o mesmo pavor que Cascudo, diante do foco luminoso que rasgou a cidade naquela noite. Para seu pai, e possivelmente para outros habitantes, aquele fenômeno era reconhecido, fosse como um explicável avanço da técnica e/ou arrojado sinal de progresso. Temos em mente que as transformações das formas de sensibilidades movem-se de acordo com várias circunstâncias – sexo, idade, cultura, local geográfico,

<sup>259</sup> CASCUDO, Luis da C. *Histórias que o tempo leva...* São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1924. [Coleção Mossoroense, série C, v. 757, 1991, p. 217 – 226.]

<sup>260</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

<sup>261</sup> *Ibid*, p. 225.

grupo social. Desse modo, testemunhas contemporâneas não têm exatamente as mesmas emoções acerca de acontecimentos e fenômenos. É o que se pode ver na obra do historiador Alain Corbin, de acordo com o qual é preciso tentar perceber essa complexidade, essa “simultaneidade de atitudes muito diferentes segundo indivíduos e segundo grupos”<sup>262</sup>.

De acordo com as lembranças de Cascudo, seu pai ajudou a mudar os sentimentos de alguns de seus contemporâneos (familiares e empregados da casa) com relação às luzes ofuscantes daquela máquina. As reações distintas das pessoas que estavam na casa do menino Cascudo e do seu pai, que chegou pouco depois do acender dos holofotes, evidenciam que eles não tinham a mesma sensibilidade com relação ao equipamento.

Visões das noites iluminadas foram investidas de um caráter espetacular. A promoção da claridade foi uma das tarefas prementes colocadas para a modernização das cidades européias a partir do século XVIII, principalmente, e das brasileiras a partir do XIX. As invenções técnicas que iluminaram as cidades contribuíram para fazer recuar os temores noturnos, favorecendo um maior domínio dos espaços da cidade que, sob focos de luzes artificiais, tornou-se mais controlável.

A possibilidade de uso contínuo da luz elétrica representou uma mudança na imagem da cidade, produzindo uma nova visualidade. Os postes e os letreiros iluminados alteravam as paisagens noturnas, formulando, como num passe de mágica, uma cidade distinta e sedutora. Assim, as noites deixaram de ter como única utilidade o momento de descanso, estendendo os tempos das atividades, como se o dia tivesse sido prolongado para dentro da noite.

A vida pública nos tempos das “lâmparas” era restrita aos homens. Eloy de Souza em conferência proferida em Natal, no ano de 1909, menciona que era muito raro encontrar grupos de mulheres realizando passeio pela cidade, à exceção dos dias de missa, nas manhãs de domingo. Enclausuradas nos afazeres domésticos, a escuridão das noites perpetuava ainda mais sua condição de isolamento, pois a noite facilitava o rompimento das condutas morais aceitas por aquela sociedade. Em particular, as moças mereciam cuidados especiais e, por isso, quase nunca saíam de casa. Do mesmo modo, não freqüentavam escolas, nem recebiam qualquer tipo de instrução que não estivesse ligada às prendas

---

<sup>262</sup> CORBIN, op. cit. p. 04.



domésticas, salvo algumas exceções. Sobre elas, conservava-se um clima de vigilância, especialmente nas perigosas noites da cidade, em Natal, como registrou o conferencista: “as moças dormiam trancadas pela mãe paterna, mal alumados os escuros aposentos pela chama imota de tosca lamparina escassamente alimentada por *mal cheiroso* azeite de carrapato”<sup>263</sup>.

A chegada da energia elétrica, servindo a iluminação pública e particular, além de ter contribuído com a intensificação das atividades noturnas, livrou as pessoas do mau cheiro dos lampiões e da fuligem que marcava as paredes e o mobiliário, criando um ambiente cinza e sombrio. Frente aos antecessores recursos de iluminação, que passaram desde a exploração do fogo, das velas de sebo, dos lampiões de azeite e depois de querosene, até o uso de gás acetileno (que se consolidou no uso em fogões domésticos), a luz elétrica foi uma sofisticação nas formas de controle das forças da natureza<sup>264</sup>.

A eletricidade, sendo considerada uma fonte de energia limpa, de maior nitidez e alcance, pura e inodora, contribuiu com a modernização do espaço da casa, reestruturada de acordo com os padrões de higiene e conforto difundidos à época, tendo em vista o bem-estar do indivíduo e de sua família<sup>265</sup>.

A boa casa para morar deveria primar pela funcionalidade dos cômodos, não promover riscos à saúde de seus habitantes, possuindo equipamentos sanitários e estando ligada a rede de esgotos e de distribuição de água; precisava, ainda, ter recuos laterais e janelas para circulação de ar e entrada de luz natural e possuir energia elétrica. Seria uma casa moderna, estruturada por avanços técnicos, sendo conectada a redes de serviços urbanos disponíveis. Ricardo Costa, em estudo sobre as transformações das habitações no bairro Cidade Nova, em Natal, analisou como referências do bem-viver transformaram o interior das residências nesse bairro. Para o autor, alguns objetos foram introduzidos ao interior das habitações, como o telefone e o lustre de iluminação, compondo os espaços de

<sup>263</sup> O grifo é nosso. SOUZA, Eloy. *Costumes Locais*. Natal : Sebo Vermelho, 1999 [primiera edição de 1909]. p. 18-19.

<sup>264</sup> A qualidade de inodora para eletricidade foi destacada também quando a energia elétrica passou ao lugar das mulas a frente dos bondes que corriam na cidade de São Paulo. Esses animais “significavam sujeira, mau cheiro e impopularidade junto aos passageiros”. In: MCDOWALL. Duncan. *Light: a história da empresa que modernizou o Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008, p. 120.

<sup>265</sup> Cf. : RYBCZYNSKI, Wiltord. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

acolhimento da casa. A presença desses elementos na sala de jantar reflete o elo entre a habitação e as transformações urbanas da cidade no período<sup>266</sup>.

Desse modo, redes técnicas de serviços urbanos passaram a ser citadas nos anúncios de venda e aluguel de imóveis publicados nos jornais. Em um prédio da Avenida Rio Branco destaca-se sobre um imóvel, em um anúncio de venda de 1916, que “a vista é magnífica para todos os lados, é iluminado a luz electrica e em ambos os pavimentos tem água encanada(...)”<sup>267</sup>. Em outro anúncio, esse de aluguel de um sobrado a Rua da Conceição n. 19, o ambiente é descrito como de “vastas acomodações para grande família, todo caiado e pintado de novo, tendo luz elétrica, água encanada, bom banheiro, walt, do set, etc.”<sup>268</sup>.

Qualificando as habitações, uma grande quantidade de luz natural e artificial invadiu a habitação moderna sob o julgo da saúde e da comodidade. Essa é uma das principais diferenciações entre a nova casa e as habitações do período colonial, tidas como sombrias e insalubres. A luz entrou fortemente nas casas do século XX: projetos arquitetônicos e a regulamentação das construções passaram a privilegiar a entrada de luz natural e ventilação, com a utilização de eletricidade no sistema da iluminação, construindo uma nova visualidade que comunicava as combinações entre luz e saúde. Essa visualidade luminosa no interior da casa contribuiu para mudanças no âmbito da consciência, tendo sido a luz associada metaforicamente à idéia de ciência, de progresso, de modernidade. Essa transformação da paisagem é completada por inúmeros objetos técnicos que se espalham pela casa, adornando os espaços e facilitando as atividades cotidianas.

Esse padrão de conforto apresentava-se nos anúncios de lâmpadas Edison, com intuito de convencer o público dos benefícios da boa iluminação da casa. Num desses anúncios, publicado em 1926 n’*A Republica* – de acordo com o qual as lâmpadas podiam ser compradas na Casa comercial A. de Paula Barbosa & C., situada a Rua Dr. Barata, ou no estabelecimento M. Martins & C., na Rua Tavares de Lyra – os elementos ressaltados no anúncio trazem a associação do conforto a idéia de simplicidade e praticidade do uso desse objeto, descrito como

---

<sup>266</sup> COSTA, Ricardo, J. V. da. *Habitação e modernização: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX*. Natal-RN: Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UFRN (Dissertação de mestrado). 2008.

<sup>267</sup> ANNUNCIO. *A Republica*. 17/10/1916, p. 2.

<sup>268</sup> ANNUNCIO - ALUGA-SE. *A Republica*. 8/11/1916, p. 2.

*Simples e Confortável**E' tão simples... e está ao alcance de todos ter conforto de uma boa iluminação!**Um vão d'esacada, um porão, o mais modesto aposento terá outra aparência se estiver bem iluminado.**A boa luz, além de ser um conforto, é uma necessidade.**- Porque não iluminar bem o vosso lar?**Uma casa bem iluminada parece estar sempre em festa! Bem sabeis que a luz alegre e conforta.**- Illumine, alegre o vosso lar usando lampadas EDISON-MAZDA<sup>269</sup>*

No reclame a luz elétrica possui o poder de irradiar ânimo, conforto e alegria, sentimentos diferentes das sensações apavorantes descritas por Cascudo acerca das luzes ofuscantes do holofote. Observamos nesses quase vinte anos que separam a visão daquele equipamento por Cascudo e esse anúncio de lâmpada Edison, uma dinâmica de valores e de sensibilidade. O estranho fenômeno que parecia inacreditável, de outro mundo, tornou-se simples, reconhecível e confortável como o apertar de um interruptor. Desse modo, ofuscadas, no sentido de obscuras, ficaram as casas sem luz elétrica.

**Personagens técnicos: sensações e apropriações**

A literatura brasileira do início do século XX incorporou elementos técnicos a suas construções, por vezes como personagens centrais em situações cotidianas, sendo a própria literatura, nesse momento, redefinida como técnica literária. Süssenkind, em seu estudo sobre literatura, técnica e modernização no Brasil, aponta o estreitamento das relações entre inovações técnicas e produção literária por dois caminhos: o da representação de figuras literárias dos artefatos modernos e o da transformação da produção literária em técnica. Buscamos entender essas apropriações literárias, a partir do caso de Natal,

---

<sup>269</sup> SIMPLES e confortavel. *A Republica*. 05 dez.1926, p. 4.

observando as sensibilidades vinculadas à presença da eletricidade em diversos aspectos da vida<sup>270</sup>.

Os escritores norte-rio-grandenses do início do século XX povoaram suas narrativas literárias de representações de objetos técnicos e de uma paisagem urbana em transformação. Nas crônicas que retratavam aspectos do cotidiano, as novidades técnicas despontavam como transformadores da vida social. Sevcenko, em seu estudo sobre a produção cultural na Primeira República, a partir das obras de Lima Barreto e Euclides da Cunha, menciona que os intelectuais desse período enfatizavam como exigências da realidade brasileira a propagação de um modo de vida emanado da Europa, a modernização da nação, sua integração com mundo e a elevação do seu nível cultural e material<sup>271</sup>.

Na cidade de Natal, poetas, cronistas e jornalistas que escreveram nas primeiras décadas do século XX conviveram com um movimento de intensas mudanças materiais e sociais no âmbito do urbano. Na tentativa de dar significado ao mundo em transformação, a produção cultural desse período no Brasil ganhou feições urbanizadas e tomou como objeto de representação literária o telefone, o interruptor, o fonógrafo, o rádio, o cinematógrafo, o elevador, o abajur, o bonde, a lâmpada elétrica, etc. Dar-se-ia uma valorização do mundo da máquina como produtor de uma sensibilidade moderna. De acordo com Pesavento a literatura é capaz de “conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar”<sup>272</sup>.

Em um poemeto de Aberlado Mattos, publicado na revista *Cigarra* em 10 de dezembro de 1928, intitulado “Poemetos da desolação”, o autor escreve sobre aflições que ele compara a uma “noite sem fim”. Somente com uma ida ao cinema é que ele consegue acalmar a sua angústia.

*Tenho soffrido tanto pela vida afora.  
Que a vida para mim  
É como uma noite immensa,  
Noite sem fim,*

<sup>270</sup> SÜSSEKIND, *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>271</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>272</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 10.

*Sem lugar da crença  
Que as almas revigora.*

*Sol da illusão, cheio de amor e crença,  
Que eu vivo a imaginar!  
Quando virás afugentar  
A immensidade desta noite immensa?*

*Enojado de vêr a todo o instante  
E em toda parte o fingimento,  
Entrei um dia num cinema  
Em busca de divertimento.*

*E morreu o meu nojo suffocante  
E a alma sentiu-se mais desconfranjida  
Pois encontrára menos fingimento  
Nessa força continua muda e extrema  
Do que na vida...<sup>273</sup>*

A desolação que é o tema desse poema tem seu fundamento numa vida cercada de fingimentos. No cinema o poeta diz ter encontrado menos fingimento que na própria vida. Sugerindo uma inversão dos valores, situando na “vida em toda parte fingimento”, simulação, fantasia; enquanto no cinema, que é originalmente ficção, ele observa a projeção de imagens menos simuladas que as próprias situações vividas. A vida esvaziada de suas referências converte-se em simulacro; a técnica tornou-se a transmissora de confiança, fixou os alicerces do mundo em transformação.

Meses antes de aquele poemeto ser publicado, na mesma revista, foi publicada uma reportagem sobre a abertura do Cine-Theatro Carlos Gomes, o terceiro cinema da cidade e que se tornou o favorito das elites natalenses. A notícia destacava o conforto da sala e afirmava que o novo cinema estava no nível de rivalizar com as salas de projeção das grandes cidades, sendo ele o “centro irradiador das mesmas grandes produções universalmente aplaudidas”<sup>274</sup>.

De acordo com as três lembranças de infância de Cascudo, mencionadas acima, em Natal o cinema

<sup>273</sup> MATTOS, Aberlado. Poemetos da desolação, *Cigarra*, ano 2, 10 de dezembro de 1928.

<sup>274</sup> NOVA fase do cinema em Natal, *Cigarra*, Natal, ano. 2, n. 4, p. 61, ago. 1929.

*foi um grande acontecimento. (...) Quando o dono do brinquedo aportou em Natal, pessoa alguma acreditava nos prospectos divulgados. (...) O alto commercio, a sociedade que freqüentava palacio, toda a gente foi ao cinema, no Teatro Carlos Gomes. Houve palmas, chôros, commentarios*<sup>275</sup>.

O cinema tem o poder de emocionar, de levar as pessoas para lugares distantes e em contato com vidas imaginadas e construções fantasiosas. Essas produções cinematográficas “universalmente aplaudidas” eram irradiadoras dos ideais partilhados pelos grupos dominantes, viajavam de cidade a cidade, de sala a sala incentivando a adoção de vestimentas, de condutas de vida. Seus efeitos visuais contribuíram para a educação da sensibilidade moderna.



Ilustração 1: Exibição de filme no Cine-Teatro Carlos Gomes  
Fonte: Revista Cigarra, 1929.

---

<sup>275</sup> CASCUDO, op. cit, p. 222.

As inovações técnicas atuaram decisivamente para a construção das vivências do mundo moderno e elaborações de novas percepções. Grande parte dessas inovações, como é o caso do cinema, são “derivados do fantástico mundo da eletricidade”<sup>276</sup>. A eletricidade materializada nos diversos objetos da vida moderna foi uma das musas inspiradoras da imaginação dos escritores, que povoaram poemas e crônicas com “victrolas” ou “eletrolas”, “abat-jour” e bondes.

O abat-jour, por exemplo, foi personagem coadjuvante numa crônica da J. M. Furtado, intitulada “Sugestões do silêncio” e publicada na revista Cigarra, em 1928. Na imaginação do escritor o “abat-jour aviva ao redor uma claridade de sonho...”, iluminando o amor, a moldura, a imagem, a saudade.

*No ambiente vieux-rose do seu appartement, a luz do abat-jour .  
tranquila e suave canta em surdina a canção da luz, no silencio cheio  
dela...*

*O seu retrato, diante d’ele, sorri...*

*O abat-jour multicolor cõa atravez da seda que o envolve um leve clarão  
melancolico. Espalhando ao redor uma dança de sombrinhas, esquisito  
fox-trot de fantoches impalpaveis...*

*Elle olha-a com ternura sorrindo dentro da moldura...*

*Olha-a devotamente como numa prece....*

*Beija-a nos olhos sem vida, docemente...*

*Na bocca sem calor longamente...*

*E sonha que ella repousa em seus braços...*

*O abat-jour aviva ao redor uma claridade de sonhos...*

*Olha-a nos olhos immortaes para seu sonho, na bocca maravilhosa para  
seu beijo...*

*O silencio vive do sorriso daquela bocca maravilhosa...*

*o silencio e sua ilusão...*

*Chama-a pelo nome adorado...*

*Abre os braços num gesto examine, no ar, e os braços lhe doem de  
apertar a sua saudade...*

*A sombra desce na luz que agoniza. Lá fora o vento é um lamento. Na  
sua imensa saudade, ou delirio divino de sua ilusão, é ella como o  
resquicio luminoso do abatjou que elle vê e sente ao redor de si.*

No texto o autor realiza uma personificação dos objetos: o *abat-jour* adquire uma vida própria, dialoga com a moldura, com a foto, e com todo o espaço do quarto. Ele

<sup>276</sup> GIUCCI, Guillermo. *A viagem dos objetos. História, Ciências Saúde – Manguinhos* [online]. 2001, vol.8, p. 1071-1088. ISSN 0104-5970. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a15v08s0.pdf>, acessado em 08 de março de 2009.

canta, olha, beija, sorri, produz movimentos de luzes dançantes, mantém uma relação de intimidade com aquele que o possui, resguarda suas lembranças, seus desejos, corporifica sua saudade. Em relação com esse objeto, o narrador se vê imerso numa luz que preenche a distancia da amada emoldurada.

Um mundo artificial é naturalizado nesse tipo de construção literária. Objetos de natureza técnica que, introduzidos na rotina dos habitantes da cidade, nos espaços de moradias e de sociabilidade, repercutiram no cotidiano e na transformação das sensibilidades dos escritores e tornaram-se mediadores de sensibilidades modernas. Esses equipamentos tiveram uma valorização para além da esfera utilitária, como artefatos que corroboraram com a construção de novos padrões de conforto, sofisticação e consumo e, assim teceram uma rede de relações com os valores, sentimentos e comportamentos.

Peter Stallybras, no livro *O casaco de Marx*, observa a história das relações de Marx e um de um casaco, que era usado não só para protegê-lo do frio londrino, mas como mercadoria em momentos de dificuldade financeira. Esse estudo sobre o casaco de Marx nos ajuda a refletir sobre as relações entre as pessoas e as coisas – no caso da análise de Stallybrass, entre Marx e uma peça de roupa. Para o autor, pensar os objetos apenas como fetiche da mercadoria (como valor de troca) esvazia a verdadeira mágica que eles exercem; quando fetichizados (transformadas em mercadorias), eles não tem vida.

A vida dos objetos estaria também nas suas relações com os homens. A inquietação do autor é pensar por que amar as coisas é “para nós um constrangimento”, questionando se “as coisas são afinal meras coisas e acumular coisas não significa dar-lhes vida”. Para o autor as coisas materiais absorvem significados simbólicos; nelas a memória e as relações sociais são literalmente corporificadas, assim elas adquirem uma vida social própria<sup>277</sup>.

Em crônica de Câmara Cascudo intitulada “As verdades do senhor commercio”, publicada em 1924 no livro *Joio*, o cenário de uma casa comercial é descrito pelo narrador que visita o senhor do comércio, personagem que na crônica representa a importância das atividades comerciais para a sociedade da época, comparado no texto à majestade. O lugar de onde a majestade comércio exerce seu poder, num ritmo acelerado de atividades, é

---

<sup>277</sup> STALLYBRAS, Peter. *O casaco de Marx*: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 20.



marcado por um tempo controlado e pela abundância de equipamentos elétricos. Na crônica, o narrador vai ao encontro do senhor do comércio:

*Cinco minutos. Tiniram campanhas. Correram homens sobraçando pastas. Soaram as ordens, guincharam os elevadores. Sua majestade recebeu-me. Na sua cadeira giratoria, larga e commoda, diante de uma legião de botões elétricos e de phones<sup>278</sup>*

Cenários como o do “senhor do comércio”, repletos de inovações técnicas, foram imaginados por poetas e cronistas da época. Tais construções expressam a exaltação da aplicação da tecnologia nas diversas atividades cotidianas e possibilitam o reconhecimento do mundo moderno. Parte dessas imagens metafóricas ressaltava os efeitos sonoros e visuais que esses equipamentos técnicos provocavam, isolados ou em conjunto compondo um espaço de modernidade. Por vezes eles foram representados extrapolando a posição de elemento do cenário, agindo como figura atuante nas situações cotidianas.

Do mesmo modo aparecem os personagens do poema Nocturno, do jovem escritor Lauro Pinto, publicado na revista Cigarra em 1928<sup>279</sup>. O texto reconstitui os hábitos de um homem que ama a noite, cuja vida só começa quando o sol se põe, momento em que prefere ficar em casa na companhia de sua coruja, de sua *victrola* e da própria residência,

*(...) A casa vive constantemente fechada, porque odeio o sol, e principalmente o dia. Só gosto da noite; quando o maldito astro ardente desaparece no horizonte começo a viver.*  
*(...) tenho em casa uma companheira, sem a qual era-me difícil suportar a vida. Roubei-a quando ainda nova.*  
*É linda. Tem olhos grandes e tristes... adoro-a, como adoro a noite.*  
*Ella vive feliz junto a mim, e tem o mesmo genio que o meu. Quando vem a noite, ella começa a cantar maravilhosamente.*  
*A minha companheira é uma Coruja.*  
*A casa também gosta de mim e de minha coruja; tanto assim, que quando, às vezes, abro a porta á noite, ella geme vagarosamente. É o cantico da porta. Adoro tambem esta casa.*  
*Nas noites bem escuras, sinto-me immensamente feliz. (...) ponho na victrola o único disco que tenho em casa: o “Funeral de Chopin”; e, então, fico ouvindo.*

<sup>278</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Joio*. Natal: Off. Graph d’a Imprensa, p. 13.

<sup>279</sup> CARDOSO. op cit, p. 463.

*Afinal chega a minha vez; a victrola e a Coruja ficam me ouvindo. Fico inspirado nestes momentos, e canto, com uma voz terrivelmente roucas, musicas desconhecidas que terminam sempre por um longo grito de dôr, horrivel, espectral!*

*Assim, vou vivendo magnificamente, os meus dias.(...)<sup>280</sup>*

O personagem animava-se em romper o silêncio peculiar à vida noturna, com ajuda da sua casa, da coruja e da *victrola*. Durante a noite, as percepções sonoras tornam-se mais intensas, sensações auditivas imperceptíveis durante o dia, quando a intensidade e pluralidade de sons encobrem alguns ruídos, como um ranger de uma porta, podem se tornar à noite um estrondo. Para o amante da noite, imaginado por Lauro Pinto, esses sons ajudavam a personificar seus companheiros noturnos: o ranger da porta, era percebido como um gemido, como o cântico da casa em concordância com suas emoções fundadas na vida noturna. A casa, com o ranger da porta, a coruja, com o seu canto e a *victrola*, com sua música, dialogavam entre si. A *victrola*, por exemplo, tem seu momento de tocar, mas a ela também cabe ouvir.

No poema, a casa é representada como o lugar da individualidade, do isolamento do indivíduo em si e na sua família. O personagem noturno narra alegrias e dores num universo privado. Suas práticas são asseguradas por seus objetos e sua companheira “coruja”, que lhe propiciavam o apoio e o conforto de que necessitava. A preferência pela noite pode representar uma inversão ao mundo do dia, como o mundo do trabalho, das atividades mecanizadas e uniformizadas pelo novo modo de viver na cidade que se transformava continuamente, não apenas em sua materialidade, bem como nas diversas esferas da vida social.

No poema citado, a vida noturna é experimentada a partir de sensações por vezes imperceptíveis durante o dia. Desse modo também se deram as apropriações, pela escrita, da experiência de transitar à noite na cidade, experiência que Cascudo transformou em crônica intitulada “Noite à Natal”, publicada em 1924, no seu segundo livro. O autor justifica o interesse pela noite, por influência de escritos que traziam descrições de cidades durante a noite, citando, por exemplo, o “Conto de Natal” de Dickens, escrito em 1843 e

---

<sup>280</sup> PINTO, Lauro. Nocturno. *Cigarra*, 1928.

considerado um dos textos mais divulgados da literatura universal, do qual Cascudo destaca a descrição da vida noturna em Londres, numa noite natalina. Pois bem, seguindo essas inspirações, Cascudo buscou a cidade à noite e nos apresentou um mundo estranho revelado

*Quando o sol desaparece, quando o ultimo cinema escurece, quando o derradeiro Bond se recolhe, um mundo estranho, bizarro, esquisito, enche Natal de sombra, de mysterio, de evocação. Só passam pelo ar as notas graves do sino da Cathedral. No silencio as luzes tremulam, bocejam, oscilam, emetindo clarões bruxoleantes, pondo nas paredes traços escuros, pinceladas rubras, tintas esmaecidas de quadro flamengo. Nas esquinas os pontos abrem os olhos tristes e sonolentos, os sabres luzindo fôscamente no claro escuro das estrelas. Uma dormência enche as ruas, de paz tranquilla, duma nevoa fria de esquecimento. (...) No calçamento, as pedras, os paralelepipedos branquejam. Os trilhos põem riscos d'aço no seio branco das avenidas.<sup>281</sup>*

As sensações descritas por Cascudo são de silêncio, de uma cidade que adormece depois de o último bonde seguir seu curso e encerrar sua rotina, quando a paisagem é dominada pelas luzes, que “tremulam, bocejam, oscilam” refletem nas paredes e muros das casas produzindo fantasmagorias que se movimentam com seus clarões competindo com o brilho das estrelas. O texto tem parágrafos curtos, o autor parece tentar marcar sua caminhada no texto, mantendo o ritmo das paradas a cada esquina, curva, ângulo ou som que lhe atrai os sentidos. Nesse ritmo tomado pelo silêncio, o autor imagina sons, ritmos musicais, como se buscasse sentido para o vazio que encontra nas ruas e casas tomadas pelos reflexos das luzes, assim para o autor “as casas tomam o ar de quem escuta um violoncello longiquo”. O silêncio que toma a cidade é quebrado por algumas situações, como pela última carroça ou patrulha policial, interrupções que são sentidas no texto, o qual parece ter sido construído no ritmo da caminhada, parando a cada movimento, surpresa ou som:

*ultima carroça desapareceu. Uma patrulha passa. Os cavallos, inclinando o pescoço forte, com os jamêtes finos, trotam. Os arreamentos luzem no lusco-fusco. O trote enche d'u rumor secco e persistente a quietude das ruas. Param. Os soldados interrogam, cumprimentam, dão*

<sup>281</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Joio*. Natal: Off. Graph d'a Imprensa, p. 16.

*redeas, seguem. Numa curva ouve-se ainda o cicio brando das vozes. O surdear das patas dos cavallos. O silencio cae. Meia noite. Pelos caes, o rio desliza manso, luzente, faiscando, colleando a cidade que dorme, o dorso verde arqueado como uma serpente que se espriguiça. Os barcos e botes, as catraias, balançam na cadencia rythmica das ondulações mansas do Potengy. Ao longe, lá no meio um navio dorme. O bojo silencioso, cinta bojuda e negra, o convez illuminado, pondo reflexos de pedrarias nagua corrente. Na curva extrema da terra que se destende, em cima das dunas alvadias, a fortaleza dormita, toda negra, massiça e quadrada, guardando a tres seculos, a terra pequena que se chama Natal. Caem as horas. No meio das trevas distantes o pharol pisca o olho vigilante. As arvores ornamentativas erguem quietas e tranquillias, a folhagem verde. Perpassa a ronda.<sup>282</sup>.*

O texto ganhou forma a partir da combinação de sensação e vivência, estabelecidas na experiência da caminhada noturna e no contato com efeitos das luzes que resplandeciam em todos os elementos da noite na cidade adormecida. Elas vigiavam com o olho do farol distante e com os olhinhos das lâmpadas penduradas em cada poste, fazendo a cidade brilhar, destacando elementos e ornamentando a noite. Essas luzes eram a vida noturna, eram elas que estavam em atividade enquanto “o povo dorme, fatigado”. Nesse passeio pela vida noturna o cronista encontra-se também com a natureza no interior da cidade

*Ha, pelo ar, um som vago, extranho como um gemido, ha pios de aves extranguladas, depois de uma dormência sobe pelo ar e pelas lufadas de vento, as folhas seccas vão rodopiando. De linha nobre, altivos, eretos morros dormem como gigantes cançados. Estrilla o apito. Silva ao longe outro respondendo. (...). Cessam os trilhos. Morpheu estende mais as azas da misericordiozas. Muito ao longe, quase imperceptível, sóa um violão. Depois uma voz garganteia. Rodam as folhas. Passa o vento. O silencio cae. Um tropel, um vozear confuso, um estridor de gargalhadas, um resfolegar afflictivo de pulmões cançados vem até nós<sup>283</sup>.*

O cantar dos pássaros e o movimento sonoro das folhas secas são percebidos junto aos sons de um violão distante. Não se sabe ao certo de onde surgem esses sons: eles estão pela cidade, resultam da natureza e das atividades dos poucos homens que se mantêm

---

<sup>282</sup> Ibid, p. 17.

<sup>283</sup> Ibid, p. 18.

acordados por gosto ou por trabalharem na companhia da noite. O cronista observa que na medida em que o dia se aproxima, a intensidade dos sons aumenta, a cidade vai sendo tomada por um rumor que encerra a calma da noite, dando lugar à agitação do dia, quando “apagam-se as fichas luminosas das lampadas. Sacolejam-se, no calçamento, as primeiras carroças”<sup>284</sup>.

Os dias foram também inundados de sensações fundadas na relação com inovações técnicas. Naquele início de século, os dias na cidade de Natal tornaram-se continuamente mais barulhentos, mais agitados, mais acelerados. Os céus foram cortados por aviões; as ruas riscadas pelos trilhos dos bondes elétricos, ornadas por fios e postes de iluminação, do telégrafo e do telefone; as tradicionais carroças disputavam espaço com bondes, automóveis, motocicletas e bicicletas. Tais mudanças nas formas de deslocamento dos homens e mercadorias e nos meios de comunicação estimularam o arrebatamento pela sensação de movimento. No turbilhão de vai e vem desses equipamentos a cidade e as pessoas pareciam mover-se incessantemente.

O movimento da Avenida Tavares de Lyra é descrito em crônica de 1926, intitulada “A Psychologia da Avenida Tavares de Lyra”. Considerada uma das principais avenidas da cidade, nela se localizavam muitas casas comerciais, algumas já mencionadas neste trabalho, a exemplo da *Alfaiataria Lettière & Fulco*, que anunciava produtos estrangeiros; a *Agência Ford*, a qual oferecia eletrodomésticos da *Electrolux*, telefones e vitrolas *Victor*; a casa *M. Martins & C.* que comercializava lâmpadas *Edison*, eletrodomésticos e pianos; a loja *Secção Mundos*, anunciante de máquinas de costura; e a *Saraiva, Couto & C.* que vendia automóveis e seus acessórios, além de possuir também um Posto de Serviços *Chevrolet* para conserto de veículos e comercializar, ainda, geladeiras e baterias para rádio. Além das lojas, essa avenida possuía pontos de bonde e estação de telégrafo, e havia sido ornamentada com *ficus-benjamim*. Com esse aspecto a Tavares de Lyra foi considerada um dos locais mais elegantes da cidade. De acordo com o cronista ela

*É uma avenida que exprime a alma tumultuaria do bairro: Ribeira.  
Ha de tudo nesse avenida. Desagua no Potengy, de cujo caes se admiram  
os poentes.*

---

<sup>284</sup> Ibid, p.18.

*Tem a moderna gracilidade do "figus-benjamim", contrastando com as velhas linhas colonias de seus edificios.*

*Enfileiram-se, num continuo aspecto de solennidade, os nossos pouco mais de cem automoveis, em disparidade com as carroças e vehiculos inferiores que tambem por ali transitam.*

*Avenida de festa e de trabalho. Cortam-na ainda os bondes promiscuos, isso é, sem distincão de classes.*

*Desfilam jornalistas e jornaleiros.*

*Senhoritas gentis fazem o seu costumado passeio pedestre, rapido, fugido, enquanto penetram a casa de modas ou verificam, de relance, o movimento do ancoradouro. E, enquanto enchem de graça as calçadas e avenidas, aias de toda feição também fazem, o seu "footing"... A "Avenida Tavares de Lyra é bem a avenida democrática"...*<sup>285</sup>

A avenida apresenta-se ao cronista como espaço múltiplo, aonde as pessoas iam para comprar inúmeros itens, as mulheres iam passear e saber as novidades da moda e olhar o movimento do ancoradouro, onde também se fazia o *footing*. A avenida, como o bonde, era espaço de todos sem distinção, espaço de trabalho e de festa, e, principalmente espaço de movimento, onde as pessoas, independente das motivações, transitavam, passeavam, andavam a pé, de bonde, de carroça, de automóvel.

As impressões sobre o movimento da Tavares de Lyra demonstram como a vida na cidade tornou-se mais complexa e agitada. Toda essa diversidade de atividades e possibilidades de deslocamentos transformou o ritmo das atividades cotidianas. Os poemas do natalense Jorge Fernandes, em seu único livro intitulado "Livro de Poemas", cuja primeira edição é de 1927, perpassam pelas novas sensibilidades provocadas na relação com inovações tecnológicas presentes no espaço. O poeta tentou dar sentido às experiências vividas na cidade em transformação, enfatizando as emoções e percepções envolvidas, a exemplo da experiência da velocidade que anima o poema a seguir:

*Ligo a chave propulsora dos meus nervos  
Pra melhor sentir toda a emoção que me rodeia...  
Que vontade de produzir sonetos...  
Trancar-me nos quatorze versos  
E berrar sonoridades aos quatros ventos  
Pra sensibilizar os românticos...  
Mas o diaxo do ganzá das ruas me pertuba...  
Jazibande de uma figa! Que doidice*

<sup>285</sup> LUCANO, A Psychologia da Avenida Tavares de Lyra. *A Republica*, Natal, 24 jan. 1926.

*De vai e vem de overlandes, buíques e chevrolés...*

*- Ó do cassitete – pára este clube carnavalesco  
 Que estamos na quaresma! Eu sou grande poeta  
 De mil oitocentos e noventa e tantos...  
 Trago a imaginação milhares de sextilhas  
 E uma miríade de sonetos...  
 Quero cantar os prós homens... fazer a apologia  
 De Gutembergue – do incêndio de Roma – das aventuras  
 De Dom Quixote –  
 Passam bufando motocicletas e os bondes chiando as rodas nos  
 trilhos...<sup>286</sup>*

O poema revela o êxtase promovido pelas sensações de movimento que arrebatavam a cidade e seus habitantes. A realidade urbana apareceu associada a equipamentos, revelando o automatismo da vida cotidiana, que identificaria os habitantes com máquinas, percepção da qual parte a sua primeira estrofe – *Ligo a chave propulsora dos meus nervos*.

No poema, os bondes, as motocicletas e os automóveis dominam a cidade, que é conquistada por roncões e pela fumaça dos motores. A agitação advinda do vai e vem dos meios de transporte pelas ruas é comparada ao êxtase do carnaval, e descrita como perturbadora, levando o poeta a buscar referências na tradição. Em meio a tantos sons que vem das ruas, ele tentava pensar sobre textos clássicos da literatura universal, sem êxito frente à impossibilidade de ignorar o mundo ao seu redor.

O poeta metaforizou alguns aspectos da vida citadina de sua época, elaborando uma poesia considerada modernista, cujo ritmo e a forma foram redefinidos pela “renovação da sensibilidade do vivido”<sup>287</sup>. Jorge escreveu inspirado nas novas experiências que se apresentavam de forma diversa aos seus olhos e ouvidos, promovendo sensações contraditórias, que figuravam entre maravilhamento, sedução, mas que muitas vezes estampavam estranhamento e perturbação.

As contradições e a pluralidade de sensações entrelaçadas na dinâmica de valores da sociedade natalense da época pode ser refletida a partir de inúmeras queixas, notas de acidentes e crônicas que foram publicadas nos jornais locais relatando várias

<sup>286</sup> FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas*. 4º ed. Natal: EDUFRN, 2007.

<sup>287</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1955, p. 279-290.

situações, nas quais o bonde elétrico aparecia como principal protagonista. Percebemos que sobre esse equipamento, que inicialmente é traduzido como símbolo do progresso, vai sendo projetada uma imagem de decadência, de velhice, de um passado preso aos trilhos.

### **Bondes elétricos: sensibilidades e dinâmica de valores**

O bonde foi o primeiro serviço de transporte urbano e sua chegada foi narrada como a materialização dos valores da modernidade da época, provocando mudanças na sensibilidade da população, enredada que estava pelo fascínio exercido por uma das vedetes da técnica, a velocidade. Eles começaram a fazer barulho pela cidade de Natal no início do século XX. Foram, em sua maioria, ruas sem calçamento e iluminadas à noite parcamente pelo gás acetileno (em funcionamento desde 1905) que acolheram, em setembro de 1908, os bondes puxados à tração animal. Os burros foram trazidos de Belém do Pará pelo engenheiro Sá Barreto, da firma Valle Miranda & Domingos Barros, a mesma responsável pelos serviços urbanos de iluminação. Esse transporte favoreceu como primeira linha o percurso entre os bairros Cidade Alta e Ribeira, percorrendo o trecho da Rua Doutor Barata, na Ribeira, à Praça João Maria, na Cidade Alta<sup>288</sup>.

Trilhos e bondes fizeram parte da paisagem da cidade e do cotidiano de seus habitantes por mais de três décadas. Porém o tempo dos burros puxando os bondes sobre os trilhos foi curto em Natal: a força animal foi dispensada em 1911, quando o bonde passou a ser impulsionado por energia inanimada, tornando-se, assim, elétrico. Nesse ano, antes da inauguração dos bondes elétricos, o repórter Til relatou uma conversa com um dos chefes da Empresa Melhoramentos de Natal, o Sr. Domingos Barros, durante um passeio no bonde puxado a tração animal. Na ocasião lhe foi perguntado “quando viriam os bonds elétricos, tão ansiosamente esperados pela população progressista d'esta sympathica Natal?”.

Satisfeito ficou o repórter em saber que os prazos previstos para a inauguração dos desejados *elétricos* estavam confirmados. O Sr. Barros informou na ocasião que esperava a chegada dos equipamentos para a construção da linha de bondes, elétricos que haviam sido importados da Europa, para que em seguida viessem os profissionais

---

<sup>288</sup> FERRO Carril do Natal. *A República*, 17 de junho de 1908.



contratados para executar a obra. Terminado o diálogo, Til e Barros seguiram no bonde, “embalados por essas formosas perspectivas” até a Avenida Rio Branco (no bairro Cidade Alta), de onde continuaram o passeio admirando a cidade:

*O bond voltou. Mas a tarde estava tão bella, que não pude fugir ao desejo de vê a Cidade nova, esse novo bairro de nossa terra que será, com os bonds, um dos pontos predilectos da sociedade chic da nossa pequena urbs. Como vai ser linda a nossa Natal!*<sup>289</sup>

Para o cronista, o passeio pelo bonde proporcionava o espetáculo da cidade que se modernizava. Ele parecia confiante nas inovações técnicas esperadas, que transformariam o bonde puxado à tração animal em bonde elétrico, uma tecnologia que ajudaria a confirmar o panorama de transformação material e simbólica da cidade. Para ele, os bondes e o bairro Cidade Nova, fruto da primeira grande intervenção no espaço urbano de Natal realizada nos primeiros anos do século XX, planejado com largas avenidas em retícula direcionadas aos ventos dominantes, fariam de Natal uma linda cidade, fariam de Natal uma urbe “chic”<sup>290</sup>.

A exaltação da técnica, a racionalização do espaço da cidade e o deslocamento do tempo, tendo como foco de interesse o futuro, são valores da modernidade incutidos na escrita do jornalista. Ele escreve ansioso com a espera da nova tecnologia e entusiasmado com as transformações da cidade, relatando suas sensações na tarde em que fez a entrevista, para ele uma “tarde tão bella”. As sensações descritas vinculam-se a uma dinâmica de valores da modernidade natalense, tendo em vista as estruturas materiais e mentais, do qual bonde e cronista faziam parte.

Em 1911, publicou-se n’A *Republica* que a capital norte-riograndense estava conhecendo uma “poderosa teia do progresso, sempre forte, sempre veloz”<sup>291</sup> tecida pelos melhoramentos na cidade. Essa teia era a eletricidade, um dos grandes sinais do progresso técnico da humanidade. O entusiasmo dos repórteres com as perspectivas futuras da cidade,

<sup>289</sup> TIL. *Notas de um reporter*. A *Republica*, 12 de janeiro de 1911, p. 1.

<sup>290</sup> Conferir: ARRAIS, R.; ANDRADE, A.; MARINHO, M. *Op cit.* 2008.

<sup>291</sup> A REPÚBLICA, 1911. Citado por COSTA, Madsleine L. da. Quando a modernidade vinha de bonde. p. 113.

que estava por receber a eletricidade, deu contorno ao clima festivo que marcou a chegada desse advento da técnica e do bonde elétrico, como já mencionamos.

As comemorações irradiavam otimismo. Na ocasião quatro bondes ficaram à disposição dos convidados, conduzindo-os até o Palácio do Governo. O serviço de bonde e o de iluminação pública celebrados atingiam um pequeno trecho da cidade, o qual, segundo uma nota publicada em um jornal pela empresa Melhoramentos de Natal, correspondia “somente da avenida Rio Branco à Ribeira”.

Foi planejado inicialmente para o serviço de transporte urbano o número de oito carros. Em 1912, já havia cinco bondes elétricos em tráfego, descritos pela empresa responsável pelo serviço como “sólidos, confortáveis e possantes, providos de aparelhos elétricos os mais modernos, e profusamente iluminados”<sup>292</sup>. Essa descrição dos bondes evidencia elementos emblemáticos da modernidade urbana daquele início de século. Um passeio pelo bonde materializava os valores da modernidade, descritos pelas sensações de força, conforto e luminosidade.

As relações entre as pessoas e as inovações fizeram emergir novos hábitos e novas sensibilidades. Mesmo os que não tinham acesso por meio da leitura aos ideais do mundo moderno publicados diariamente nos jornais locais, passaram a conviver com inovações como o Bonde, que com seus roncões e solavancos descia e subia as ladeiras das ruas tortuosas da velha cidade. Difícil saber os sentimentos dessa maioria da população, que não deixou muitos registros sobre sua atuação na cidade e acerca dos quais pouco se escreveu. Porém, acreditamos que as experiências do mundo moderno foram compartilhadas, possibilidade que conjecturamos pensando no contato e utilização dos bondes elétricos, influenciando a elaboração de um imaginário de modernidade nos habitantes da cidade sem distinção de classe. Pois, lembramos que durante décadas os bondes foram o único meio de transporte urbano de Natal, sendo relevado em várias matérias de jornal o seu caráter democrático.

No entanto, sabemos que analisamos aqui a escrita de um grupo da sociedade que tinha acesso aos meios de comunicação locais, e estamos conscientes de que suas crônicas e matérias não revelam as sensibilidades de toda a população, a qual, sugerimos, teve que se acostumar com as várias novidades do mundo moderno – a exemplo do bonde.

---

<sup>292</sup> A REPÚBLICA, 1912.

Os habitantes da cidade experimentaram as sensações de percorrer as ruas numa vertiginosa velocidade para a época, que se dava em torno de 20 km por hora, vivenciando experiências de aceleração do tempo e diminuição das distâncias que ajudaram a compor as sensações de modernidade, as quais fizeram parte do viver nas cidades do início do século XX, em acelerada transformação urbana.

Os efeitos da aceleração do tempo e diminuição das distâncias foram teorizados por Harvey como experiências que alteraram as concepções de tempo e espaço. O uso de inovações tecnológicas e de novas fontes de energia em serviços urbanos, bem como todo um arsenal de equipamentos e inovações técnicas que invadiram a vida diária, estão entre os fatores responsáveis pelo que David Harvey analisa como uma compressão tempo-espaço. A estes ele associa também perturbações relacionadas à perda de identidades numa época de rápidas “transformações das práticas espaciais e temporais”<sup>293</sup>.

Essa aceleração do ritmo de vida em Natal, característica do mundo moderno, deveu muito aos trilhos, postes, cruzetas, ao movimento e sons dos bondes, que materializavam as sensações do mundo moderno. Sensações que foram traduzidas em crônicas publicadas nos jornais locais, a exemplo da escrita por Francisco Antônio que, entusiasmado, deu ao bonde a função de alma e de pulso da cidade. Por isso, ele desejava que

*os dias fossem longos e as noites (...) intermináveis, para gosal-os nesses veículos, bons ou maos (que importava?) contando que estivesse a cada momento e a cada instante vendo e em contacto com toda a cidade, com todos os seus habitantes, com os que viessem de perto ou de longe. (...) Uma cidade sem bond é uma cidade sem vida, porque o bond é a alma das cidades. (...) O bond acolhe a todos sem distinção de classe, de côr, ou de politica. (...) o bond, além da alma, é o pulso das cidades: pelas ruas percussões, isto é, pelo movimento dos bonds advinha-se os estados de excitação ou depressão em que ellas se encontram. (...) Não! Uma cidade não pode existir sem o seu bond. Nem sei como podemos viver tanto tempo sem elle! (...) Dentro em pouco, os bonds serão inindicados como um dos mais efficazes agentes therapeuticos para as molestias do systema nervoso. [...] Oh! A ideia de que elles abreviam as distancias e nos levam, commodamente, facilmente, aos nossos lindos arredores (...)*<sup>294</sup>

<sup>293</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 185-290.

<sup>294</sup> ANTÔNIO, Francisco. *O bond*. A República. 23/9/1923, p. 1.

Para o cronista, o bonde assumiu um papel preponderante para a população da capital. Ele ditava o ritmo da cidade, promovia novas sociabilidades, sendo local de encontro entre as pessoas: independente de distinção social ou racial elas seguiriam lado a lado, cada uma com seu destino no mesmo itinerário pelas ruas de Natal. Ruas que se tornaram espaço de admiração, que ao serem percorridas de bonde proporcionavam às pessoas o deleite das paisagens. Para o cronista, essa inovação era capaz de modificar os nervos, de alterar o humor e as percepções da cidade e de seus habitantes. O bonde produziu uma intensificação dos sentidos, importante na composição de um imaginário sobre o papel das inovações técnicas na cidade.

Com entusiasmo, o cronista afirmou não se importar se esses veículos eram bons ou maus. Quais motivos o teriam levado a escrita dessa assertiva? Podemos supor que essa ressalva fazia referência a uma série de outras matérias publicadas nos jornais locais, contendo queixas, reclamações e desgostos vinculados a esse meio de transporte. Os bondes, durante o tempo que estiveram em funcionamento em Natal, inspiraram não só crônicas entusiasmadas, mas também muitas queixas.

Os atrasos e acidentes envolvendo os bondes construíram um ambiente de desconfiança e esses equipamentos passaram a ser acusados de “indecentes e imprestáveis que ainda se arrastam, mercê de Deus, (...) não merecem a menor confiança”<sup>295</sup>. A empresa responsável pelos serviços, constantemente responsabilizada pelos acidentes, era acusada de incompetência e de demonstrar maior preocupação com o embelezamento da infraestrutura dos serviços elétricos, que com a segurança que essa deveria oferecer aos usuários:

*A empresa do sr. Valle Miranda, que por ahi chamam de Melhoramentos, há dias entendeu que devia pôr, na linha de Monte Petrópolis, uns postes originaes: eram os trilhos velhos, todos estragados pela ferrugem, porque esta é um facto poderoso no progresso da terra.*

*Resultado: os trilhos não agüentaram o peso do arame e, si por um milagre alli não elle se sustentar, temos um verdadeiro ‘perigo emminente’ ameaçando de morte bondes, passageiros e tudo. Viva o progresso!*<sup>296</sup>

<sup>295</sup> A Imprensa, n. 531, p. 01, 1916.

<sup>296</sup> Diário do Natal, n. 4.473, p. 01, 1912.

Revela-se uma outra face do progresso. O risco de acidentes tornou-se real, espalhando pânico e a sensação de insegurança para os que utilizavam os bondes nas condições de abandono e precariedade em que se encontravam a infra-estrutura que os movia. Nesse contexto, o jornal o intitula de “ex-bonde”:

*Ainda rola pelos trilhos gastos e cahidos da linha do tyrol, é uma calamidade, que nem o diabo, (...) se lembraria de mandar a esse mundo sub-mar. (...) machina infernal, que despara toda a vez que a triste, (...) e gemebunda caranguijola, tem de fazer alto, e, em desparada todo elle se agita numa trepidação horrível que saccode os nervos mais sadios (...)*<sup>297</sup>

O bonde é descrito como máquina infernal; a velocidade e a trepidação com que se movimentam em disparada pela cidade promovem perturbações, sendo responsáveis por uma agitação dos nervos. Tais percepções, ao lado dos vários acidentes notificados nos jornais locais, revelaram a presença dos perigos do bonde, capaz inclusive de retirar vidas, denunciando um “caráter quase sanguinário do novo meio de transporte”<sup>298</sup>. Assim, aquilo que tanto seduzia passou a suscitar emoções contraditórias. Continuou a ser visto como essencial durante anos e, nem mesmo em situações em que foi protagonista de assassinatos, o fim de seu correr pela cidade foi pensado. Pelo contrário, nesses momentos extremos a necessidade de melhorar os serviços foi exaltada, com reivindicações de que garantissem segurança aos passageiros.

Queixava-se com relação à falta de educação ou imperícia dos condutores, o descumprimento dos horários divulgados, a falta de manutenção, as constantes falhas técnicas e acidentes, por vezes fatais. Essas queixas são reveladoras dos valores buscados pelas elites; o descumprimento dos horários rompia com a racionalização da vida cotidiana e as falhas técnicas inspiravam a desconfiança. De acordo com Giddens, a modernidade é um fenômeno que envolve confiança e risco: as inovações técnicas fazem parte de sistemas de funcionamento desconhecidos para a maioria da população que faz uso delas – pensando no bonde elétrico –, mas um conjunto de eventos ou resultados produz confiabilidade

<sup>297</sup> A Imprensa, n. 530, p. 01, 1916.

<sup>298</sup> ROCHA, Amara. Op cit, p. 13.

nesses sistemas, pois a “experiência da segurança baseia-se geralmente num equilíbrio de confiança e risco aceitável”<sup>299</sup>

Esse “ambiente de risco” aparece nos eventos narrados por jornais da oposição ao governo, por exemplo, o *Diário de Natal*, que noticiou vários acidentes com os bondes, sobretudo choques e atropelamentos desses equipamentos que se movimentavam pelas ruas da cidade “em vertiginosa disparada sem dar pelo *break*”<sup>300</sup>. Desde a inauguração dos serviços de transporte que a ocorrência de acidentes ganhou espaço na imprensa local. Por exemplo, uma notícia de março de 1912 sobre um choque entre dois bondes na Avenida Sachet atribuía tal fato “à imperícia do motorista Severiano”. Por isso, afirmava o jornal, não era prudente confiar esta função a “empregados que não têm a precisa prática e que, em ocasiões tais, não sabem fazer uso do guarda freio automático que têm os veículos”.

Em maio do mesmo ano, também na Ribeira, no início da tarde, o popular Francisco Jacú cruzava a rua quando foi alcançado pelo bonde, tendo o corpo esmagado. Quanto às testemunhas, “uns disseram que estava bêbado, outros que era surdo”. A notificação de acidente foi intitulada de “Lamentável desastre”, indicação com a qual o texto começa a narrar o incidente:

*(...) ocorreu um lamentavel desastre na Rua do Comercio, sendo a nota dos comentarios da cidade. Foi um esmagamento de um popular pelo tramway da Empreza de Melhoramentos, que fazia um trafego do Circuito Central. O motorista (...), que os guiava, pouco depois de transpor a curva da rua do Comercio com a avenida Augusto Lyra, em frente a mercearia de M. Machado e Companhia, avistou o popular Francisco Jacú que, alheio ao perigo que o ameaçava, surgia sobre o bonde, do beco situado entre o escritorio da casa Julius Von Sohsten e a Inspecoria de Obras e Secas. O motorista empregou todo esforço para deter o veiculo (...) foi absolutamente impossivel dar o tempo a contra corrente só podendo parar o bonde quando Jacú tinha sido já alcançado pelas rodas e jazia, sem vida, com varias partes do corpo completamente esmagadas<sup>301</sup>.*

<sup>299</sup> GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 43.

<sup>300</sup> O BONDE. *Diário de Natal*, n. 4.209, 13 de junho de 1911, p. 1.

<sup>301</sup> A Republica, ,n. 29, p. 8, 1912.

O mau funcionamento ou imprudência na condução resultavam em acidentes. A sensação de que de repente o bonde podia surgir numa esquina e causar um desastre promoveu a modificação das percepções das pessoas ao caminhar pela cidade. Elas tinham que reaprender a andar por ela, tendo em vista que agora existiam espaços distintos para pedestres e os meios de transporte.

Os bondes propiciavam aos indivíduos a experiência da velocidade, consideradas altas para a época. Podiam confundir os sentidos e colocavam a vida dos passageiros e passantes em risco, afetando, assim, as imagens que os cronistas construíram sobre tais equipamentos, misturas de medo ou fascínio, necessidades de entendimento, de reconhecimento das mudanças de concepção sobre o mundo. De acordo com Amara Rocha foi comum a

*incidência de representações contraditórias quanto aos elétricos. Se por uma lado havia a atração pela novidade tecnológica que eles representam como ‘heróis’ da modernidade, (...) capazes de proporcionar uma vida mais cômoda, dinâmica e veloz, por outro, existia a repulsa generalizada (...) aos perigos desta modernidade, cujo contato cotidiano poderia causar a morte e o flagelo*<sup>302</sup>

Os riscos envolvidos com o movimento dos bondes na cidade o levaram às seções policiais das páginas dos jornais. Em matéria do jornal *A Republica* intitulada “*Factos policiaes*”, publicada em 1936, relatou-se que o “O bond pegou um caminhão” nas ruas do bairro do Alecrim, deixando o mesmo bastante danificado<sup>303</sup>. Percorrendo da primeira página do jornal, sendo noticiado como símbolo do progresso, às seções policiais publicadas entre as últimas páginas, o imaginário em torno desse equipamento urbano ganhou novos contornos ao longo das três primeiras décadas de sua presença na cidade. Nesse tempo, é como se o bonde tivesse envelhecido, perdido as forças e o vigor da juventude. Como escreveu o cronista Danilo, o bonde seguia a “marcha reduzida”: levando seu excesso de lotação, ele havia perdido a “vontade de chegar”<sup>304</sup>. Isso quando eles não pulavam dos trilhos, como no incidente narrado em matéria do jornal de 1937:

<sup>302</sup> ROCHA, *Op. Cit.*, p. 13.

<sup>303</sup> FACTOS Policiaes. *A Republica*, 22 fev.1936. p. 8.

<sup>304</sup> DANILO. *No bonde.... (socioes)*. *A Republica*, 28 de agosto de 1937, p. 12.

*Hontem, por volta das 13 e meia horas, no cruzamento da avenida Rio Branco com a rua Ulysses Caldas, ocorreu ligeiro accidente com um electrico da Companhia Força e Luz, da linha Alecrim Caes do Porto. O bonde (...) ao approximar-se da parada localisada no trecho acima referido, não obedeceu ao freio commum. Temendo utilizar-se do freio electrico, que considerava perigoso, o motoneiro tentou fazer a curva que dá para a rua Ulysses Caldas, com a marcha regular, sendo porem mal succedido, pois o vehiculo cahiu fóra dos trilhos fazendo, ainda sobre o calçamento um percurso de cerca de seis metros. Felizmente, não houve victimas. O occorrido provocou apenas grande ajuntamento de curiosos, interrompendo o trafego por alguns instantes.*

A identificação do bonde elétrico com situações de perigo colaborou com a elaboração da representação do bonde velho, associando-se a figura do velho a do imprestável e defeituoso, que aparece em outras crônicas do cronista Danilo. Em 1937, ele escreve mais uma vez sobre os serviços do bonde e, ao se colocar em primeira pessoa, se junta aos que precisam dos velhos bondes cotidianamente:

*Estou entre os muitos que padecem as consequencias de um serviço de transporte que não mais se justifica. Ando tambem pendurado nos estribos dos bondes, pago as passagens carissimas por pequenos percursos, espero com ou sem paciencia os bondes do Tyrol e Petropolis, aguento a falta de pratica dos cobradores, evito, como os demais passageiros, que as senhoras e creanças caiam dos bondes, arrisco, afinal a minha vida nos postes dos meios de rua ou nos bondes sem freios. (...) O argumento principal que se apresenta contra a melhoria do nosso serviço urbano de transporte é o de que o movimento de passageiros não compensa. Não temos mais do que uma duzia de bondes velhos, sem freios, desconcertados, alguns imprestaveis<sup>305</sup>.*

Em meio a tantas acusações, destacamos uma matéria que acusa o bonde de Natal como o “mais defeituoso de todo o Brasil”<sup>306</sup>. O bonde ficou lento. Sensações de lentidão e perdas de força figuraram nas percepções que construíram a imagem de seu envelhecimento. Essa imagem aparece forte em uma das primeiras matérias de jornais que deixaram de pedir reformas e melhorias ao relatar as inúmeras queixas, passando a reivindicar o fim do movimento desses veículos, ou um fatal “STOP” como foi publicado

<sup>305</sup> DANILO. *Cada vez pior... (sociaes)*. A república, 7 dez. 1937, p. 12.

<sup>306</sup> MAIS UMA "BÔA" DA CIA. FORÇA E LUZ. A República, Natal, 16 jan. 1935, p. 1.



n'A *Republica* em 1935, referindo-se aos bondes como “cacheticos” e “rheumaticos” que “de hora em hora, vão se arrastando melancolicamente” pelos bairros da cidade,

*Porque não substituem, logo nas placas, esses titules dynamicos, que significam movimento, vida, lucta, força, trabalho, dever, ir e vir - a cidade cheia de progresso e de actividades amnimadas -, porque a "Força e Luz", não põe o seu fatal STOP, com que atormenta a capital, nas tabolêtas dos seus quatro bonds gottosos?*<sup>307</sup>

A cidade moderna aparece atormentada com os problemas de transportes, tendo o bonde como um dos principais protagonistas. De acordo com outra matéria d'A *Republica*, assinada por Waldemar Araújo, existiam de oito a dez desses protagonistas arrastando-se letamente pela cidade, mas, segundo ele, alguns já mereciam “integral repouso”, vítimas do crescimento da cidade, do aumento da demanda e falta de manutenção. O sistema foi envolvido em inúmeros eventos que abalavam a confiança dos que dele dependiam<sup>308</sup>.

Desse modo, em Natal o bonde elétrico foi sendo desvinculado do mundo moderno, deixando de ser representativo do progresso, de ser aquele que seguia vertiginosamente para o futuro. O bonde foi envelhecendo e ganhando lentamente seu lugar no passado. As mudanças de percepção e atitude com relação ao bonde elétrico inserem-se numa dinâmica de valores da modernidade; elogios e queixas, ambos integraram o escopo de reflexões e sensibilidades acerca da vida na Natal que se modernizava no início do século XX. Fortes, quebrados, sem freios, rápidos ou lentos, novos ou velhos, os bondes elétricos ajudaram a configurar os valores da vida urbana moderna.

O ambiente citadino que serviu de inspiração para os poemas, crônicas, memórias e queixas aqui referenciadas, aparecem estruturando um panorama de deslumbramento, aventuras e sedução, mas, ao mesmo tempo, abundante em perdas e frustrações. Marshal Berman analisou as contradições das percepções mundo moderno,

<sup>307</sup> CLAMA NE CESSSES. A *República*, Natal, 12 jul. 1935, p. 2.


<sup>308</sup> ARAUJO, Waldemar. *Afinal, quem é a vítima?*. A *República*, Natal, 7 ago. 1935, p. 8.

mostrando que elas são alicerçadas em torno de novas experiências de tempo e de espaço que estruturam as vivências da modernidade<sup>309</sup>.

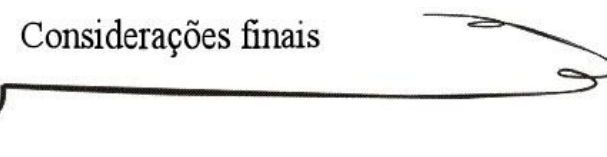
As sensações fundadas no confronto com equipamentos movidos por eletricidade, lâmpadas e bondes, dentre outros elementos que foram novidades em Natal nas primeiras décadas do século XX, deram-se a partir da relação entre dados objetivos (contato com inovações do ritmo de vida na cidade) e percepções subjetivas (reconhecimento por meio dos sentidos das novas imagens, sons, movimento, práticas...). Dessa relação, emergiram as novas sensibilidades enredadas das transformações que alteraram a forma, a função, os sentimentos e os valores dos habitantes da cidade. Escritores locais tentaram dar significado a fenômenos desconhecidos pela maioria dos cidadãos, elaborando representações da multiplicidade de sensações novas que foram experimentadas no contato com os inventos técnicos da época.

---

<sup>309</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.



## Considerações finais



Quando somos privados de eletricidade – circunstâncias que em geral duram curtos períodos de tempo – sentimos a nossa dependência com essa forma de energia por todas as possibilidades de atividades da vida humana. Nesses momentos de suspensão de energia, a “invisibilidade” aparente desse advento técnico na sociedade contemporânea dá lugar ao sentimento de perda.

Os habitantes das cidades, que são na atualidade a maioria da população mundial, em geral não sabem o que fazer quando os falta eletricidade. Sem essa força todas as atividades programadas ficam suspensas... Paramos, reclamamos, esperamos e desejamos que rapidamente os serviços sejam restabelecidos. Esses curtos períodos de tempo são percebidos como se fossem extensas horas.

Não foi com essa mesma “naturalidade” que os habitantes da Natal no início do século XX se comportaram diante desse advento técnico. Analisar os sentimentos, comportamentos e percepções dessas pessoas com relação ao uso dessa inovação técnica ajuda-nos a entender como a eletricidade tornou-se força imprescindível à vida urbana.

A inserção de equipamentos movidos por eletricidade, lâmpadas e bondes, dentre outros elementos que foram novidades em Natal nas primeiras décadas do século XX, foram apropriados por meios dos sentidos como novas paisagens, sons, movimento, práticas... Dessa relação, emergiram as novas sensibilidades enredadas das transformações que alteraram a forma, a função, os sentimentos e os valores dos habitantes da cidade. Escritores locais tentaram dar significado a fenômenos desconhecidos pela maioria dos habitantes da cidade, elaborando representações da multiplicidade de sensações novas que foram experimentadas no contato com os inventos técnicos da época.

Desse modo, a eletricidade chegou à cidade movimentando o ritmo da vida urbana, ajudando a elaborar uma sociedade cada vez mais complexa, produzindo conseqüências materiais para a organização de uma vida tipicamente urbana.

Os benefícios dessa inovação foram gradativamente reconhecidos pela população local, como demonstram as queixas e reivindicações que acompanharam os serviços urbanos relacionadas ao uso de eletricidade, desde sua inauguração em 1911. O início do século XX em Natal foi um período de intensas modificações na cidade, realizadas em torno de ações de intervenção do Estado sobre o espaço urbano. Por meio delas emergiu uma paisagem citadina marcada por elementos de funcionalidade técnica, cortada por trilhos, tubulações e fios de transmissão de energia associada ao sonho de construção da Natal moderna, exibindo qualidades universais e cosmopolitas.

Ligando-se a essa modernização do espaço a eletricidade ajudou a tornar a cidade o espaço por excelência de novas vivências, ligadas ao mundo moderno. As pessoas foram levadas a fazer uso de novas práticas condizentes com o estilo de vida urbano, como as saídas à noite, as idas aos clubes, ao teatro e ao cinema. Para tanto, foi preciso que as pessoas se adaptassem aos novos sons, cheiros, imagens, novidades que passaram a fazer parte das experiências cotidianas e produziram novas sensibilidades.

Desse modo, a eletricidade contribuiu para a emergência de um novo homem, habitante da cidade, ampliando as possibilidades de uso dos espaços durante o turno da noite. Com as lâmpadas elétricas suspensas em postes ornados com detalhes *art nouveau*, que promoveram a iluminação de praças, parques e jardins, surgiram novas distinções entre o dia e a noite, inseridas numa lógica de separação entre o tempo do trabalho e o tempo do lazer.

O tempo e o espaço da noite se tornaram mais lentos, mais amplos, deformados pelas sombras intercaladas pelos postes de iluminação e as varandas das casas parcamente iluminadas, demarcados fortemente pelos letreiros dos estabelecimentos comerciais, fazendo emergir uma cartografia diferente. As noites parecem maiores que o dia, as multidões menos densas, o tempo mais lento. Essas transformações de espaços e tempo provocam mudanças no humor, são capazes de tornar as pessoas mais amistosas umas com as outras, um sentimento de companheirismo com o outro com quem se dividiu a noite acordado.

Esse homem urbano se constrói, tendo em vista as transformações das concepções de tempo e espaço, que se deram em várias situações cotidianas típicas do mundo urbano, estabelecidas pelo uso da eletricidade. Como vemos ilustrado no conto de

Danilo, Mlle Paragon, publicado na *Cigarra*. Os personagens, construídos pela sensibilidade do literato que percebe as mudanças que ocorrem em sua cidade, se valem do *Bond* para chegarem com rapidez ao Tirol. A pressa, a velocidade parecem ser buscadas a todo instante pelos personagens. Pressa até mesmo para o namoro, cujo tempo era milimetricamente marcado pelo relógio de ouro da Mlle Paragon.

A cidade iluminada oferecia novas oportunidades, novas experiências. A experiência da velocidade, uma das vedetes da modernidade, alterou as formas de percepção de tempo que avançava rápido. Bailes e festas, como os citadas nos contos, passeios à noite pelas praças iluminadas da cidade, a diversão no cinema, ou uma simples viagem de *Bond*, marcam um novo ritmo para a cidade, ritmo que atinge aqueles que circulam pelo espaço urbano, homens e mulheres agora viciados pela velocidade, inseridos que estão em uma nova experiência urbana.

É nesta perspectiva que aqueles que vivem essa nova experiência sentem-se extenuados com os sucessivos problemas apresentados pelos *bonds elétricos*. Desde sua chegada à cidade, esse equipamento, cuja velocidade seduzia os viajantes e promovia uma nova forma de contemplação da paisagem era, também, temido, causador que era de graves acidentes. O aumento de demanda pela velocidade, levou o bonde a tornar-se obsoleto, pois já não mais alcançavam as necessidades do crescimento da cidade.

As novas vivências, novas experiências possibilitadas com o advento da energia elétrica foram sentidas por novas formas de perceber um universo em construção, marcado pelo movimento, por um ritmo cada vez mais frenético. A relação que se constrói entre o homem e técnica ou, melhor dizendo, entre o indivíduo urbano e os adventos da técnica, se não chega a criar a fusão homem-máquina, como descrito nos versos de Jorge Fernandes – “Ligo a chave propulsora dos meus nervos” –, constrói, assim observamos, um novo indivíduo.

As relações entre energia elétrica e vida urbana em Natal contribuíram na construção de um indivíduo novo, acostumado a um ritmo de atividades diárias mais intensas, com a trepidação dos bondes, com as oscilações do foco de luz da lâmpada elétrica.

**FONTES**

A ILLUMINAÇÃO da cidade. *A Republica*, 07 de julho de 1931, p.1.

A INAUGURAÇÃO da nova iluminação pública da capital. *A Republica*, 23 de abril de 1931, p. 1.

A PROPOSITO / dos trabalhos da empresa Força e Luz e dos bondes para a Ribeira. *A Republica*, 2 mar. 1934, p. 1.

A PROPÓSITO / das esteticas das casas de natal. *A Republica*. N° 966. 4 de março de 1934, p. 7.

A REPUBLICA, n. 10, 1913

A REPUBLICA, n. 239, p. 1916.

A REPUBLICA, 1915, p. 1.

A REPUBLICA, n. 12, 1905, p. 01.

A REPUBLICA, n. 12, 1912 .

A REPUBLICA, n. 126, 1911. p. 2.

A REPUBLICA, n. 209.1911. p. 2.

A REPUBLICA, n. 214, 1911.

A REPUBLICA, n. 99, 1912.

A REPUBLICA, n. 239, 1916.

A. *Sobre as motocicletas (chronica do dia)*. *A Republica*. N° 1847. 31 de março de 1937, p. 2.

ACCACIO. *Fitas*. *A Republica*, 23 de maio de 1911, p. 1.

ACCACIO. *Obras na capital* - Interview com O Sr. Domingos Barros. *A Republica*. 19 de abril de 1911, p. 1.

ACORDO aditivo ao contrato com a "Força e Luz" e o melhoramento da iluminação urbana. *A Republica*, 18 de maio de 1934, p.1.

AINDA os melhoramentos. *Diário do Natal*, 6 out. 1911.

ALMA da cidade. *A Republica*. Natal, n. 217, 22 de julho de 1923, p. 01.

ALVES, Antonio. Editais. Prefeitura de natal. Edital. *A Republica*. Natal, 07 de agosto de 1932, p. 04.

ANNUNCIO - ALUGA-SE. *A Republica*. 8/11/1916, p. 2.

ANNUNCIO. *A Republica*. 17/10/1916, p. 2.

ANTÔNIO, Francisco. *O bond*. *A Republica*, n. 217, p. 01, 23 set. 1923.

ANTÔNIO, Francisco. *O bond*. *A Republica*. 23/9/1923, p. 1.

ARANHA, Cícero. *Solicitadas*. *A Republica*, 16 de janeiro de 1925, p. 3.

ARAUJO, Waldemar. *Afinal, quem é a victima?*. *A Republica*, Natal, 7 ago. 1935, p. 8.

ARAUJO, Waldemar. *Afinal, quem é a victima?*. *A Republica*. 7ago.1935, p. 8.

AS FESTAS DE NATAL. *A Republica*. 26 de dezembro de 1916.

AVISO. *A Republica*, 08 de outubro de 1912, p. 3.

BARBOSA, Edgar. *Variações sentimentais - o vendedor de bonecas*. *A Republica*. N° 1558. 22 de março de 1936, p. 6.

CASA Edison Garcia & C. (Eletricistas). *A Republica*. Natal, n. 242, 28 de outubro de 1916, p. 3.

CAMARA, Amphiloquio. *O Rio Grande do Norte de hoje*. As realizações do governo José Augusto. Os efeitos de uma boa politica alliada a uma boa administração. *A Republica*, 25 de novembro de 1926, p. 1.

CARVALHO, Rodrigues de. *A Cidade de Natal*. A Republica. N° 178. 27 de agosto de 1906, p. 1.

CASCUDO, Câmara. *Acta Diurna* - O Baile de 1868. A Republica. 01 Out.1939.

CASCUDO, Luís da C. *Acta Diurna* - A primeira regata em Natal. A Republica, 04 de fev. de 1940.

CASCUDO, Luís da C. *Acta Diurna* - Lourival Açucena. A Republica, 12 de jan. de 1939.

CASCUDO, Luís da C. *Acta Diurna* – Um teatro campal em dezembro de 1868, A Republica, 29 de nov. de 1939.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Musicalerias*. A Republica. N° 132. 14 de junho de 1929, p. 1.

CENTRO de Memória da Eletricidade no Brasil. *Debates parlamentares sobre energia elétrica na primeira República: o processo legislativo*. Rio de Janeiro: 1990. Autor Anor Butler Macil. Aspectos legais da energia elétrica, p.13-17.

CHOQUE DE ELÉTRICOS. *Diário do Natal*, 7 mar. 1912

CLAMA NE CESSES. *A Republica*, Natal, 12 jul. 1935, p. 2.

CLAMA ne cesses. *A Republica*. 12 jul. 1935, p. 2.

COMPANHIA Força e Luz Nordeste do Brasil - A inauguração dos seus auto-ônibus. *A Republica*., 14 de dezembro de 1929, p. 1.

CONVERSANDO no grande ponto. *A Republica*. Natal, 04 de agosto de 1936. p. 14.

D'ALBERT, Lucy. *Vida social - Av. Tavares de Lyra*. A Republica. 19 de janeiro de 1929, p. 2.

DANILO. *Cada vez pior... (sociaes)*. A republica, 7 dez. 1937, p. 12.

DANILO. Enquanto não vem o bonde.... (sociaes). A republica, 6 de agosto de 1937, p.12.

DANILO. Luz e bondes (sociaes). A Republica, 1 de junho de 1937, p. 2.

DANILO. Mais bancos tem a Pracinha...(sociais). A Republica, 5 mai. 1939, p. 12.



DANILO. Mais bancos tem a pracinha.... (sociais). A Republica. Natal, 05 de maio de 1939. p. 12.

DANILO. Mais bancos tem a pracinha.... (sociais). A Republica. Natal, 05 de maio de 1939. p. 12.

DANILO. *Mlle. Paragon*. Cigarra, 1928.

DANILO. Não destroam .... (SOCIAES). A Republica, s/d.

DANILO. *No bonde.... (socioes)*. A Republica, 28 de agosto de 1937, p. 12.

DANILO. *Sociaes - cidade grande...* A Republica. N° 1488. 27 de dezembro de 1935.

DANILO. *Sociaes - feiuras da cidade...* A Republica. N° 1482. 18 de dezembro de 1935.

DANILO. Sociaes. *A Republica*. 21 de março de 1937, p.12.

DANILO. *Vida social - avenidas ...* A Republica, 26 de maio de 1929, p. 2.

DANILO. *Vida social – Perfumes*. A Republica. N° 112. 21 de maio de 1929, p. 2.

DANTAS, Garibaldi. *O Urbanismo*. A Republica. 17 de setembro de 1929.

DANTAS, Manoel. *Os serviços da cidade*. A Republica, 15 de novembro de 1921, p. 1.

DECRETO de Lei n. 270, 1909. Natal: Typographia da Imprensa Oficial, 1910.

DECRETO de Lei n. 289, 1910. Natal: Typographia da Imprensa Oficial, 1910.

DESASTRE. *Diário do Natal*, 23 abr. 1912.

DIARIO do Natal, n. 3.881, p. 01, 1910.

DIARIO DO NATAL, n. 4.209, p. 01, 1911.

DUARTE, Dioclecio. *A Transformação de Natal*. A República. N° 2336. 3 de janeiro de 1939, p. 3.

E.T.F. e Luz Elétrica de Natal/Bonds. *A Republica*. 09 out. 1916.

ECHOS e factos. *Diário de Natal*, 18 de novembro de 1925, p. 2.

EMPRESA de Melhoramentos. *Diário de Natal*, 3 de outubro de 1911, p. 1.

EMPRESA de Melhoramentos. *Diário de Natal*, 3 de outubro de 1911, p. 1.

ENERGIA elétrica. *A Republica*. Natal, n. 156, 16 de maio de 1925, p. 02.

EX-BONDE. *A Imprensa*, 1916, p.1.

FACTOS Policiaes. *A Republica*, 22 fev.1936. p. 8.

FALLA lida a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte pelo Exmo. Sr. presidente da província, Dr. Antonio Francisco Pereira de Carvalho, no dia 15 de janeiro de 1887 ao instalar-se ela ordinariamente. [Natal] Typ. do "Correio do Natal," 1888, p. 15.

FERRO Carril do Natal. *A Republica*, 17 de junho de 1908.

Ferro Carril do Natal. *A Republica*, 17 de junho de 1908.

FILGUEIRA, Salomão. *Eletrifique a sua casa a Pernambuco Tramways*. *A Republica*. 21 de março de 1930, p.1.

FILHO, Filgueira. *Censura estetica*. *A Republica*. N° 358. 12 de janeiro de 1932, p. 1.

GOVERNO do Estado do Rio Grande do Norte. Contrato para a Luz, Força, tracção, Águas, Exgottos, Telephones etc. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp. 1913. p. 4-5.

GOVERNO do Estado do Rio Grande do Norte. Contrato para a Luz, Força, tracção, Águas, Exgottos, Telephones etc. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp. 1913. p. 9.

GOVERNO do Estado do Rio Grande do Norte. Contrato para a Luz, Força, tracção, Águas, Exgottos, Telephones etc. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp. 1913. p. 9.

Governo do Estado. *Notas Officiaes*. *A República*, 14 de janeiro de 1920.

GOVERNO do Município. *A Republica*. N. 113, ano XXXVII, 21 mai. 1925, p. 2.

ILLUMINAÇÃO publica. *A Republica*, 03 de janeiro de 1902, p 1.

ILLUMINAÇÃO Publica. *A Republica*, 17 de julho de 1901, p. 2.

ILLUMINAÇÃO publica. *A Republica*, 20 de abril de 1900, p. 1.

ILLUMINAÇÃO. *A Republica*, 25 de fevereiro de 1900, p. 2.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA, *Diário de Natal*, 15 de outubro de 1908, p. 1.

IMPORTANTE Melhoramento. *A Republica*, 12 de abril de 1900, p. 1.

INFORMAÇÃO prestada pelo sr. Prefeito de Natal. *A Republica*. 24 de setembro de 1936 , p, 11.

INSTALAÇÕES ELECTRICAS CLANDESTINAS. *A Republica*, 03 de dezembro de 1924, p.1.

Jornal A razão, 17 de setembro de 1935, p. 2.

LAMENTÁVEL DESASTRE. *Diário do Natal*, 11 fev. 1909

LINHA DE BONDES: TYROL- LAGÔA SECCA. *A Republica*, 10 de fevereiro de 1926, p. 1.

LUZ ELECTRICA NA REDINHA. *A Republica*, 20 de novembro de 1924, p. 1.

LUZ. *A Republica*, 10 de agosto de 1937, p. 1.

LUZ. *A Republica*, 11 de março de 1903, p. 1

MAIS UMA "BÔA" DA CIA. FORÇA E LUZ. *A Republica*, Natal, 16 jan. 1935, p. 1.

MATTOS, Aberlado. *Poemetos da desolação*. Cigarra, 10 de dezembro de 1928.

MENSAGEM (continuação) – Serviços urbanos de Natal: Chefe do Departamento de agricultura e Obras: Sr. Dr. Antidio de Britto Guerra. *A Republica*, 13 de novembro de 1924, p. 1.

MENSAGEM APRESENTADA AO CONGRESSO LEGISLATIVO, em 1º de novembro de 1911, pelo governador Alberto Maranhão. Typographia d'A Republica, Natal, 1911.

NATAL e os seus problemas urbanos. *A Republica*, 22 de março de 1936, p. 01 e 02.

Natal-club. *A Republica*, 23 set. 1916. p. 2.

Natal-Club. *A Republica*. 20 nov. 1916.

Natal-Club. *A Republica*. 20 nov. 1916.

NATAL-CLUB. *A Republica*. 25 de setembro de 1916.

NETO, Coelho. *A arte de ser bella*. Diário de Natal, n. 3076, ano XV, 20 nov. 1906. p. 2.

NETO. *De meu canto*. Diário do Natal, 12 de dezembro de 1911, p. 1.

NOVA fase do cinema em Natal. *Cigarra*, Natal, ano. 2, n. 4, p. 61, ago. 1929.

O “DIARIO” e a luz. *A Republica*. 27 de janeiro de 1910, ano XXII.

O BONDE. *Diário do Natal*, 13 jul. 1911

O BONDE. *Diário do Natal*, 13 jul. 1911.

O NOVO calçamento da cidade. *A Republica*, 22 de abril de 1926, p. 1.

O PIC NIC Petropolis. *A Republica*. 12 ago de 1916. p. 2.

OBRAS NA CAPITAL - interview com o Sr. Domingos Barros. *A Republica*. 25 de março de 1911.

OS BONDES não obedecem a horarios e o publico que se lixe. *A Republica*. 27 mar. 1935, p. 1.

OS BONDS, hotem, tiveram energia “a prestação”. *A Republica*. 10 jul. 1935, p. 1.

PELA CARRIL. *Diário do Natal*, 21 ago. 1909

PINTO, Lauro. Nocturno. *Cigarra*, 1928.

PROBLEMA de transporte. *Diário de Natal*, 21 de junho de 1926.

PROGRESSO e complicações! *A Republica*. N° 1400. 3 de setembro de 1935, p. 8.

PROPOSITO / dos trabalhos da empresa Força e Luz e dos bondes para a Ribeira. *A Republica*, 2 mar. 1934, p. 1.

RAMALHO, Celso Amancio. Entrelinhas / a Praia do Meio, seu panorama e seus encantos. *A Republica*, 18 de março de 1934, p. 6.

RECESEAMENTO de 1900. *A República*. N° 35. 14 de fevereiro de 1901. p. 1.

RELATÓRIO apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte, pelo Exmo. Primeiro Vice-presidente da Província, João Carlos Wanderley, no dia 3 de maio de 1850. Pernambuco, Typ. de M.F. de Faria, 1851. p. 22.

RELATÓRIO com que o Exmo. Sr. Dr. José de Oliveira Junqueira abriu a sessão da Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte em 1860. Pernambuco, Typ. de M.F. de Faria, 1860, p.10.

RELATORIO do Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, presidente da província do Rio Grande do Norte, apresentou á respectiva Assembléa Legislativa Provincial na sessão ordinária de 1861. Ouro Preto, Typ. Provincial, 1862. p. 19

REPARTIÇÃO dos serviços urbanos de Natal. *A República*, 30 de novembro de 1929, p. 1.

Revista do Centro Polymathico. Natal: Typographia “Augusto Leite”. n. 5. ago. 1921

RIO GRANDE DO NORTE. 1ª mensagem apresentada à Assembléa Legislativa do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Oficial, 1963.

RIO GRANDE DO NORTE. Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte, na sessão ordinária de 1861, pelo exmo. primeiro presidente da provincia, José Bento da Cunha Figueiredo Junior, em 1861. Ouro Preto, Typographia Provincial, 1861.

SIMPLES e confortavel. *A Republica*. 05 dez.1926, p. 4.

Solicitadas, *A Republica*, 22 de abril de 1925, p.3.

SOUZA, Antônio J. de Mello e. EDITAIS. *A Republica*, 25 de novembro de 1921, p. 1.

TIL. *Notas de um reporter*. *A Republica*, 12 de janeiro de 1911, p. 1.

TRAFEGO Urbano. *A Republica*. 13 set.1923, p. 1.

UM melhoramento... *A Republica*. N° 413. 29 de março de 1932, p. 1.

UZINA eléctrica do oitizeiro. *A Republica*. 19 de janeiro de /1928, p. 1.

VÁRIAS. *A republica*, 13 de maio de 1925, p. 2.

VÁRIAS. *A Republica*, 28 de dezembro de 1924, p. 2.

VÁRIAS. *A Republica*. 08 abr. 1925, p. 1.

VÁRIAS. *A Republica*. 24 jul. 1916, p. 2.

VÁRIAS. *A Republica*. 24 jul. 1916, p. 2.

VÁRIAS. *A republica*. 25 de setembro de 1924, p. 2.

VIDA social - a moda pelo rádio. *A Republica*. Nº 100. 05 de maio de 1929, p. 2.

VIDA social - a moda pelo rádio. *A Republica*. Natal, 05 de maio de 1929, p.02.

VIDA social - Estudantes... *A Republica*, 01 mai 1929.

VIDA Social – Vitrines. *A Republica*. Natal, 15 de junho de 1929, p.02.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de A. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: SILVA, José B. da. (Org.) *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997. p.27-52.

ALTSHULER, José. Impacto social y espacial de las redes eléctricas en Cuba. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. [ISSN 1138-9788]. Nº 18, 1998. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-18.htm>

ALVAREZ, A. *Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos*. Tradução Luiz Bernardo Pericás. Bernardo Pericás Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ANDRADE, Alenuska. Á luz da modernidade a modernidade da luz. In: FERREIRA, Angela, DANTAS, George (Orgs.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.

ARGAN, Giulio Carlo. *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

ARRAIS, Raimundo (Org.). O nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal. In: CASCUDO, Luis da C. *Crônicas de Origem: A cidade de Natal nas crônicas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

\_\_\_\_\_. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal-RN: EDUFRN, 2008, p. 05. (No prelo).

\_\_\_\_\_. Da natureza à técnica: A capital do Rio Grande do Norte no início do século XX. In: FERREIRA, Ângela Lúcia e DANTAS, George. *Surge et ambula: a construção da cidade moderna em Natal, 1890-1940*. Natal-RN: EDUFRN, 2006.

\_\_\_\_\_. *Recife, Culturas e Confrontos: As camadas urbanas na campanha salvanista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998.

ARROYO, Mercedes. Iniciativas empresariales e innovación tecnológica. la industria del gas en la España del siglo XIX. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (11), 2000. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-11.htm>, acessado em 20/08/2007.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOAS, H. S, et. al. *A percepção pública da energia: uma história cultural de São Paulo*. P. 10-11. Disponível em <http://www.fphesp.org.br/04.pdf>, acesso em 11/02/2009.

BUENO, Almir C. Antologia de Pedro Velho (verbete). In: Marcos Silva. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo-SP; Natal-RN: Perspectiva/FFLCH-USP/FAPESP;EDUFRN/Fundação José Augusto, 2003, p. 10-12.

\_\_\_\_\_. *Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal/RN: EDUFRN, 2002.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 7ª reimpressão. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 126.

CALVO, Angel. Ciudad e innovación: la formación de los sistemas telefónicos urbanos en Europa (1877-1900). In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 52, 1999. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-52.htm>

CARDOSO, Rejane (coord.). *400 nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 2000.

CASCUDO, Luís da C. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20 (organização e estudo introdutório Raimundo Arrais)*. Natal: EDUFRN, 2005.

\_\_\_\_\_. *Nosso amigo Castriciano*. 1874-1947. Reminiscências e notas. Recife: Imprensa Universitária, p.189-216, 1965.

\_\_\_\_\_. *História da cidade de Natal*. 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.

\_\_\_\_\_. *Histórias que o tempo leva...* São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1924. [Coleção Mossoroense, série C, v. 757, 1991, p. 217 – 226.]

CAVALCANTI, Jackeline P M.; FERREIRA, Zaíra Atanázio. *SESC Rio Grande do Norte: uma história de 60 anos*. Natal: SESC/RN, 2006.



CENTRO de Memória da Eletricidade no Brasil. *A vida cotidiana no Brasil Moderno: a energia elétrica e a sociedade (1880-1930)*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORBIN, Alain. *L'homme dans le paysage*. Entretien avec Jean Lebrun. Paris: Textuel, 2001.

\_\_\_\_\_. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. *Revista Brasileira de História* [online]. 2005, vol. 25, n. 49, pp. 11-31. ISSN 0102-0188. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a02v2549.pdf>. Acessado em abril de 2009.

\_\_\_\_\_. *Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORNA-PELLEGRINI. Giacomo. L'innovazione tecnologica come fattore di differenziazione territoriale e di trasformazione sociale. riflessioni generali e il caso dell'asia orientale. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (2), 2000. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-2.htm> , acessado em 16/06/2007.

COSTA, Madisleine. *Quando a modernidade vinha de bonde*. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) UFRN, Natal, 1998.

COSTA, Ricardo, J. V. da. *Habitação e modernização: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX*. Natal-RN: Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UFRN (Dissertação de mestrado). 2008.

DANTAS, Manoel. *Natal D'Aqui a Cincoenta Anos (1909)*. In: LIMA, Pedro. O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas. Natal: Cooperativa Cultural, Sebo Vermelho, 2000.

DANTAS, Ana Caroline de C. L. *Sanitarismo e Planejamento Urbano: a trajetória das propostas urbanísticas para Natal entre 1935 e 1969*. Natal: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2003 (Dissertação de mestrado).

DANTAS, George. *Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em natal nos anos 1920*. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, São Carlos/SP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Natal “caes da Europa”*: o Plano Geral de Sistematização no contexto da modernização da cidade (1929-30). Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – DARQ, CT, UFRN, 1998.

DEAN, Warren. A floresta como fonte na urbanização e na industrialização de São Paulo: 1900-1950. *Anais do 1º. Seminário Nacional de História da Energia*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade.

EDUARDO, Anna Rachel B. *Henrique de Novaes: um ilustre desconhecido no processo de saneamento das cidades brasileiras no início do século XX*. Publicação de Sessão Livre do X Encontro Nacional da Anpur, Belo Horizonte, maio de 2003. p. 15-26.

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas*. 4º ed. Natal: EDUFRN, 2007.

FERNANDEZ, Alexandre. Urbanizacion e implantacion de nuevas tecnologias urbanas: algunas reflexiones sobre los casos de burdeos y bilbao al final del siglo xix y principios del xx. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (10), 2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-10.htm>

FERREIRA, Angela L.; DANTAS, George (Org). *Surge et Ambula: A construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

FERREIRA, Angela Lúcia de Araújo; DANTAS, George A. F. Os “indesejáveis” na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. 2001. Barcelona/Espanha. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-96.htm>

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GIUCCI, Guillermo. *A viagem dos objetos. História, Ciências Saúde – Manguinhos* [online]. 2001, vol.8, p. 1071-1088. ISSN 0104-5970. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a15v08s0.pdf>, acessado em 08 de março de 2009.

GUY, Simon; MARVIN, Simon. Reestructuración de servicios esenciales: la energía en la ciudad. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788]. Nº 26, 1998. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-26.htm>.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HERSCHMANN, Micael M., PEREIRA, Carlos A. M. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.9-42.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: HUCITEC, 1998.;

IANNONE, Roberto A. *Evolução do Setor Elétrico Paulista*. Tese (Doutorado em História Econômica), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

KLEIMAN, Mauro. A modernização incompleta. As redes de infra-estrutura urbana na construção do moderno Rio de Janeiro: a cidade-das-redes e a cidade fora-das-redes. In: *Anais IV Seminário de História de Cidade e do Urbanismo*. Rio de Janeiro: PROURB, 1996, p. 761-769.

LEITE, Antonio Dias. *A energia do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEME, M. C. da S. (coord.). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAU - USP; FUPAM, 1999.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). Tradução de Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Pedro. *Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal*. Natal: EDUFRN, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e sus destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LYRA, Carlos. *Natal através do tempo*. Natal: Sebo Vermelho, 2001.

MACHADO, João Baptista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*. Natal: Depto. Estadual de Imprensa, 2000.

MAGALHÃES, Gildo. *Força e luz: eletricidade e modernização na República Velha*. São Paulo: UNESP, 2000.

MARINHO, Márcia M. F. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle poque natalense (1900-1930)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História da UFRN, Natal, 2008.

\_\_\_\_\_. Natal civiliza-se: sociabilidades e representações espaciais da elite (1900-1929). In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos/Associação Nacional de História - ANPUH, 2007.

MCDOWALL, Duncan. *Light: a história da empresa que modernizou o Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008

MONCLÛS FLAGRA, Francisco Javier. *Las ciudades españolas en la edad contemporánea: procesos de crecimiento y estrategias urbanas*. Córdoba: Actas del Congreso Córdoba en la historia: la construcción de la urbe. 1997.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. 3 ed brasileira. Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NAHM, Gerardo. Las inversiones extranjeras y la transferencia de tecnologia entre europa y america latina: el ejemplo de las grandes compañías electricas alemanas en argentina. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788]. Nº 1, 1997. Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-1.htm>

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 25.

PESAVENTO, S. J. ; LEENHARDT, J. . *Imaginário da cidade: representações do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre)*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.

PESAVENTO, S. J. A construção da diferença: cidadania e exclusão social/A geografia da exclusão. In: \_\_\_\_\_. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 8, n-16, 1995, p.279-290.

POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil. 1922.

RIBEIRO, Luiz César de Q.; CARDOSO, Adauto L. Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In: RIBIERO, Luiz César de Q.; PECHMAN, Robert. *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 53-78.

ROCHA, Amara S. de S. A sedução da luz: Eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. *Revista de História Regional*. Vol. 2. n. 2. 1997. Disponível em <http://www.rhr.uepg.br/v2n2/amara.htm>. Acessado em 20/04/2003.

ROCHA, Amara S. de Souza. Luzes da ribalta: a chegada da energia elétrica no Rio de Janeiro foi recebida de modo contraditório, entre o encanto com a novidade e os protestos da população. *Revista de Historia da Biblioteca Nacional*. 01 de outubro de 2006. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home>. Acessado em 04/03/2009.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: o nascimento do consumo séc. XVII-XIX*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*.

RYBCZYNSKI, Wiltord. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *As cidades capitais do século XIX*. São Paulo: EDUSP.

SANTOS, Pedro A. de Lima. *Estado e Planejamento: A experiência dos planos diretores de Natal: 1974/1984*. Natal. Dissertação (Mestrado em ciências sociais) – UFRN, 1989.

SCHWARCZ, Lilia M., COSTA, Ângela M. da. *1890-1914: tempo das certezas. Reflexões sobre o Brasil da era da ciencia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do rio. In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-619. (Coleção, Volume 3).

\_\_\_\_\_. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 11-25.

SOUZA, Eloy de. *Costumes Locais*. Natal: Verbo; Sebo Vermelho. 1999. p. 18-19.

SOUZA, Henrique Castriciano. Aspectos Natalenses. In: ALBURQUERQUE, José G. *Seleção*. Natal: s/editora. 1993.

SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930*. Brasília: Centro Gráfico do Senado. 1989.

SPIX, Von; MARTIUS, Herbet. *Viagem pelo Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro, 1938.

STALLYBRAS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SÜSSEKIND, *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

UEDA, Vanda. A implantação do telefone: o caso da companhia telefônica melhoramento e resistência - pelotas/brasil. In: *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 46, 1999. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-46.htm>.

VELLOSO, Verônica Pimenta. A eletricidade no Brasil sob a perspectiva da história social. *Hist. cienc. saude-Manguinhos.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-9702002000300012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-9702002000300012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 31 Mar 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0104-59702002000300012

WEID, Elisabeth Von Der. A interferência da eletrificação sobre a cidade. Rio de Janeiro (1857-1914). In: V Congresso Nacional de História Econômica e VI Conferência Internacional de História de Empresas. Caxambu-MG: ABPHE – Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2003. Disponível em [http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe\\_2003\\_35.pdf](http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_35.pdf), Acessado em 07 de junho de 2009.